

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Javiera Rojas del Río

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A EMERGÊNCIA DIALÓGICA DE REGRAS MESOANALÍTICAS, BASEADAS
NOS PRINCÍPIOS DE HOSPITALIDADE E HOSTILIDADE NUMA
COMUNIDADE URBANA: O CASO DA CIDADE ABERTA, VALPARAISO,
CHILE.

Porto Alegre

2015

Javiera Rojas del Río

A EMERGÊNCIA DIALÓGICA DE REGRAS MESOANALÍTICAS, BASEADAS
NOS PRINCÍPIOS DE HOSPITALIDADE E HOSTILIDADE NUMA
COMUNIDADE URBANA: O CASO DA CIDADE ABERTA, VALPARAISO,
CHILE.

Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Eugenio Avila Pedrozo.

Porto Alegre

2015

FOLHA DE APROVAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Conceito final:

Data:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Eugenio Avila Pedrozo (orientador): _____

Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

Prof^a. Dr^a. Tania Nunes: _____

Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

Prof. Dr. Paulo Reyes: _____

Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

Prof. Dr. Luís Felipe Nascimento: _____

Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à UFRGS e à Escola de Administração, por terem me aberto às portas a um caminho de aprendizagem novo e cheio de desafios.

Agradeço também a meu Professor Eugenio e à Professora Tânia por terem me mostrado um espaço de hospitalidade dentro da Escola de Administração, e por haverem me acompanhado no processo tanto pessoal como acadêmico como mestrandia. Muito obrigada, professor Eugenio, por compartilhar todo seu conhecimento, o que admiro e sinto o privilégio de observar de perto.

Agradeço a Lina Mazo, Ana Jaramillo, Natalia Winkler e Carol Turcato, por terem sido cúmplices em todo o processo, pela sua generosidade e alegria.

Agradeço a minha família chilena, que mesmo desde longe senti sempre perto e respeitando a minha liberdade, acompanharam esta aventura. Cada um deles sabe por que são fundamentais para mim, e neste passo, sinto a sua força de meu lado. Especialmente nesta ocasião agradeço a minha mãe por ter me aberto os olhos para a Sustentabilidade, com o seu exemplo e atitudes inovadoras com relação à vida e ao planeta. A meu pai agradeço ter-me demonstrado que ser aluno permanentemente conduz a uma plenitude que vale a pena conquistar.

Agradeço a minha Escola de Arquitetura e Design da PUCV, pelos anos em que fui parte daquele grupo único e maravilhoso de pessoas, e pela generosidade com que permitiram que realizasse o trabalho de pesquisa na Comunidade da Cidade Aberta, em Valparaíso.

Agradeço por último a minha família gaúcha, meu marido Tomas Rech e filho Santiago del Rio. O amor deles faz com que todo esforço tenha sentido e toda conquista comemorada, sou feliz por tê-los ao meu lado. Deus sabe que ter conseguido cursar o mestrado foi um trabalho de equipe, que nos prepara para novos e maiores desafios.

RESUMO

As comunidades urbanas enfrentam hoje o desafio de dar lugar aos atos urbanos decorrentes da globalização, mobilidade, mudanças e, mais contemporaneamente, a discussão sobre sustentabilidade e a emergente sócio sustentabilidade.

Levar essas discussões possibilita uma revisão desses atos urbanos, num contexto de problemáticas urbanas complexas, para novos atos urbanos. Isso requer uma abordagem transdisciplinar, que na presente pesquisa, vinculou urbanismo, administração e economia. Esse novos atos urbanos, requerem que se ultrapassem abordagens que tratem apenas no nível micro ou macro, por isso procurou-se trabalhar na emergência de regras, incluindo-se uma preocupação de nível mesoanalítico, caracterizando-se como uma abordagem multinível, o que permite captar a evolução da comunidade urbana estudada.

Nesse contexto de crescente complexidade, foi escolhida a coexistência simultânea ou dialógica da hospitalidade e da hostilidade, juntamente com outros princípios da complexidade moriniana. Isso permite uma ligação para as discussões emergentes sobre sustentabilidade e sócio sustentabilidade urbana, cada vez mais requeridos para o comportamento cívico contemporâneo.

Assim, como objetivo geral busca-se analisar como os princípios de hospitalidade e hostilidade podem contribuir para o entendimento e emergência de regras mesoanalíticas nos novos atos urbanos, numa lógica complexa da emergente discussão de desenvolvimento sócio sustentável de uma comunidade urbana. Trata-se de um estudo de caso, utilizando-se análise de natureza qualitativa, utilizando-se dados primários e secundários. O objeto a ser analisado é a Cidade Aberta, um campo de experimentação da arquitetura e *design*. É uma comunidade urbana de aproximadamente 40 pessoas (e suas famílias) reunidos a partir do ano 1971 na Cooperativa Amereida (hoje Corporação Cultural Amereida) com a compra de um sítio de 270 ha ao norte do rio Aconcagua, Ritoque, Valparaíso. Chile. A comunidade é composta principalmente de arquitetos, designers e poetas que são professores e alunos da Escola de Arquitetura de Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso, Chile. Tendo na sua origem algumas características únicas, para uma comunidade urbana, pois procurou se orientar por uma inspiração poética, criativa e de abertura.

Na base de uma crítica ao atual modelo de sócio sustentabilidade da cidade de Vancouver, Canadá, é realizada a análise das regras mesoanalíticas presentes hoje na Cidade Aberta, apresentando-se uma nova representação que pretende contribuir com as problemáticas particulares do contexto de cidades latino-americanas. A proposição é feita à luz da teoria da complexidade, mostrando-se a necessidade de entender os novos atos urbanos, especialmente a dialógica entre os princípios de hospitalidade e hostilidade como primeiro passo das transformações da sociedade civil, por meio de regras que emergem no nível mesoanalítico de relacionamento entre os níveis micro e macro. Nos resultados observou-se a relevância de alguns temas emergentes na distinção de regras mesoanalíticas, tais como: A importância do processo de aprendizagem da Sócio Sustentabilidade para o futuro da comunidade; a inspiração poética da comunidade que permite um olhar complexo e dinâmico de sua cotidianidade; o processo de tomada de decisão próprio deles, em que o consenso determina os passos a serem dados em todos os âmbitos de seu desenvolvimento, em reuniões internas, chamadas de Ágoras, convocadas periodicamente; perda gradativa da buscada abertura e hospitalidade inicial por intermédio de novas regras mesoanalíticas mais estritas. Futuras pesquisas podem verificar a importância na aplicação deste modelo, por exemplo, no desenvolvimento de políticas públicas, e sua adaptabilidade em diferentes comunidades urbanas.

ABSTRACT

Urban communities today are challenged to make way for urban acts arising from globalization, mobility, change and, more contemporarily, the emerging discussion about sustainability and social sustainability.

These discussions provide a review of these urban acts in a context of complex urban issues, to new urban acts. This requires a multidisciplinary approach, which in this study, linked urban planning, administration and economy. These new urban acts, require approaches that exceeds the address only at the micro or macro level, so we tried to work on emergency rules, including a mesoanalytic level of concern, being characterized as a multilevel approach, which allows capture the evolution of the studied urban community.

In this context of increasing complexity, simultaneous or dialogical coexistence of hospitality and hostility was chosen, along with other principles of morianian complexity. This allows a connection to emerging discussions on sustainability and social and urban sustainability, increasingly required for contemporary civic behavior.

Thus, the general objective get to analyze how the principles of hospitality and hostility may contribute to the understanding and emergency of mesoanalytic rules in the new urban acts in a complex logic of the emerging discussion of sustainable social development of an urban community.

This is a case study using qualitative analysis, using primary and secondary data. The object to be analyzed is the Open City, an experimental field of architecture and design. It is an urban community of about 40 people (and their families) gathered from the year 1971 at the Cooperative Amereida (today Cultural Corporation Amereida) with the purchase of a 270 ha site north of the river Aconcagua, Ritoque, Valparaiso, Chile. The community is mainly composed of architects, designers and poets who are teachers and students of the Pontifical School of Architecture and Design of the Catholic University of Valparaiso, Chile. Having its origin some unique features for an urban community as it sought to be guided by a poetic inspiration, creativity and openness.

On the basis of a critique of the current model of social sustainability of the city of Vancouver, Canada, is carried out the analysis of mesoanalytic rules present today in Open City, presenting a new representation that aims to contribute to the particular problems of the context of Latin American cities. The proposition is made in the light of complexity theory, showing the need to understand the new urban acts, especially the dialogue between the principles of hospitality and hostility as the first step of civil society changes through rules that emerge in the mesoanalytic level of relationship between the micro and macro levels. Results show the relevance of some emerging issues in distinguishing mesoanalytic rules such as: The importance of the process of learning social sustainability for the future of the community; poetic inspiration community that allows complex and dynamic look of the daily life; the process of making their own decision, in which consensus determines the steps to be taken in all areas of their development, in internal meetings, called Ágoras, convened periodically; gradual loss of sought openness and initial hospitality through new stricter mesoanalytic rules. Future research can verify the importance of the application of this model, for example, the development of public policies, and its adaptability in different urban communities.

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E QUADROS

Figura 1. Importância relativa das diferentes dimensões do desenvolvimento sustentável.....	22
Figura 2. Modelo de sustentabilidade social da cidade de Vancouver.....	25
Figura 3. Círculo tetralógico.....	28
Figura 4. Estrutura analítica de meso trajetória.....	30
Figura 5. Taxonomía de reglas.....	31
Figura 6. Framework teórico.....	35
Figura 7. Fotografias arquivo EAD. (Cotidianidade da EAD e Atividades acadêmicas)	44
Figura 8. Fotografias arquivo CA. (Hospedeiras e atividades cotidianas da CA)	47
Figura 9. Localização da CA e a EAD na Região de Valparaíso, Chile.	47
Figura 10. Infográfico da Cidade Aberta. Projeto parque cultural e recreativo Amereida (7ª etapa).....	52
Figura 11. Detalhe 1 de Infográfico. Descrição e localização CA.....	53
Figura 12. Detalhe 2 de Infográfico. Corporação Cultural Amereida.....	53
Figura 13. Detalhe 3 de Infográfico. Atividades CA.....	54
Figura 14. Detalhe 4 de Infográfico. Hospedarias CA.....	55
Figura 15. Detalhe 5 de Infográfico. Esculturas CA.....	56
Quadro 1 : Regras e recomendações a visitantes da CA.....	79
Figura 16. Fotografia ateliê dos protótipos.....	80
Figura 17. Fotografia Ateliê do Escultor.....	81
Figura 18. Fotografia Hospedaria dos Designs.....	81
Tabela 2. Análise das principais ideias de cada princípio da Teoria da Complexidade na comunidade da CA, Valparaíso, Chile.....	87
Figura 19. Regras meso analíticas da sociedade civil – Adaptado da taxonomia de regras de Dopfer.....	88
Figura 20. Adaptação do modelo de sustentabilidade social da cidade de Vancouver na dialógica dos princípios de hospitalidade e hostilidade contemporânea.....	90

Figura 21. Modelo de SSU complexa e multinível.....93

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1. Hostilidade, hospitalidade, e o conceito emergente da Sócio Sustentabilidade Urbana. .	19
2.2. Teoria da Complexidade	26
2.3. Análise multinível.	29
3. FRAMEWORK PROPOSTO	33
3.1. Relação das novas teorias para a análise da emergência dialógica de regras mesoanalíticas baseadas nos princípios de hospitalidade e hostilidade.	33
3.2. Relação entre as teorias de Complexidade e Multinível.	33
3.3. Framework geral.	34
4. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
4.1. Postura epistemológica.....	36
4.2. Método geral de pesquisa.....	37
4.3. Tipo de pesquisa.....	38
4.4. Objeto de pesquisa: Cidade Aberta de Amereida (CA). Valparaíso. Chile.....	38
4.5. Coleta de dados.	39
4.6. Nível de pesquisa: Exploratória.	41
4.7. Análise interpretação e apresentação dos dados coletados.....	41
5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	43
5.1. DESCRIÇÃO DA ESCOLA DE ARQUITETURA E DESIGN DA (EAD) DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDAD CATÓLICA DE VALPARAÍSO (PUCV) CHILE.....	43
5.2. DESCRIÇÃO DA CIDADE ABIERTA (CA) DE AMEREIDA. RITOQUE. VALPARAÍSO. CHILE.....	46
5.2.1. O construído da CA.....	48
5.2.2. Os atos ou atividades da CA.	50
5.3. TRANSBORDAMENTO DA EAD PARA A CA.....	56
5.4. ANÁLISE DA CIDADE ABERTA	58
5.4.1. HOSPITALIDADE, HOSTILIDADE E SOCIO SUSTENTABILIDADE PRESENTES NA CA.....	58
5.4.2.1. Inspiração poética da comunidade da CA.	62
5.4.2.2. Escala da CA comparativamente com outras escalas (tamanhos) de cidade contemporânea.	63
5.4.2.3. O processo de tomada de decisão na CA sobre a ótica da SS definida por Mackenzie.	65
5.5. ANÁLISE MULTINÍVEL DA CA.....	68
5.5.1. Descrição geral do modo de análise	68
5.5.2. Regras Cognitivas do Cidadão.	68
5.5.2.1. Concepção de dispositivos.	68

5.5.2.2. Modelos mentais	69
5.5.2.3. Modelos de aprendizagem.....	70
5.5.2.4. Heurísticas.....	71
5.5.2.5. Algoritmos.....	72
5.5.3. Regras Comportamentais do Cidadão / Regras Comportamentais Organizacionais.....	73
5.5.3.1. Comportamento individual.....	73
5.5.3.2. Criação e adoção da regra.	74
5.5.3.3. Comportamento coletivo.....	75
5.5.3.4. Dependência da frequência da regra.	76
5.5.3.5. Parâmetro comportamental.	76
5.5.4. Regras Técnicas Organizacionais.....	77
5.5.4.1. Artefatos.....	77
5.5.4.2. Arquitetura organizacional.....	77
5.5.4.3. Produção de tecnologia, design, máquinas e equipamentos.....	79
5.5.5. Mesotrajatória.....	82
5.6. ANÁLISE COMPLEXO DA CA.	84
5.7. MODELO DE EMERGÊNCIA DIALÓGICA DE REGRAS MESOANALÍTICAS, BASEADAS NOS PRINCÍPIOS DE HOSPITALIDADE E HOSTILIDADE.	87
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
6.1. A importância de reconhecer um modelo de emergência dialógica de regras mesoanalíticas baseadas nos princípios de hospitalidade e hostilidade nas comunidades urbanas.	94
6.2. As regras de como uma fonte de administração clara é aplicável a comunidades urbanas de países latino-americanos tanto como em contextos urbanos mais desenvolvidos.....	94
6.2.1. A escala da SSU.....	94
6.2.2. Um modelo diferente de democracia de consenso.	95
6.2.3. A importância do processo de aprendizagem.....	95
6.2.4. O que mantém uma comunidade unida no tempo (filosofia, religião, princípios, etc.).	95
6.2.5. Espaços públicos e privados adequados à nova dinâmica de cidade contemporânea que acolhe fisicamente e socialmente novos atos urbanos.....	96
7. REFERÊNCIAS	97
8. ANEXOS.....	103
ANEXO 1: ROTEIRO ENTREVISTAS.....	103
ANEXO 2: LISTA COMPLETA DE MORADORES ATUAIS DA CA.....	105
ANEXO 3. ENTREVISTAS.....	106

1. INTRODUÇÃO

Hoje perto de 50% da população mundial, ou 3,5 bilhões de pessoas, vivem em cidades, e de hoje até 2015, a população urbana mundial vai aumentar em 84% para cerca de 6,3 bilhões. Isso significa que na metade deste século a população urbana do mundo será o mesmo tamanho total da atual população mundial em 2004 (ONU, 2010).

O crescimento urbano gera tanto custos e benefícios. A concentração de tais grandes populações nas cidades, devido à migração rural e a busca contínua para o crescimento econômico, traz consequências significativas para o mundo inteiro em termos de impacto ambiental (SATTERTHWAITE, 2007).

Este cenário é parte de um discurso que vem com a revolução industrial, quando as atividades humanas começaram a ter um impacto significativo sobre o ecossistema da terra, o que conhecemos como a era do antropocentrismo. (HODSON, MARVIN, 2010).

Sob outro ponto de vista, aprofundando no conceito de comunidade urbana contemporânea, existe uma metáfora de cidade Cyborg, criatura metade organismo e metade máquina, que representa a fusão do anacronismo derivado da guerra fria das ciências com uma nova geração cibernética do século XX (GANDY 2004).

Assim, as categorias de real e virtual aparecem interconectadas na experiência urbana de hoje, aparecem novos tipos de atos, que reúnem um discurso técnico e estético, de um lado, e um reino abstrato e intersubjetivo por outro.

Além de oferecer oportunidades de emprego e de enriquecimento, as cidades constroem o contexto físico das várias comunidades urbanas. Nas últimas décadas, em todo o mundo, esta estrutura pública de cidades, o espaço entre o edifício e construção, foi seriamente danificado e corroído. (ROGERS, GUMUCHDJIAN, 2000)

As cidades têm crescido e mudado para se tornar estruturas tão complexas e rígidas de modo que se torna difícil de lembrar que sua existência se justifica para atender, sobretudo, as necessidades humanas e sociais das comunidades; na verdade, muitas vezes elas falham neste ponto. (ROGERS, GUMUCHDJIAN, 2000)

Todas essas características revelam o valor de um olhar capaz de compreender a complexidade de todas as variáveis que fazem parte da grande tarefa da sustentabilidade no contexto das comunidades urbanas contemporâneas.

Nas discussões de urbanismo, Salingeros (2000) explica que a coerência urbana da grande escala só pode se basear na consistência da escala micro. Reflexão surgida após relacionar a teoria da interação de sistemas complexos para as realidades observadas na geometria atual das cidades. A posição deste autor, longe do urbanismo tradicional, é chave para abrir um caminho a partir dos encontros entre as pessoas e as conexões urbanas em todas as escalas, alcançando assim a reconstrução participativa da cidade.

Quando nos lembramos de que as cidades foram constituídas quando do sedentário surgiu uma necessidade de espaço compartilhado por todos, deixando atrás o temo do nomadismo, é surpreendente observar hoje um espaço urbano que dá origem a um ser humano em parte sedentário e em parte nômade. Assim aparecem novos problemas, e a necessidade de representar de novas maneiras esses problemas, próprios da era da globalização.

As comunidades urbanas enfrentam hoje o desafio de integrar novos atos urbanos decorrentes da globalização, mobilidade e mudança constante, bem como um novo sentimento de pertencimento da cidade, também a contínua imposição de tendências externas a culturas locais.

É um desafio interessante à luz do conceito da sustentabilidade, que tem a oportunidade de emergir neste ponto de inflexão e adaptação a tempos novos, e crescer na aceitação e consideração dos novos atos e, porém, novas problemáticas urbanas.

Novas cidades hiperfuncionais apresentam um espaço público que tem subestimado a escala macro. Macroestruturas e uma construção exagerada de espaços monumentais que não recebem os cidadãos com conforto, dificultando o principal ato urbano: o encontro entre as pessoas. Isto acrescenta percepções e atitudes frente à cidade ligadas a um princípio de hostilidade (emergente da nova atitude pós-industrial).

As cidades, como centros de inovação, estão enfrentando mudanças ambientais e socioeconômicas nos últimos 40 anos, considerando a mudança de clima, o aumento dos preços da energia, mudança demográfica, aumento da densidade populacional, inclusão social, tecnologia de informação, globalização e competitividade global.

Especialmente na América Latina, a sociedade civil muitas vezes não pode participar das mudanças pela velocidade em que elas ocorrem, e também por serem modelos impostos de outras culturas. A globalização também não promove o pensamento crítico que não é sempre construtiva, e que desencoraja a melhorar o nosso ambiente.

Há poucos lugares que promovem a privacidade na cidade. Antes eram lugares dedicados a fins religiosos como templos e igrejas. Hoje, faz falta a reflexão, tanto individual e grupal, conforme necessário para melhorar a qualidade de vida da sociedade.

Tudo isso faz parte de uma primeira linha de ação da cidadania com base em um **princípio de hostilidade** contemporânea. Contrariamente, em comunidades urbanas latino-americanas diariamente nos surpreendemos com novas práticas sociais, que surgem da sociedade civil local, orientadas ao comprometimento com o ambiente e a comunidade, podendo-se apresentar como um campo de pesquisa interessante, no meio da hostilidade anteriormente descrita. Práticas que de maneira endógena (que nascem na iniciativa local, para conseguir um objetivo comum) se encaminham para grandes pontos-chaves já desenvolvidos por programas sustentáveis para as cidades. Este segundo eixo é inspirado no **princípio de hospitalidade** (próprio do contexto urbano) estudado nesta pesquisa, que em qualquer outro contexto já tem sido definido por Edgar Morin como o grande princípio de solidariedade, que nos permitiria avançar por uma nova ética adequada aos tempos atuais (MORIN 2004).

A dinâmica da cidade fundada nos princípios de hospitalidade e hostilidade contemporânea revela novos códigos de comportamento, novos atos urbanos e finalmente novas práticas sociais urbanas.

Retomando o tema da Sustentabilidade, definida pela primeira vez há 30 anos, é amplamente aceita como um importante quadro conceitual para posicionar a política de desenvolvimento urbano, fornecendo o contexto para uma literatura considerável sobre planejamento, arquitetura e urbanismo (WILLIAMS 2000)

As agendas políticas têm se focado em como criar e manter um desenvolvimento sustentável urbano, e muitas outras conceituações teóricas de como a transição da cidade deve ser formulada, considerando a realidade tanto de países desenvolvidos como de países em desenvolvimento (DIXON 2011).

Desde o final da década dos 90, sustentabilidade tem sido um objetivo generalizado de planejamento urbano (YUNG, CHAN & XU, 2011), e dado o crescimento da população, as cidades desempenham papéis imperativos no desenvolvimento sustentável (GHAHRAMANPOURI, LAMIT e SEDAGHATNIA, 2013, DEMPSEY 2009).

Estudiosos acreditam que, quanto ao aspecto social da sustentabilidade, ainda há incertezas na definição, critérios e sistemas de medição. Visando o aspecto social da sustentabilidade, duas interpretações podem ser identificadas, seja relacionado ao pilar ambiental ou distinto do ambiental e econômico (MCKENZIE, 2004).

O ser humano é o foco principal na definição do conceito de sustentabilidade, mas ainda menos atenção tem sido dada para a definição de sustentabilidade social em disciplinas de ambiente construído (DEMPSEY 2009). Considerações distintas de sustentabilidade social são observadas dentro de estudos urbanos (DAVIDSON 2009), enquanto elas têm sido largamente divorciadas do debate ambiental (DAVIDSON 2010). Durante a última década, os estudiosos de diferentes disciplinas e interesses discutiram a sustentabilidade social (GHAHRAMANPOURI, LAMIT e SEDAGHATNIA, 2013).

Através da primeira interpretação, o pilar social foi considerado como uma ferramenta auxiliar para o desenvolvimento sustentável. Ele fez com que o pilar social fosse posto de lado e a sustentabilidade ser “de-socializada” (MALOUTAS, 2003). Esta perspectiva resulta do peso normativo do pilar ambiental (DAVIDSON, 2009).

Em seguida, os estudiosos reconheceram o papel fundamental dos aspectos sociais e através da segunda interpretação, eles tentaram discutir a sustentabilidade social distinta da sustentabilidade ambiental ou econômica (MCKENZIE, 2004). Isso levou a sustentabilidade a ser "re-socializada" (MALOUTAS, 2003) e o aspecto social a ser considerado como o objetivo do desenvolvimento sustentável (GHAHRAMANPOURI, LAMIT e SEDAGHATNIA, 2013).

O fato de que o comportamento da sociedade civil contemporâneo esteja alinhado com a causa da sustentabilidade seja amplamente incorporado nas políticas de diferentes países e organizações, não quer dizer que esteja claramente definido ou aceito, mas sim convida a um maior entendimento das diversas regras que emergem na construção de sociedades sustentáveis. As bases do princípio de hospitalidade e hostilidade

anteriormente descritas acusam a emergência da consideração do fator “social” no caminho ao desenvolvimento sustentável como um todo, e especialmente a sociedade civil como gestora deste compromisso com as futuras gerações.

Porém, qualquer passo a dar na direção da sócio sustentabilidade urbana começa por refletir sobre a nova maneira em que acontecem os atos públicos ou íntimos nas cidades, dadas estas características anteriormente apresentadas.

Trazer o comportamento do homem no debate do futuro urbanismo conduz a um entendimento harmonioso em linha com o desenvolvimento sustentável, e consciente com as dificuldades de nosso tempo para lidar com as grandes metas que a sustentabilidade, como um todo, busca.

Porém, além da relação que existe entre os novos códigos e regras de hospitalidade e hostilidade contemporânea e as novas práticas de sócio sustentabilidade, baseado numa visão sistêmica e evolucionária para compreender o percurso, é necessário pensar como as regras emergem e evoluem no tempo e nos diferentes espaços. Isso requer percorrer os diferentes níveis envolvidos nesses atos urbanos, incorporando sucessivamente os níveis de análise micro-meso-macro (DOPFER, 2004), porém, tendo-se como foco o mesonível, no intento por representar novos problemas e assim poder avançar na solução daqueles problemas próprios da cidade contemporânea.

A maioria dos estudos atuais com foco na sócio sustentabilidade urbana tem considerado com maior protagonismo os níveis micro e macro para formular novos programas de desenvolvimento para as cidades. Tomando em conta, por exemplo, no sentido macroprincípios globais e não os princípios próprios de cada localidade e no sentido da microescala, optando por impor condutas a grupos de pessoas sem ter considerado o percurso das suas próprias regras. A análise do mesonível empreendido na presente pesquisa, oferece uma lente adequada para enfrentar a complexidade adaptativa, aberta e complexa do sistema urbano, bem como acontece no campo dinâmico da economia, e oferece uma ordem, na forma de novos atos coletivos, a poder ser seguidos por cidadãos ou organizações.

O olhar do desenvolvimento sustentável urbano requer um olhar complexo diferente da lógica pós-industrial e mecanicista que rege o mundo atual. Retomando o valor das partes junto com o valor do todo.

Morin (2013) propõe complementar a noção de desenvolvimento sustentável com a ideia de envolvimento. Isso considerando a proteção das comunidades, salvaguardando as qualidades que o desenvolvimento tende a destruir, e incorporando os valores não materiais.

A base social de uma época anterior está caindo aos pedaços, e fomos deixados coletivamente à deriva em um mundo onde as regras de interação social anteriores não se aplicam mais. (FORREST E KEARNS 2001).

A perspectiva francesa de Edgar Morin, especificamente, Teoria da Complexidade, expressa em maiores detalhes na teoria através de oito princípios: sistêmico ou organizacional, hologramático, retroativo, recursivo, auto-eco-organização, dialógico, a reintrodução do pesquisador na análise, e de autoética. Estes princípios fornecem uma lente que permite realçar a grandeza das partes (pessoas físicas), como um todo, dada a sua riqueza reflexiva. Isso introduz o processo de conhecimento na análise de problemas atuais (BARIN-CRUZ, PEDROZO; ESTIVALETE, 2006). Na presente pesquisa, esses princípios foram direcionados para os problemas do espaço público urbano, com foco nos novos atos urbanos. Além disso, é necessário ligar os diferentes níveis dos novos atos urbanos, inserindo-se o nível meso.

Assim, na presente pesquisa, como objetivo geral busca-se analisar como os princípios de hospitalidade e hostilidade podem contribuir para o entendimento e emergência de regras mesoanalíticas nos novos atos urbanos, numa lógica complexa da emergente discussão de desenvolvimento sócio sustentável de uma comunidade urbana.

O objeto a ser analisado é a comunidade urbana da Cidade Aberta de Valparaíso, um campo de experimentação arquitetônica, situado em Quintero, V Região, Chile, na qual habitam os professores e alunos da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Valparaíso, reunidos desde o ano 1971 na Cooperativa Amereida. Um dos princípios que foi definido dentre outros na origem desta comunidade – cidade foi a hospitalidade, o que o constitui como um espaço único para observar com base no questionamento apresentado na presente pesquisa.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- a. Identificar a presença dos princípios de hospitalidade e hospitalidade como base de uma de uma lógica de sócio sustentabilidade urbana na comunidade urbana da Cidade Aberta de Valparaíso.
- b. Propor uma nova representação da emergência dialógica de regras

mesoanalíticas, baseadas nos princípios de hospitalidade e hostilidade no contexto de comunidades urbanas atuais.

- c. Descrever como novas regras, no nível mesoanalítico, emergem e evoluem na sociedade civil em direção à sócio sustentabilidade.

Segue a descrição de algumas contribuições que justificam a presente pesquisa, considerando a problemática acima descrita e conforme os objetivos apresentados:

Como a maioria dos estudos tem sido feitos em relação a contextos de comunidades urbanas de países desenvolvidos, há uma lacuna em relação aos estudos de sustentabilidade social nos países em desenvolvimento e nos países menos desenvolvidos, que precisam ser discutidos mais especificamente (GRAHAMANPOURI, LAMIT, SEDENGHATNIA, 2013).

Nos debates relacionados à sustentabilidade social urbana, o principal foco era a comunidade como o núcleo principal, mas, recentemente, a abordagem local com base no conceito é cada vez mais considerada nas discussões. Com base em macro (país e cidade) para micro (zona urbana, bairro, prédio) unidades urbanas, a maioria dos estudos sobre a sustentabilidade social têm-se centrado sobre a cidade e bairro e muitas vezes contêm debates comunitários relacionados. Mais recentemente, há algumas discussões sobre abordagens do lugar com base de sustentabilidade social que visam diferentes tipos de categoria de distrito urbano. Tais estudos estão aumentando em número, mas ainda são menos frequentes (GRAHAMANPOURI, LAMIT, SEDENGHATNIA, 2013). Portanto, a sustentabilidade social de lugares urbanos, o espaço especificamente público, é tema de interesse desta pesquisa.

O planejamento urbano orientado à sustentabilidade como um todo não tem considerado as regras que aparecem num espaço transfigurado pela globalização e pela intersubjetividade imperante de nosso tempo. É preciso entender estas novas regras, onde elas emergem, para poder redefinir regras coerentes com princípios, valores e enfim objetivos que promovam a participação de todos os cidadãos.

Neste contexto as Teorias de Complexidade e micro-meso-macro, podem contribuir na articulação destes assuntos, outorgando valor às regras e ao espaço complexo onde elas emergem.

Reconhecer o princípio de hospitalidade no contexto urbano é um forte ponto de partida para orientar o comportamento da sociedade civil, muito além de qualquer política circunstancial, mobilizada por interesses grupais por sobre os interesses comuns. Não existe literatura que relacione o conceito da hospitalidade com a sócio sustentabilidade urbana. Nesse sentido a presente pesquisa se aproxima ao tema da ética cívica, relacionada ao desenvolvimento sustentável, na busca por esclarecer o conhecimento que conduza a soluções práticas e conscientes com cada contexto urbano, considerando a fonte (princípios) regeneradora das ações e práticas da sociedade civil.

Na continuação se abre a discussão presente na literatura com respeito à presença dos princípios de hostilidade e hospitalidade nas cidades contemporâneas junto com a revisão do tema emergente da Sócio Sustentabilidade Urbana (SSU). Posteriormente e revisada a Teoria micro-meso-macro, junto com a Teoria da Complexidade a fim de entender o cenário Sócio Sustentável urbano atual.

Logo após a revisão teórica, é apresentado um framework teórico que reúne as ideias principais da teoria como base da presente pesquisa. Segue a metodologia e procedimentos metodológicos aplicados, que permitirão desenvolver, na sequência, a análise e interpretação dos resultados e propor um novo modelo de sócio sustentabilidade complexa adequado para as cidades latino-americanas Finalmente são descritas as considerações mais relevantes a partir dos resultados conseguidos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

São apresentados aqui os principais conceitos que serão trabalhados e analisados durante a realização da pesquisa, que são os princípios da hospitalidade e hostilidade junto com o conceito de desenvolvimento sócio sustentável, como também as Teorias da Complexidade e Micro-meso-macro (Análise multinível), que foram combinadas a partir de suas características significativas para pesquisar a complexidade atual que observamos nas comunidades urbanas. Por fim, é apresentado um framework geral da pesquisa.

2.1. Hostilidade, hospitalidade, e o conceito emergente da Sócio Sustentabilidade Urbana.

De acordo com a ideia do surgimento de novos atos urbanos, próprios da globalização, então é possível identificar novos códigos e regras de comportamento a serem estudadas.

Porém, os caminhos a serem seguidos no planejamento urbano aparecem na forma de **novos códigos e regras de comportamento contemporâneo**, que emergem dos novos atos já descritos, determinados por inúmeros fatores, dentre os quais se destacam alguns que têm forte relação com a conduta da sociedade globalizada nas cidades (a diferença do comportamento que é possível observar nas zonas rurais, onde os códigos e regras se baseiam em outros novos padrões).

Por um lado a hospitalidade deveria ser considerada como um “imperativo” de nossa conduta, anterior às leis. Da mesma forma a paz devesse ser anterior ao estado de guerra. Por outro lado a literatura considera a hospitalidade como a lei que nos regula, tal como a lei que recebe um estrangeiro em cada país e que define certos comportamentos dele no território que não é próprio.

Desta forma a hospitalidade pura ou absoluta apresentada desde a filosofia de construtivista de Jaques Derrida e Ane Dufourmantelle, abre um debate interessante, que surge da interpretação de Derrida das ideias de Emmanuel Lévinas, do ponto de vista que se contrapõe com as ideias Kantianas (BARNETT, 2005).

Na mirada de Kant, o estado originário das relações entre os homens, o estado natural, é uma relação de guerra. Por isso, a paz surge na forma de uma instituição, que

deve ser construída como um conjunto de artifícios, de projetos culturais, em certo modo propriamente políticos, para reduzir essa hostilidade originária. A mesma lógica pode explicar a hospitalidade, que deve ser construída como lei para regular o respeito e tolerância ente os homens (BARNETT 2005).

Para Jaques Derrida, os conceitos de tolerância e fraternidade são também palavras-conceitos analisados usando o método da desconstrução, que abre a novas leituras subjacentes do texto, e a sua primeira interpretação. Tolerância que é fruto do estado inicial de não aceitação de outro, criado sobre uma base de relacionamento hostil.

O ponto de partida de Lévinas e Derrida é o questionamento do “outro” e como esse outro é aceito na sua originalidade, que não deveria gerar questionamento nenhum, mas só promover um caminho de tradução que nos permita olhar o outro de um ponto intermediário entre a nossa forma de ver e a do forasteiro (DERRIDA, DUFOURMANTELLE 2000).

Desafio difícil de conseguir hoje, dado aos desenvolvimentos tecnológicos que geram uma rede orientada a circunscrever e controlar nosso relacionamento com outros, até um ponto que parece mais comum o encontro da intrusão a que o encontro aberto que olha o rosto de outro, e sua pureza (DERRIDA, DUFOURMANTELLE 2000).

A observação da face do outro, descrita por Lévinas no seu livro “Totalidade e Infinitude”, é chave para entender de novo o momento de real encontro, junto com a capacidade de ouvir ao outro, também essencial num momento de autêntica hospitalidade (LÉVINAS 1961).

Isto parece cada vez mais diluído nos avanços de relacionamento em rede e pelo crescimento da internet como meio de comunicação, mas a cidade deve conduzir a novas formas de encontro que considerem todas as possibilidades no meio de um tempo de transição dos códigos de relacionamento. A internet, por outra parte, permite possibilidades de interação muito valiosas, geradoras de importantes melhoras na qualidade de vida atual.

O ato da hospitalidade só pode ser poético, afirma Anne Dufourmantelle no começo do livro sobre a Hospitalidade de Jaques Derrida (DERRIDA 2000). O ânimo desta pesquisa também se funda nessa beleza do conceito utópico, mas não é o objetivo nesse momento aprofundar-se no tema da ética contemporânea.

“Não se trata, portanto, para nós, de encontrar um novo fundamento para a ética, mas, ao mesmo tempo, de dar-lhe novas fontes, novas energias e de regenerá-la no circuito da religação: indivíduo espécie, sociedade” (MORIN 2005).

Alberto Cruz, um dos fundadores da CA, descreve a hospitalidade como a habilidade de *advertir os irredutíveis*, numa época rápida, de constante transformação, onde primam os fatos e a busca pela perfeição, junto com a competitividade. Uma realidade incidental (em que as partes se encontram incidentalmente), e reducionista a qual precisa da hospitalidade para nos lembrar de que nem tudo é descartável. Também para denunciar a relevância dos encontros entre pessoas e grupos e a plena integração de uns com outros (CRUZ 2005).

Desde outro ponto de vista, também num caminho de desenvolvimento positivo das cidades atuais, emerge o conceito de sustentabilidade.

Sustentabilidade, definida pela primeira vez há 30 anos, é amplamente aceito como uma estrutura conceitual para posicionar a política de desenvolvimento urbano, fornecendo o contexto para uma literatura considerável sobre planejamento, arquitetura e urbanismo (WILLIAMS, 2000).

Agendas políticas têm-se centrado sobre a forma de criar e manter um desenvolvimento urbano sustentável, e muitas outras conceituações teóricas de como essa transição deve ser feita, considerando-se principalmente a realidade de países em desenvolvimento.

Entre os pilares estabelecidos no Relatório Brundland: ambiental, econômico e social, o aspecto social da sustentabilidade é o menos estudado e só foi seriamente considerada depois de 2000 (GRAHAMANPOURI, LAMIT, SEDENGHATNIA, 2013).

Estudiosos creditam que no sentido social da sustentabilidade, ainda há incertezas na definição, critérios e métricas. Identificam-se duas interpretações do fator social, uma relacionando ao pilar ambiental e outra como um fator diferente ao econômico e ambiental.

Salimi Nastaran e Abadi (2013) apresentam um esquema que dá continuidade à importância que tem sido atribuída ao fator social no tempo, em comparação com os outros dois pilares. No lado esquerdo da figura 1, aparece o fator ambiental num círculo maior expressando aquela importância por sobre os outros dois pilares. No centro o

fator econômico ganha espaço, mas ainda não tem a mesma relevância que o fator ambiental. Finalmente ao lado direito, o fator econômico aparece no círculo maior representado como o pilar mais importante no ano 2008 em relação ao desenvolvimento sustentável mundial.

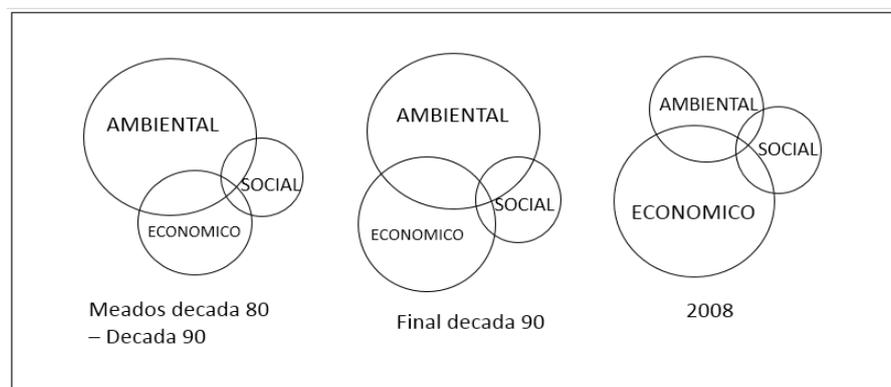


Figura 1. Importância relativa das diferentes dimensões do desenvolvimento sustentável (COLANTONIO apud SALIMI, NASTARAN e ABADI, 2013).

O modelo de Salimi, Nastaran e Abadi pode ser complementado com os pontos de vista de outros autores.

Mckenzie (2004) afirma que o termo *triple bottom line* foi desenvolvido pelo ambientalista e economista John Elkington em 1997, e rapidamente tornou-se um lugar comum internacional de comunicação empresarial que considerou o meio ambiente e a sociedade, juntamente com preocupações econômicas.

Assim, o destaque do aspeto econômico que realmente promoveu a causa global, mesmo sob o fator ambiental, desconsideraria o fator social.

Maloutas (2003) descreve um cenário mais extremo em que o desenvolvimento sustentável foi dessocializado, atribuindo valor a causas que eram favoráveis apenas para as políticas econômicas e ambientais atraentes para o setor privado.

Há uma nova relação entre as diferentes dimensões da sustentabilidade no contexto urbano de hoje. A ressocialização, que é tema crescente de pesquisa, especialmente em áreas relacionadas com a política pública.

A abordagem de sustentabilidade descrita por Frostell e Assefa (2007) propõe as dimensões da economia e meio ambiente como ferramentas para alcançar a meta de sustentabilidade social.

Esta perspectiva coincide com a definição tradicional de sustentabilidade definida em 1987, especialmente considerando o fator humano como central para o processo de desenvolvimento / envolvimento cada vez mais valorizado no mundo inteiro.

O desenvolvimento sustentável é um processo de mudança no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional estão todos em harmonia para melhorar tanto potencial atual e futuro para satisfazer as necessidades e aspirações humana (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1987, p. 46).

Sob outro ângulo, Colantonio (2009) explica algumas das razões pelas quais não há consenso sobre a definição de sustentabilidade social, uma vez que este conceito está a ser tratado hoje a partir de perspectivas divergentes de estudo e critérios específicos de cada disciplina, que fazem uma definição generalizada e metas difíceis de alcançar. Além disso, questões tradicionais de sustentabilidade social, consideradas “duras”, como emprego e redução da pobreza têm sido complementadas ou substituídas cada vez mais por conceitos “abstratos” e menos quantificáveis como a felicidade, mistura social e senso do lugar no debate sobre a sustentabilidade social.

Este autor baseia-se no recente debate entre a avaliação "reducionista" da sustentabilidade v / s sustentabilidade "integrada" e argumenta que há uma falta de metodologias para avaliar a sustentabilidade social como tal.

Isso acontece porque os antigos aspectos "duros" de sustentabilidade social (SS) foram medidos de acordo com os indicadores tradicionais: estáticos, predominantemente quantitativos, produtivos, descritivos, monodimensionais, orientados para os resultados e seleção piramidal. Em seguida, as novas questões emergentes consideram os seguintes indicadores: integradores, incorporadores da incerteza, híbridos, processuais, estratégicos, multidimensionais, dirigidos por princípios e objetivos, a seleção deliberada e repetitiva.

Finalmente Colantonio (2009) resume, como um acordo geral sobre a avaliação da sustentabilidade, que ela é caracterizada por quatro características principais:

- i. A importância dos objetivos e princípios estabelecidos;
- ii. ênfase na integração de técnicas e temas;
- iii. o apelo a uma análise de múltiplos critérios; e
- iv. a participação de todos os grupos de interesse na própria avaliação.

Mckenzie (2004, 12 p.) define como "uma condição positiva que melhora a vida das comunidades, e um processo dentro das comunidades que podem atingir essa condição". Esta definição, especialmente destaca em contraste com as outras presentes na literatura, a SS como um *processo*, e explica as condições para este processo ocorra.

É importante salientar, no âmbito da abordagem SS deste autor, certas características que são indicadores para que esta condição possa ser alcançada pelas comunidades, em seguida, os passos para a sua criação e implementação são os aspectos do processo.

As características definidas para este processo são as seguintes:

- i. A igualdade de acesso aos serviços básicos (incluindo saúde, educação, transporte, habitação e lazer);
- ii. equidade intergeracional, o que significa que as gerações futuras não serão prejudicadas pelas atividades da geração atual;
- iii. um sistema de relações culturais em que os aspectos positivos de culturas são valorizados e protegidos, e em que a integração cultural é apoiada e promovida quando desejada por indivíduos e grupos;
- iv. a ampla participação política dos cidadãos, não só nos processos eleitorais, mas também em outras áreas da atividade política, especialmente em nível local;
- v. um sentido de propriedade da comunidade;
- vi. um sistema de transmissão de conscientização sobre a sustentabilidade social de uma geração para a outra;
- vii. um senso de responsabilidade da comunidade para a manutenção do sistema de transmissão;
- viii. mecanismos em uma comunidade para identificar coletivamente seus pontos fortes e necessidades;
- ix. mecanismos para uma comunidade para atender às suas próprias necessidades, sempre que possível através de ação comunitária;
- x. mecanismos políticos para atender às necessidades que não podem ser atendidas por ação comunitária.

Salimi , Nastaran e Abadi, (2013) a partir de uma análise internacional do conceito, especificamente na área de planejamento e desenho urbano, indica a pouca atenção que tem sido dada a partir da perspectiva local, e sublinha que os objetivos e valores do assunto estariam diretamente relacionados às condições de cada localidade urbana. O que geralmente não é considerado nas políticas urbanas internacionais. Isto convida a

fazer uma análise muito mais compreensiva dos objetivos a serem considerados por cada país.

Também a partir de uma perspectiva internacional, Ghahramanpouri, Lamit e Sedaghatnia (2013) abrem a discussão sobre a sustentabilidade social no contexto urbano através da análise de estudos de ambas as perspectivas acadêmicas e políticas. Conclui que a maioria das pesquisas tem examinado contextos urbanos em países desenvolvidos, o que exige uma revisão do assunto também nos países em desenvolvimento. Por outro lado, a maioria dos estudos abordam a questão desde cada comunidade urbana e não sobre espaços públicos das cidades, onde aconteceria a verdadeira integração das diferentes abordagens relacionadas ao tema.

Diversos modelos teóricos foram sugeridos pelos estudiosos para avaliar a sustentabilidade social, por exemplo, no contexto de cenários políticos (SPANGENBERG, OMANN, HINTERBERGER, 2002) e análise da globalização (KONING, 2001), mas estes nunca foram construídos ou aplicados de forma empírica (COLANTONIO, 2009).

As autoridades municipais de Vancouver promulgaram, em 2005, o Plano de Desenvolvimento Social para a cidade e desenvolveram um quadro de sustentabilidade social adequado. Este último é o primeiro de seu tipo a ser aplicado na prática em nível de cidade.

Para uma comunidade ser sustentável, as necessidades básicas de seus moradores devem ser atendidas. A comunidade socialmente sustentável deve ter a capacidade de manter e desenvolver os seus próprios recursos e ter a capacidade de resistência para prevenir e / ou tratar problemas no futuro (Cidade de Vancouver, 2005, p. 12).

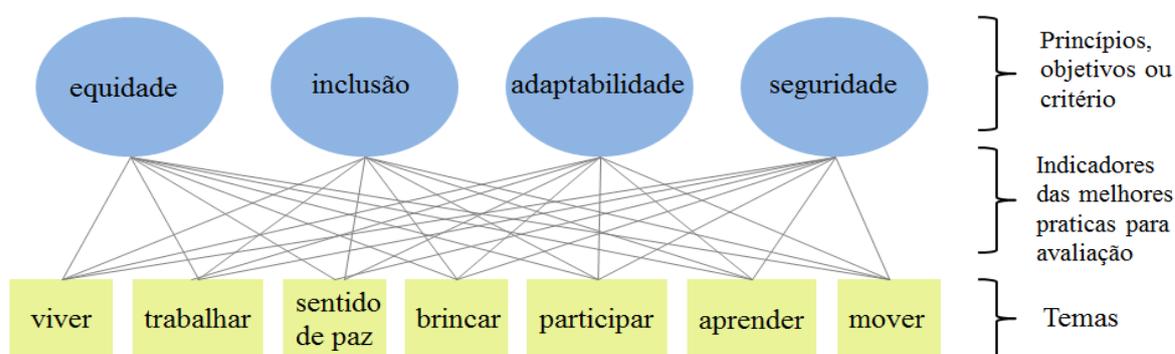


Figura 2. Modelo de sustentabilidade social da cidade de Vancouver (COLANTONIO, 2009).

A figura 2 mostra como quatro princípios provêm de linhas para alcançar sustentabilidade em sete temas, descritos como: viver, trabalhar, senso de paz, brincar, participar, aprender e mover. Entre os princípios e os temas a serem implementados estão os indicadores das melhores práticas para a avaliação.

A importância deste modelo é a consideração de princípios ou valores que inspiram o desenvolvimento de questões mais específicas. Tópicos que não tenham sido previamente considerados com base em critérios tradicionais de sustentabilidade e promover a busca de novos indicadores. A determinação destes indicadores compromete a verdadeira amplitude e flexibilidade que o modelo deve ter para se adaptar à dinâmica de Vancouver e às possíveis dinâmicas de outras cidades em que pode ser aplicado.

Esta abordagem para a sustentabilidade social da cidade de Vancouver salienta a importância de se estabelecer princípios orientadores, temas e indicadores através dos quais o desempenho da sustentabilidade social das cidades pode ser avaliado em conjunto com os próprios moradores da cidade. Além disso, este caso revela como tem sido preferida uma abordagem "reducionista" para a sustentabilidade de algumas autoridades locais por razões práticas (COLANTONIO, 2009).

Assim, para resumir, junto com reconhecimento de que o conceito de SSU está em processo de definição, aceitação e incorporação em políticas públicas e privadas em muitas cidades, especialmente em países em desenvolvimento, há o desafio de reconhecer este processo também a partir da perspectiva de novas metas e valores emergentes considerados "abstratos" e novos indicadores mais abrangentes dos mesmos. Também é importante notar que este é um processo original de cada comunidade e das comunidades que podem alcançar os objetivos pretendidos, que devem ser constantemente revisados.

Nesta base é oportuno rever a questão abraçando toda a sua complexidade e se abrindo a ele como um processo participativo dos cidadãos. Devido a isto, segue a revisão da Teoria da Complexidade de Edgar Morin, aproveitando da riqueza de um caminho muito utilizada em estratégias organizacionais, para o contexto urbano.

2.2. Teoria da Complexidade

A ideia, neste capítulo, é expor as ideias principais da teoria da complexidade de Edgar Morin, como ponto de partida diferente da Teoria de Sistemas e o princípio holístico com que ela é associada.

Epistemologicamente trata-se de revelar o sentido genérico na lógica generalista do conceito do sistema, que permite destacar a influência das partes (indivíduos), sobre o todo, dada a sua riqueza reflexiva.

Morin (1992) sugere que os novos avanços contemporâneos em nosso conhecimento sobre as organizações demandam por uma reorganização radical de nossa organização do conhecimento. Assim emerge uma abordagem crítica ao espírito reducionista, dominante na esfera da ciência.

O sistema então é compreendido por Morin como um caminho da complexidade, e não como uma palavra associada ao conceito de totalidade, levando o sistema a um nível paradigmático que não permite obscurecer a realidade, manipulada pela ciência.

A racionalidade associada à teoria de sistemas considerava a ordem como função principal, assim como a racionalidade complexa considera a organização como função principal para a incorporação do caos na natureza de qualquer sistema. A teoria de sistemas também expressa a ideia de totalidade como cenário de autoconsciência e autocontrole, no desejo de domínio desse todo, enquanto a teoria da complexidade leva a um redescobrimiento do problema da sabedoria e a necessidade de estabelecimento de próprias formas de sabedoria (MORIN 1992).

Existem princípios e conceitos que compõem a estrutura analítica da teoria da complexidade a serem considerados (TURCATO 2011; BARIN-CRUZ, PEDROZO, ESTIVALETE 2006).

i. Princípio sistêmico ou organizacional.

- A ligação do conhecimento das partes com o conhecimento do todo;
- A noção de circuito tetralógico, que afirma que as partes estão em constante interação que leva à desordem;
- A maior organização e ordem, mais complexa, e o sistema deve tolerar e aceitar mais e mais de desordem;
- A desordem leva a novas ordens e novas organizações.

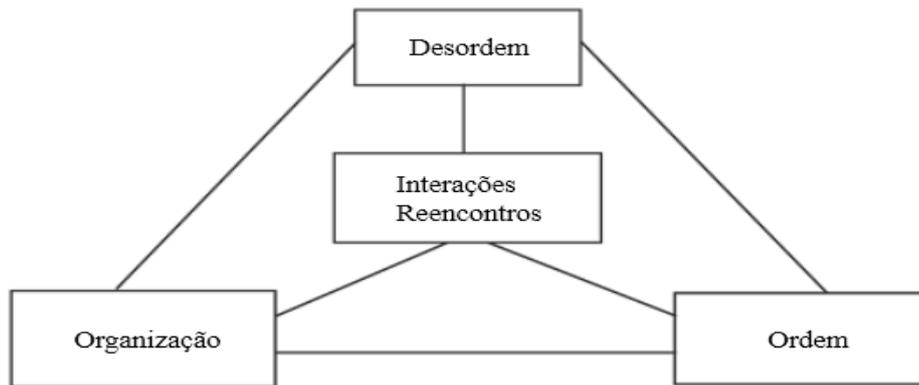


Figura 3. Círculo tetralógico

Fonte: Adaptado de Morin, 2003, p. 58.

ii. Princípio hologramático

- O princípio de holograma, em que uma imagem pode ser dividida em duas ou mais partes, não transforma o sistema em imagens mutiladas, mas em imagens completas em cada uma das partes;
- Os indivíduos formam a sociedade e a sociedade está presente em cada indivíduo como um todo, através da língua, cultura e normas.

iii. Princípio retroativo

- Causalidade não linear: Não só a causa atua sobre o efeito, como o efeito também atua sobre a causa;
- Isto permite a autonomia de um sistema;
- O círculo retroativo, mesmo no crescimento ou estabilização do sistema, compreende um fenômeno psicológico, econômico, social e político.

iv. Princípio recursivo

- O final de processo alimenta o começo, o estado final e também o estado inicial;
- Os efeitos e produtos gerados pelo sistema são ao mesmo tempo coprodutores do processo.

v. Princípio de auto eco organização

- A relação antagonista e complementar das partes entre autonomia e dependência dessas partes;

- Noção de constante reorganização.

vi. Princípio dialógico

- Para aceitar e incorporar paradoxos na análise, ao invés de rejeitá-los, é necessário avançar contra a lógica simplificadora;
- O fenômeno pode ser antagonista e ou complementar e/ou concorrente, simultaneamente;
- O princípio junta noções que devem se excluir, mas são indissociáveis na mesma realidade.

vii. Princípio de reintrodução do pesquisador na análise do objeto

- Quando o pesquisador analisa certo objeto ou fenômeno, ao fazê-lo, é também interessado na análise, assim qualquer julgamento que possa acontecer é consequência da análise é fortemente influenciada pelo pesquisador;
- Todo conhecimento é a reconstrução ou translação de um cérebro ou espírito em uma cultura a um determinado tempo.

viii. Autoética

- Incluir uma autoanálise, autocrítica, honra, tolerância, responsabilidade, ética da compreensão, cordialidade e amizade na ré construção do homem para criar uma sociedade mais plural.

(TURCATO, 2011; BARIN-CRUZ, PEDROZO, ESTIVALETE 2006)

2.3. Análise multinível.

“Nenhum sistema dispõe de meios suficientes para se explicar a si próprio”

(TARSKI apud MORIN 1999)

A análise micro, meso e macro, desenvolvido por Dopfer, Foster e Potts (2004) na área da economia, é apresentada nesta pesquisa, em um contexto diferente, como uma perspectiva útil para conceber a complexidade presente na coordenação da sociedade civil para auxiliar na compreensão de muitos problemas atuais.

O nível mesoanalítico decorre especificamente da economia evolucionária e permite associar ao uso do estudo algébrico (matemático), a ideia de processo de conhecimento, o que difere de análise própria da engenharia ou de controle, bem como construir a conexão entre as micro e macroescalas (DOPFER; FOSTER; POTTS, 2004).

O algebraicismo foi capaz de proporcionar clareza para a economia por anos, mas, na prática, não resolve os problemas de coordenação para as constantes mudanças, e limita o foco da análise (DOPFER; FOSTER; POTTS, 2004).

Na figura 4 aparece o nível meso no eixo central, onde o comportamento coletivo define os padrões em que as instituições operam. Este nível funciona como um intermediário, conectando interações do nível micro (na figura o eixo superior) e a dinâmica do nível macro (eixo inferior da figura).

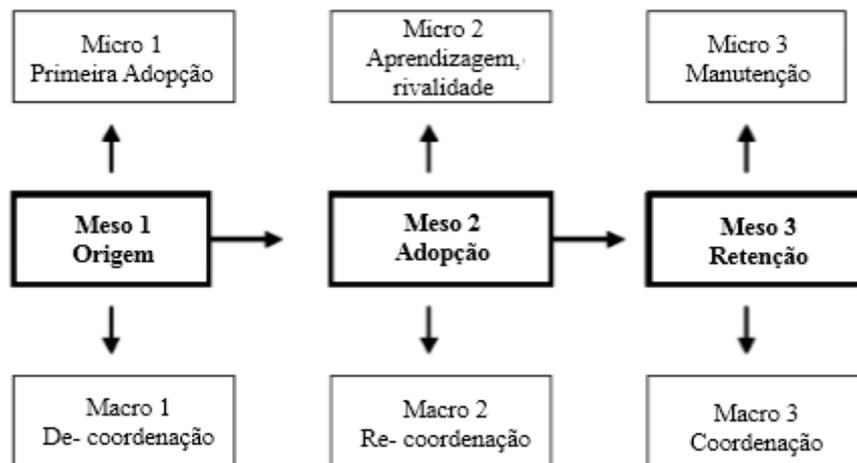


Figura 4. Estrutura analítica de mesotrajétoria (DOPFER; FOSTER; POTTS, 2004).

Os pontos mais relevantes da mesotrajétoria analítica são: i. Conjunto de regras, ii. homem criador e usuário de regras, iii. regras diferentes de acordo com as diferentes formas de conhecimento, iv. observar as mudanças no nível meso, regras genéricas na base de conhecimento, em seguida, concentrar-se nos níveis micro e macro(DOPFER; FOSTER; POTTS, 2004).

Dopfer (2004) avança na descrição de um homem criador e usuário de regras do meso nível. A figura 5 mostra uma taxonomia de regras divididas em cognitivas, comportamentais e técnicas ou para objetos (DOPFER 2004).

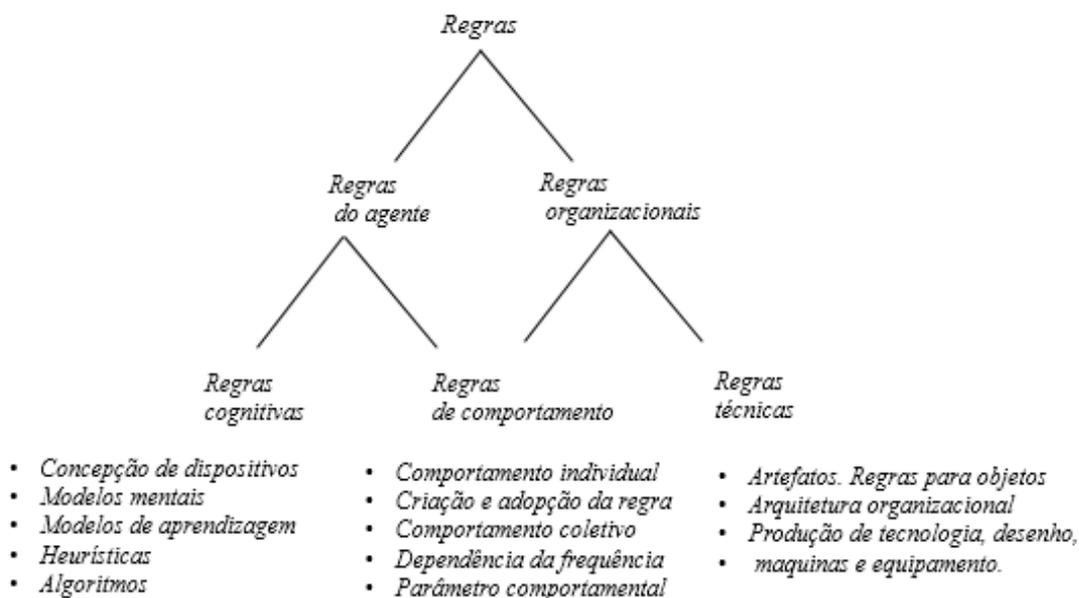


Figura 5. Taxonomía de reglas (DOPFER, 2004).

As regras da economia seguem um caminho diferente ao observador no campo da biologia, diz Dopfer. Em biologia, uma nova regra é criada por um erro na replicação genética de um organismo inteiro, a evolução ocorre quando este erro é removido seletivamente em uma espécie ao longo de gerações. Na economia, as microunidades, como as empresas, que são portadores de genes "econômicos", raramente são replicadas como totalidades. Em vez disso, as regras são geradas macroscopicamente, adotada a partir de uma população de tais transportadores, que são uma parte do todo. O modelo darwiniano de mutação-seleção opera sobre as implicações que não se aplicam à evolução econômica e, portanto, um modelo mais geral de regra dinâmica é necessário, a fim de chegar a uma construção teórica válida de evolução econômica. O caminho das regras de Dopfer expõe as características essenciais de sua evolução em um processo de três fases:

1. Origem da regra;
2. Adoção da regra;
3. Retenção da regra.

A primeira fase está associada com a geração de novas regras. A segunda fase envolve a aprendizagem seletiva e adoção da regra. A terceira fase é caracterizada pela estabilização e retenção na micro e macroescala. O que é necessário analisar, sublinha o autor, é como a cognição e comportamento são necessários para executar tarefas

específicas em cada fase e como isso pode ser explicado com base na evidência empírica disponível.

Outra questão importante que deve ser abordada é a unidade de análise; um regime que não é macro e micro ou micro e macro. Inclui também agentes individuais como componentes micro e um componente complementar de uma estrutura macro. Assim, a unidade meso, emergente, é o núcleo de um processo evolutivo, a análise destinada a explicar a coordenação e mudança econômica.

Finalmente, a pergunta é como o conceito meso pode ser utilizado para o desenvolvimento de melhor microfundação, particularmente em relação à cognição e do comportamento. O conceito de regra traz a questão da complementaridade em foco. A regra deve caber na estrutura de complementaridade em um sistema. Cognição individual é lógica subjacente à regra de comportamento de complementaridade e adaptação. Lição essencial de Darwin, mostrando como as regras não serão selecionadas se elas não estão adaptadas para as outras regras (que compõem o ambiente). O critério para a qual elas sejam cumpridas não é a eficiência, mas a eficácia. Um agente só pode ser economicamente considerado bem sucedido se equipado com uma disposição que permite a cognição eficiente e desempenho eficaz.

Dopfer (2004) conclui que as forças em ação num sistema econômico em evolução e os padrões pelos quais o seu desempenho é medido são capturados por três fatores: a imaginação, a eficácia e eficiência. A imaginação, de acordo com a lógica da economia evolucionária emerge especialmente no macro nível, no momento de estabilização das regras e não só emergente do caos próprio da geração de uma nova regra.

Você pode considerar a análise feita no palco da economia para a cena urbana contemporânea, como proposto abaixo.

A liberdade de se relacionar essas duas áreas (urbanismo e economia) surge do mútuo que estas questões enfrentam ao serem sistemas abertos, complexos e adaptativos.

A base de conhecimento permite-nos compreender os novos atos que vemos na cidade contemporânea anteriormente descrita, ajudando a diferenciar as regras que serão adequadas para organizações daquelas feitas para objetos ou para pessoas.

3. FRAMEWORK PROPOSTO

O *framework* proposto na presente pesquisa tem o propósito de formar uma base conceitual e analítica para o processo de emergência de regras mesoanalíticas baseadas na dialógica dos princípios de hospitalidade e hostilidade na comunidade da Cidade Aberta. Foi considerada, primeiro, a relação e conexão da CA com as teorias da Complexidade e Multinível, e a terceira etapa apresenta o *framework* teórico construído e proposto.

3.1. Relação das novas teorias para a análise da emergência dialógica de regras mesoanalíticas baseadas nos princípios de hospitalidade e hostilidade.

Em primeiro lugar, a modo de introdução a problemática atual das cidades, são revisadas as tendências atuais urbanas de hospitalidade e hostilidade. Principalmente para destacar como no cenário urbano latino-americano, o caminho a SS deve considerar os aspectos hostis às vezes diminuídos em países com maior grau de desenvolvimento.

Das três dimensões mundialmente reconhecidas do desenvolvimento sustentável: ambiental, econômica e social, a dimensão social é especialmente considerada na presente pesquisa para a análise do contexto contemporâneo urbano.

Assim as condutas cívicas atuais são analisadas sob a ótica da Teoria da Complexidade, como ponto de partida, na base empírica observada na Cidade de Vancouver, Canadá, onde hoje existe um modelo de SS aplicado.

Logo, a Teoria Macro-meso-micro permite aprofundar nas regras observadas no objeto de análise. A Cidade Aberta de Amereida, para poder propor um novo modelo de SSU viável tanto em cenários de cidades desenvolvidas como em desenvolvimento, valorizando especialmente o processo da SS, e a todos os cidadãos como gestores deste processo.

3.2. Relação entre as teorias de Complexidade e Multinível.

As duas teorias escolhidas para esta análise ilustram a forma como o pesquisador vê, pensa e corresponde às proposições iniciais da presente pesquisa, em uma tentativa de relacionar alguns aspectos que são similares e complementares destas abordagens.

A Teoria da Complexidade abre a um entendimento da cidade contemporânea na riqueza da sua complexidade, ao invés do posicionamento comum que apresenta a complexidade como uma limitante ou um obstáculo no caminho por conseguir modelos adequados para a vida civil atual.

A complexidade presente no sistema social urbano é rica em possibilidades, e sua dinâmica é um espaço fértil para poder reconstruir constantemente cada espaço, especialmente a favor da SS, reconhecida nesta pesquisa como um caminho sanador de muitos aspectos doentes das cidades atuais. Também como um pilar integrador dos outros dois pilares fundamentais da sustentabilidade (ambiental y econômico).

Na teoria da complexidade, afirma-se que a realidade encontra-se condicionada às percepções e análises de cada sujeito/pesquisador, assim as ideias e teorias não refletem a realidade pura, mas sim traduzem a realidade de uma maneira que pode ser errada, e ainda, a nossa realidade não é mais que a nossa ideia de realidade (MORIN, KERN, 2001).

A teoria multinível propõe um olhar diferente ao comumente observado nas cidades, porque reconhece um nível de observação que diferencia as organizações, das pessoas e dos objetos. Geralmente a ligação destes três níveis (organizações, pessoas e objetos) cria muita confusão nas propostas de administração urbana. O nível meso, pretende decifrar as regras que existem entre estes três níveis de análise, dando ao sujeito, o cidadão neste caso, uma especial importância, reconhecendo regras de comportamento únicas e distintas para as três níveis mencionado.

Após estas considerações, foi possível a construção de um *framework teórico* geral para análise e interpretação dos resultados alcançados.

3.3. Framework geral.

O framework (figura 6) começa (no lado esquerdo) as das teorias consideradas para esta pesquisa> Os princípios do comportamento civil (hostilidade e hospitalidade), a Teoria da Complexidade e Multinível. O primeiro tema do lado esquerdo leva a analisar a SS sob a perspectiva de princípios, e especialmente reconhecendo, dois princípios importantes no contexto contemporâneo urbano: Hospitalidade e Hostilidade . Na lógica complexa, o principio da dialógica consegue expressar muito bem como estes se relacionam, num fenômeno antagônico e ou complementar e/ou concorrente, simultaneamente).



Figura 6. Framework teórico (Elaborado pela autora)

Na parte inferior do quadro esquerdo aparece a Análise Multinível, seus elementos e principalmente as regras mesoanalíticas e suas fases de origem, adoção e retenção de regras, que serão observadas e analisadas no objeto da presente pesquisa.

Assim, reunindo as três grandes abordagens teóricas (e sua aproximação ao tema da sócio sustentabilidade urbana), é possível se aproximar a ideia da emergência dialógica de regras mesoanalíticas baseadas nos princípios de hospitalidade e hostilidade nas comunidades urbanas.

4. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os passos adotados na metodologia da presente pesquisa são descritos e esquematizados a seguir, considerando uma introdução inicial quanto à postura epistemológica adotada. Será apresentado no presente capítulo na sequência, o Método Geral de pesquisa, o Tipo de pesquisa, o Objeto de pesquisa (Cidade Aberta de Valparaíso. Chile), Coleta de dados, Nível de Pesquisa, e finalmente a Análise e Interpretação dos dados coletados. Este último subtema abre ao seguinte capítulo 5, onde são descritas em maior profundidade a CA e a EAD, a relação entre estas duas instituições e finalmente a análise da CA.

4.1. Postura epistemológica

A postura epistemológica a ser utilizada na presente pesquisa é a do interpretativismo, considerada como linha crítica ao positivismo, dado que apresenta como principais características uma *ontologia relativista*, que assume a realidade construída intersubjetivamente, através de significado e entendimento desenvolvido social e experiencialmente. Como uma *epistemologia subjetivista*, assume que não se pode se separar do que se conhece. Assim, o pesquisador e o objeto de pesquisa estão ligados da mesma forma em que o que somos está também ligado com o que se sabe e o que se entende do mundo, e de nós mesmos (ANGEN 2000).

Pelo fato de considerar, na visão interpretativista, que a realidade não pode se separar do conhecimento, os valores do pesquisador fazem parte de todas as fases do processo de pesquisa e a veracidade é negociada através do diálogo (ANGEN 2000).

O discurso dos estudos interpretativistas tem ênfase na visão social das atividades organizacionais, e não nos aspectos econômicos da organização. Geralmente o discurso é desenhado da maneira pré-moderna e tradicional. As pessoas não são consideradas como objetos iguais a outros objetos, mais sim como ativos produtores de sentido, da mesma forma que o pesquisador(DEETZ 1996).

O objetivo da linha interpretativista é conseguir expressar como realidades particulares são socialmente produzidas e mantidas através de normas, ritos, rituais e a atividades cotidianas. Sua tendência é salvar ou registrar uma forma de vida que está em

risco, ou sua complexidade e criatividade tem sido subestimada pela modernidade e instrumentalização (DEETZ 1996).

Serão considerados também os critérios oferecidos por Angen (2000) para avaliar uma pesquisa de caráter interpretativista: i. Consideração cuidadosa da articulação da pergunta de pesquisa; ii. levar o estudo com respeito; iii. consideração e articulação das escolhas e interpretações feitas pelo pesquisador durante todo o processo, e se responsabilizar pelas escolhas; iv. fazer uma conta escrita dos argumentos de persuasão; v. avaliação da amplitude dos resultados; vi. a validade localizada no discurso da comunidade pesquisada; vii. validade ética de reconhecimento das escolhas feitas durante o processo; viii. validade substantiva que avalia a substância ou conteúdo do trabalho interpretativo.

A autora da presente pesquisa teve uma vivência direta no dia a dia da comunidade da Cidade Aberta a partir de seu vínculo à Escola de Arquitetura, durante sete anos (do ano 2000 até 2007) como aluna, e logo como professor ajudante da disciplina de Cultura Religiosa no último ano da formação profissional. Durante aqueles anos houve uma vinculação direta tanto com as pessoas que moravam na Cidade Aberta como com o espaço físico de campo de experimentação na área da Arquitetura. Uma das travessias realizadas, no segundo ano da formação como arquiteta, foi na Cidade Aberta, no sítio que se localiza após atravessar a ponte onde está a maioria das hospedarias, um território que pretendia ser redescoberto e construído pelos alunos e professores naquele trimestre. Foi feita uma praça em que duplas de alunos desenharam diferentes sítiais (lugares para descansar) e logo construíram. Alunos de outros Ateliês construíram outros elementos da praça. Esta é uma das atividades (durante o tempo de um mês) entre muitas outras que ilustra a relação da autora da presente pesquisa com a comunidade a ser analisada.

4.2. Método geral de pesquisa.

Gil (1989) descreve o método geral ou quadro de referência como o espaço em que se oferecem soluções para os problemas epistemológicos da investigação científica.

Existe hoje uma maior compreensão das diferentes formas de visão, de interação do pesquisador e de formas de ver e construir os fatos e a realidade, que é diferente para cada indivíduo. Neste caso, busca-se uma compreensão baseada no paradigma

complexo, usando-se Edgar Morin, que descreve a complexidade crescente da vida cotidiana, dos fenômenos e da construção do mundo, onde existe interdependência dos fenômenos, ordem, emergências, desordem e organização. O pensamento complexo busca compreender de forma mais abrangente esse conjunto de interações, através da compreensão da limitação do pesquisador, como ser que está inserido também em sua pesquisa, capaz de influenciá-la e de ter sua própria interpretação e compreensão da realidade (TURCATO 2011).

Gil (1989) considera, dentro dos estudos das ciências sociais, diversas fontes de conhecimento, tais como a religião, a autoridade (como pais ou professores descrevem o mundo para as crianças) e também a ficção, acreditada como uma fonte válida para a presente pesquisa.

4.3. Tipo de pesquisa.

O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, o que permite o conhecimento amplo e detalhado do mesmo, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos (GIL 1989).

O estudo de caso surge da necessidade de se compreender fenômenos sociais complexos, como acontece no caso do objeto da Cidade Aberta. Ou seja, permite a preservação das características holísticas dos acontecimentos da vida real.

O caso da Cidade Aberta é um caso especial e único no mundo, onde é possível observar uma série de atos e regras não convencionais. Assim, esta pesquisa pretende compreender e analisar a vida destes cidadãos, e como decorre este processo, e muito mais que isso, entender as motivações que levam este grupo a atuar desta maneira, para poder logo identificar em cidades maiores elementos similares que permitam uma proximidade com a SSU, pese as dificuldades próprias de cada comunidade.

4.4. Objeto de pesquisa: Cidade Aberta de Amereida (CA). Valparaíso. Chile.

A CA é uma extensão de 270 hectares localizada a 16 km. ao norte da cidade Valparaíso, na localidade de Ritoque. O sítio inclui uma grande extensão de duna, pantanal com uma extraordinária diversidade de flora e fauna, uma borda de mais de três quilômetros de praia, córregos e campo. Fundada em 1970 por poetas, filósofos, escultores, pintores, arquitetos e designers, agora é habitada por muitos deles.

Atualmente cerca de 40 pessoas vivem lá. Também na CA existem obras (edificações) de diferentes tipos: Duas Ágoras (espaços construídos para o encontro da comunidade), 5 Salas (para as aulas e reuniões gerais), 17 esculturas, 15 Hospedarias e 10 Obras Públicas.

Os alunos da Escola de Arquitetura e Design (EAD) da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso (PUCV) coparticipam ativamente na construção da cidade por meio de oficinas de obra. Estudantes de design usam uma Oficina de Prototipagem para formular seus projetos. Toda quarta-feira os alunos assistem a CA, a disciplina de Cultura do Corpo, juntamente com várias outras atividades, nas quais são convidados tanto alunos como pessoas de outras organizações e países.

A CA é um lugar cujo rosto legal é a Corporação Cultural Amereida, que através de um amplo acordo com o PUCV está configurado como um campus disponível uma grande quantidade de atividades ligadas à vida, trabalho e estudo da comunidade que compõe a EAD.

4.5. Coleta de dados.

O método da observação é um dos mais utilizados nas ciências sociais. Também é reconhecido como um dos métodos mais imprecisos. Curiosamente, ele também tem sido considerado como aquele que tem conseguido maior precisão dentro das ciências sociais. (GIL 1989)

A observação apresenta como principal vantagem a que os fatos são percebidos diretamente, sem intermediação. Desse modo a subjetividade, que permeia todo o processo de pesquisa social, tende a ser reduzida.

O principal inconveniente da observação é que a presença do pesquisador pode provocar alterações no comportamento dos observados, destruindo a espontaneidade dos mesmos e criando resultados pouco confiáveis. Daí a importância de ser submetida a processos rigorosos de validade e precisão, junto uma planificação adequada anterior ao trabalho em campo (GIL 1989).

A observação participante, ou ativa, consiste na participação real do observador na vida da comunidade, do grupo, ou de uma situação determinada. Neste caso a pesquisador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo.

Assim esta técnica chega ao conhecimento da vida do grupo a partir do interior dele mesmo.

A observação participante pode assumir duas formas: a) natural, quando o observador pertence à comunidade ou grupo que investiga, ou b) artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação (GIL 1989).

A coleta de dados foi realizada no mês de dezembro de 2014 na forma de observação direta da CA. Foram entrevistadas sete pessoas chave que de diferentes maneiras participam ou participaram da cotidianidade da CA e da EAD, entre eles, fundadores e moradores da CA e professores e ex-alunos da EAD. Também foi considerada a experiência vivida pela autora durante sete anos (2000 a 2007) formando parte da comunidade a ser analisada, primeiro como aluna da EAD e logo como professora ajudante da disciplina de Cultura Religiosa no último ano, participando das atividades cotidianas da escola e da CA, o que permitiu a observação participante natural da comunidade desde dentro dela. Isto permitiu uma maior compressão de muitas das suas motivações, princípios, hostilidades, entre outros.

As visitas e entrevistas foram realizadas com agendamento prévio, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, e no quadro 1 são descritos cada um deles, a sigla que será utilizada para cada um deles na análise, sua função dentro da CA ou a EAD, e se for ou não morador da CA. Todas as entrevistas foram gravadas e logo traduzidas ao português na hora da transcrição. O critério para escolher os entrevistados baseia-se em ter uma perspectiva de pessoas relevantes da fundação e participação da CA, mas também ter uma visão crítica de pessoas um pouco distantes ao dia a dia da comunidade para poder obter dados realistas do objeto a ser analisado. David Luza e Ivan Ivelick falaram desde uma perspectiva muito comprometida tanto com a CA como com a EAD. Carolina Quinteros e Oscar Andrade, por outro lado, tiveram uma visão externa e ao mesmo tempo interna da CA para contribuir na análise.

Foram consultados documentos secundários, baseados em documentos tais como livros, artigos, poemas, textos da Biblioteca da Escola de Arquitetura da PUCV, e como dados primários por intermédio de entrevistas a profundidade às pessoas descritas no quadro 1. Nesta visita a pesquisadora observou a comunidade com olhos críticos e

cientes dos temas a serem analisados, o que trouxe uma reinterpretção de algumas das condutas observadas na sua primeira experiência de observação participante natural.

No	Nome	Sigla utilizada na interpret. e analise dos resultados.	Função dentro da CA ou EAD	Mora ou não na CA
1	Carolina Quinteros	CQ	- Ex aluna EAD	- Não mora nem morou na CA
2	Ursula Exx	UE	- Ex aluna EAD - Professora EAD	- Não mora nem morou na CA
3	Oscar Andrade	OA	- Ex aluno EAD - Professor Ajudante EAD	- Mora hoje na CA há 1 ano.
4	David Luza	DL	- Professor EAD - Decano EAD	- Mora na CA
5	Carlos Covarrubias	CC	- Fundador CA - Poeta e Professor EAD	- Morou 22 anos desde a fundação da CA e hoje mora ali de novo á 1 ano.
6	Iván Ivelic	II	- Professor EAD - Diretor EAD	- Mora na CA
7	Miguel Eyquem	ME	- Fundador CA - Doutor Honoris Causa EAD (Professor Aposentado)	- Não mora nem morou na CA

Quadro1. Caraterização dos entrevistados.

4.6. Nível de pesquisa: Exploratória.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estúdios posteriores. Apresenta menor rigidez no planejamento, dado que muitas vezes constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. (GIL 1989)

Considerando que o tema da presente pesquisa é pouco explorado, e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis, foi escolhido o nível de pesquisa exploratório, que permite proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca do objeto definido.

4.7. Análise interpretação e apresentação dos dados coletados.

Na presente pesquisa se utilizará da triangulação de dados, de uma forma mais próxima e menos engessada que tradicionalmente é utilizada, usando-se dados primários

e secundários, envolvendo técnicas de documentação, entrevistas e observação direta, a fim de uma melhor aproximação e entendimento do caso estudado. A análise documental caracteriza-se por ser estável, podendo ser revisada inúmeras vezes, também é exata, contendo nomes, referências e detalhes exatos de um evento e ampla cobertura, ou seja, abrange longos espaços de tempo, muitos eventos e muitos ambientes distintos (YIN, 2005). Esta técnica será importante para compreender, ao longo do tempo, como ocorrem as relações entre os diferentes atores da Cidade Aberta, tanto como seus códigos e regras a serem analisados na presente pesquisa.

No capítulo 5, análise e interpretação dos resultados, é feita em primeiro lugar a descrição da EAD e logo da CA, como terceiro subtema é descrita a relação entre as duas instituições, o transbordamento da EAD a CA. No ponto quatro finalmente é descrita a análise da CA.

5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo é descrita no começo a Escola de Arquitetura e Design (EAD) da Pontificia Universidad Católica de Valparaíso. Chile. Na sequência é descrito o objeto da presente pesquisa, a Cidade Aberta (CA). Segue a explicação do transbordamento da EAD para a CA, o que dá abertura à análise da CA. Na base dos temas apresentados neste capítulo, logo é possível dar passo à análise multinível da CA no capítulo seguinte.

5.1. DESCRIÇÃO DA ESCOLA DE ARQUITETURA E DESIGN DA (EAD) DA PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATÓLICA DE VALPARAÍSO (PUCV) CHILE.

Em 1952, um grupo de arquitetos e artistas: Alberto Cruz, Godofredo Iommi, Fabio Cruz P, Michel Eyquem, José Vial, Arturo Baeza, Francisco Mendez, Jaime Ambulatório Bellalta e Claudio (que chegou há pouco tempo) incorporam-se à Escola de Arquitetura da Universidade Católica de Valparaíso, fundando simultaneamente o Instituto de Arquitetura que serve e alimenta a Escola.

Este grupo faz uma abordagem original sobre a concepção de poesia, arte e o ofício da arquitetura. Esta abordagem orienta e configura os estudos e a pedagogia da Escola.

Em 1964, uma visão poética da América é formulada: "Amereida" (um poema que reúne em seu nome a descoberta da América e da épica latina do piedoso Enéias na Eneida), que conta de sua origem e destino. Seguindo essa visão, os professores da escola organizam uma travessia pelo interior do continente, ligando Tierra del Fuego e Santa Cruz de la Sierra. Nela também participaram artistas e intelectuais europeus.

Em 1967, a "Reforma Universitária" ocorre. Este movimento começou nesta escola, de onde se espalhou para todas as universidades no Chile. Esse movimento teve uma origem poética e, portanto, a Escola chamá-lo de "Re-originação Universitaria", e é a origem da Cidade Aberta. Em 1970, os professores da escola adquiriram um terreno no litoral norte do Rio Aconcágua e fundam ali a Cidade Aberta.

Nos anos 70 surgem as carreiras de Design Gráfico e Design de Objetos (Industrial), com orientação e fundação poética iniciada pela Arquitetura. Tal abertura favorece a complementaridade e a complexidade dos três ofícios. O objetivo é acolher e incentivar o florescimento dos três ofícios pela união da vida, trabalho e estudo. A Cidade Aberta,

por sua vez, representa uma fonte de iluminação do trabalho acadêmico da Escola (figura 7).



Figura 7. Fotografias arquivo EAD. (Cotidianidade da EAD e atividades acadêmicas)

"A vida e a obra do grupo da Cidade Aberta é algo poliédrico, com suas múltiplas facetas tão intrinsecamente interligadas e de igual hierarquia que não é fácil de localiza-los com apoio de um discurso originalmente linear" (PEREZ, PEREZ, 2003)

É difícil apresentar e explicar o desenvolvimento e a situação presente que agora vive Escola de Arquitetura e Design PUCV linearmente. Por isso, é Alberto Cruz (2002), quem propôs uma ordem de apresentar esta instituição em sua festa de 50 anos de vida, a partir de sua própria originalidade, e a partir da frase "Um passado que permanece no presente":

- a. Desde os membros.

No início eram sete pessoas, hoje são trinta. Arquitetos, poeta e escritor no início; agora, também designers de objetos e gráficos. Todos jovens no início, hoje, de todas as idades.

b. Desde as tarefas

No início estávamos num Instituto que se reportava diretamente à Reitoria, hoje somos: Escola de Arquitetura e Design e Cidade Aberta, que pertence à Corporação Cultural Amereida, formada pelos nossos ex-alunos da Escola.

c. Desde os ensinamentos

A relação entre arquitetura e poesia era aprendida nos Cerros de Valparaíso, no início, agora esta relação compreende Travessias ao longo do Continente Americano, levando a Música das Matemáticas, a Santidade da Obra e os diálogos platônicos.

d. Desde o obrar.

No início, os projetos: Capela de Los Pajaritos, urbanização Achupallas. Hoje, a construção da Cidade Aberta e obras leves e breves em Travessias.

e. Desde a espiritualidade

Inicialmente leituras bíblicas em Instituto P. Villegas Bethran SSCC; agora Missões da palavra com os povos, levando presentes que são feitos por toda a Escola.

f. Desde os intercâmbios

No início a visita do arquiteto Jorge Vivanco, fundador da Escola de Arquitetura de Tucumán; agora vem um curso, professores e estudantes da Universidade de Kentucky, envolvidos na construção da Cidade Aberta. Vamos para a Universidade de Manitoba, para receber a qualidade de membros honorários do Colégio de Arquitetos Canadense.

g. Desde a presença.

No início, em uma atitude de retiro. Em seguida as Exposições, fóruns públicos no Museu de Belas Artes de Santiago. Publicações sobre nós em revistas europeias; livros nos Estados Unidos e Itália. (CRUZ 2002)

O estilo de vida do grupo de professores e alunos desta Escola é diferente do que existe em faculdades tradicionais, principalmente pela forte ligação entre Arquitetura e Poesia, o que determina uma pedagogia original, inspirado no lema: A união da vida, o trabalho e estudo. Também o fato de ter a CA como um campo de estudo que permite

experimentar um estilo de aprendizagem participativo, de recreio e constantemente aberto a professores e alunos de todas as idades. Uma Escola em que o sentido humano, observação e uma visão do continente americano, constituem uma premissa do habitar poético do homem.

A partir de um ponto de vista externo à instituição é possível rever seu caminho através de revistas e livros que têm um interesse na obra de arquitetura e design deste grupo, bem como pelas características sociais originais da comunidade, fortemente ligada com a Cidade Aberta de Amereida descrita à continuação.

5.2. DESCRIÇÃO DA CIDADE ABIERTA (CA) DE AMEREIDA. RITOQUE. VALPARAÍSO. CHILE.

Motivados pela convicção de criar um espaço cujo objetivo é combinar a vida, trabalho e estudo, os professores da Escola de Arquitetura e Design, arquitetos, designers, poetas e artistas, construíram a Cooperativa de Serviços Profissionais Amereida, entidade responsável pela entidade de projeto. Para garantir a persistência da experiência no tempo, o sítio e as obras se organizam num regime de uma fundação sem fins lucrativos cuja propriedade é inalienável. Os estatutos que envolvem a propriedade coletiva, e excluir a propriedade privada, dos terrenos e dos edifícios. O conjunto regrado pela legislação do Parque Costero Cultural e Recriacional, o que garante a liberdade operacional, mas que também define alguns parâmetros para a construção: por exemplo, a área construída não pode ultrapassar 9% da terra. Os edifícios são generosamente espalhados sobre a terra onde predominam grandes áreas livres (PEREZ PEREZ, 2003).





Figura 8. Fotografias arquivo CA. (Hospedeiras e atividades cotidianas da CA)

A CA é um território no qual o espaço é construído pelos seus próprios habitantes através dos ofícios: sempre baixo a luz de “Amereida”, poema épico que revela uma visão poética de América (figura 8).

O território localiza-se no setor de Ritoque, chamado Punta Piedra, entre as comunas de Concón e Quintero em Valparaíso, Chile, quatro quilômetros ao norte da desembocadura do Rio Aconcágua (figura 9). A superfície é de aproximadamente 240 hectares. Além de ter um valor arquitetônico único, a Cidade Aberta alberga uma biodiversidade no seu ecossistema.



Figura 9. Localização da CA e a EAD na Região de Valparaíso, Chile.

O nome da ‘Ciudad Abierta’ tem uma das suas origens no filme ‘Roma cidade aberta’ (Roma città aperta, 1945) onde o tema tem a ver com a ideia de cidade desprotegida, na qual não existe fortaleza construída. A fortaleza que a defende se constrói por meio da hospitalidade e da palavra.

Os princípios da Comunidade da CA definidos no primeiro dia são: a ausência de lucro, o pluralismo na concepção social, a rejeição do poder como dominação de uns sobre os outros, a hospitalidade, a rejeição de violência agressiva, o estudo, a criação e a paz.

A Cidade Aberta atualmente é considerada como “Parque Costeiro Cultural Recreativo Amereida”, aprovado no plano regulador metropolitano de Valparaíso (PREMVAL) no texto resolutivo modificado em 12 de abril de 2012.

Atualmente, na escola de Arquitetura e Design da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso realizam-se vários estudos que têm como finalidade melhorar a qualidade do Parque deste lugar.

No ano 2009, depois de quase 40 anos da sua fundação, a Cidade Aberta recebeu o Prêmio Bicentenário 1960-2008. A condecoração foi dada aos projetos urbanos mais destacados nos últimos 50 anos. Para a nomeação consideraram-se fatores tais como o valor arquitetônico, a infraestrutura e o espaço público urbano. Também, foi considerado o impacto e seu papel como agente de mudança na fisionomia urbana do país.

Leon Battista Alberti localiza o conceito de cidade entre duas realidades de hierarquia diferente, uma espacial, os prédios; o construído, e outra dos atos como eventos: o ato de encontro entre os homens (CÁRAVES 2012).

5.2.1. O construído da CA

Vários milhares de quilômetros ao sul do equador ao longo da costa do Pacífico da América do Sul é a localização da CA de Amereida. É um laboratório de pensamento e de trabalho, concebido e construído pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Valparaíso. Aqui arquitetos, poetas, artistas e engenheiros participaram de uma das experiências mais radicais da educação arquitetônica por décadas (PEDLETON-JULLIAN, 1996).

Localizada a cerca de 30 quilômetros ao norte da cidade de Valparaíso, a CA culmina uma sequela de balneários que formam uma aglomeração linear. Suas terras compreendem mais de 3.030 metros de praia desabitada. O clima predominante é seco, com breves períodos de chuvas sazonais. Há ventos constantes e fortes, sendo predominante no sudeste. Uma onda implacável bate na praia aberta, o único acidente é uma pequena ilha rochosa (PEREZ, PEREZ, 2003).

A CA hoje passa por um processo de adaptação a um novo plano regulador que cai dentro de uma área de expansão urbana (antes rural), para o qual estão tomando várias medidas que podem ajudar a melhorar a sua qualidade atual de parque dentro deste novo contexto. (II)

O serviço de avaliação ambiental de Chile (SEA) realiza hoje um Estudo de Linha de Base na CA. A Linha de Base é uma descrição pormenorizada da zona de influência de um projeto ou atividade, antes da sua execução. Constitui também um dos teores mínimos exigidos pela Lei 19.300, em Bases Gerais do Meio Ambiente, para a elaboração de Estudos de Impacto Ambiental, que avalia os impactos que possam surgir ou que ocorrem nos elementos do ambiente (SEA. GOB. 2015).

Assim, a comunidade da CA está passando por um processo de adaptação a variáveis emergentes da ordem pública, o que é reconhecido como um desafio entre os seus membros. Hoje um biólogo mora na CA, com a sua esposa, dançarina, que está ajudando a comunidade a entender certas questões ambientais, reconhecendo os valores de uma área que ele define como "silvestre urbana". (DL) Isto também confirma o desejo de formar um grupo diversificado de pessoas, onde todos os ofícios têm espaço e voz.

Desde o início quisemos que estivessem representados todos os ofícios. A arquitetura é um ofício complicado, porque ela deve dar lar a todos os ofícios, deve conhecê-los todos. (ME)

CA nos últimos tempos tem tido a necessidade de começar a gerar novas maneiras de tornar-se conhecida como um "Parque"; isso por causa da crescente urbanização dos arredores do local, encontrado em Ritoque (Seccional Quintero) e futuro imobiliário que será exibido nesta área complexa. Uma forma de valorizar a CA, é claramente torná-la conhecida para o que é, um patrimônio artístico e arquitetônico, mas para isso é importante ter claros alguns pontos para começar a construir uma visão mais específica

do papel que irá atender este parque na comunidade. Ela exige a formalização de um sistema de interação com os visitantes de todas as plataformas para abrir a CA. O que existe não é suficiente e necessário um maior aprofundamento para realizar qualquer equipamento físico (por exemplo, placas de sinalização) ou um meio digital consistente e de acordo com a identidade deste parque junto com entregar informações básicas e necessárias para aqueles que procuram este lugar (WILKOMIRSKY, SARAIVA, 2013).

Junto com esta série de restrições que foram assumidas no tempo, transformar este espaço representa a liberdade de configuração.

É uma cidade pequena, ainda jovem, cheia de lacunas, mas rica em gratidão dos que vivem lá (CC).

Uma cidade desenhada e ainda em formação e que não tem um plano diretor, não impõe um modelo, e não há redes de infraestruturas hierárquicas. Edifícios estranhos localizados entre as dunas e campos refletem a tradução da mente de fenômenos urbanos e fenômenos naturais em relação à construção da memória, e um processo de composição que não depende de antecedentes estilistas, pranchetas de desenho, ou discurso acadêmico (PEDLETON-JULLIAN, 1996).

Pendleton-Jullian discute influências por trás da Cidade Aberta - trabalho e métodos dos poetas surrealistas franceses, as palavras e a atitude criativa de Le Corbusier, paisagem, patrimônio e cultura da América do Sul. Alguns dos temas mais instigantes são aqueles que incluem a ideia de "cidade" em relação à atividade humana, na realidade física, o que é a sua intenção; a premissa de utopia que rejeita os fundamentos da construção de utopia; e as questões do sagrado em relação à paisagem em um contexto moderno.

Falar de utopia (u-topos, lugar sem) mais a CA é bastante ou oposto, é aqui e agora, neste lugar. Mas tem uma dimensão da utopia já que a sociedade atual avança em outra direção, acumulando bens, propriedade privada, e o indivíduo por sobre o coletivo. (II)

5.2.2. Os atos ou atividades da CA.

Neste subtema serão descritos especialmente os atos que se desenvolvem na CA, no subtema anterior já tinha se falado neles em relação aos espaços construídos, mas agora trata-se de se aprofundar nos atos por si mesmos.

Voltando para a definição de cidade que é descrita no início deste capítulo, segue a análise da segunda hierarquia de cidade (CARAVES 2012), dos atos ou atividades, e especificamente do ato do encontro entre as pessoas na CA.

O verdadeiro sentido da CA seria a “cidade da abertura” o “que vai até o aberto” e podemos seguir conjugando aquela abertura. É aberta porque não segue os regulamentos fechados da cidade de fora. Aqui se detêm os regulamentos da cidade de fora porque se adquire uma liberdade de vida e relações entre pessoas. Não é preciso estar se defendendo do que o outro quer fazer em relação aos seus interesses. O mundo gira na base dos interesses dos outros, a desconfiança. A CA é com o tratar da confiança, deve existir uma amizade real, na qual não é preciso explicar nada. (ME)

Também como espaço destinado para o ensino universitário, a forma como alunos são recepcionados indica um modo de relacionamento não-piramidal.

Exx Ursula explica isto de acordo com a seguinte experiência: Existe uma vez por ano uma janta que é preparada pelos professores para os alunos de primeiro ano (70 mais ou menos) onde eles servem aos alunos. Isto mostra uma horizontalidade, que não é comum nos ambientes tradicionais de ensino. Normalmente a pirâmide seria o natural. Isto acontece também nas quartas feiras, quando tem um encarregado na CA de receber os estudantes que participam de Taller (Ateliê) de Amereida e dá aula de Cultura do Corpo. (UE)

O ensino é realizado no lugar e utilizam-se métodos poéticos para ativar o processo de design; o caminho é considerado mais importante do que o resultado (PEDLETON-JULLIAN, 1996).

Os princípios que sustentam a CA (A ausência de lucro, o pluralismo na concepção social, a rejeição do poder como dominação de uns sobre os outros, a hospitalidade, a rejeição da violência agressiva, o estudo, a criação e a paz) tem uma figura legal na Corporação Cultural que antes era a Cooperativa, descreve Ivan Ivelick. Agora para manter aqueles princípios, que emergem de uma dimensão poética, a que devemos definir e afinar. Muitas vezes o poético que se declama na CA se entende como muito lírica, mas a pergunta de como fazer a CA é muito mais profunda que ouvir um trovador. É pensar em como se vive poeticamente sobre a terra.

Não é fácil aprofundar na dimensão poética na qual nos movimentamos. É muito parecido ao que escreveu Rimbaud, de que o poeta vai à frente da ação e não atrás. O

poeta e vidente, a poesia ilumina-nos. Permite-nos entrar numa dimensão não linear do pensamento arquitetônico. É um grande capítulo. (II)

Isto aparece na originalidade de outras comunidades? Existem muitas comunidades que surgiram antes ou depois da CA em vários lugares do mundo, que por distintos motivos não permaneceram no tempo. Falar de utopia (u-topos, sem lugar) mais a CA é justamente o oposto, é aqui e agora, neste lugar. Mas tem uma dimensão de utopia dado que a sociedade atual vai à outra direção, acumulando bens, propriedade privada, o individual em detrimento do coletivo. Nesse sentido a CA não é replicável como CA, mas alguns desses aspetos podem iluminar outro modelo. (II)

A figura 10, Infográfico da CA, abaixo, mostra em sínteses os pontos (a) e (b) descritos acima. Tanto os objetos ou elementos físicos (Obras: hospedarias, salas, obras públicas e esculturas) como as diferentes atividades que acontecem regularmente na CA: Comemorar, ouvir, receber, jogar, estudar, hospedar. Todos eles emergem de uma escolha de CA por incorporar profundamente o conceito da hospitalidade, como um desejo para os outros, para outras disciplinas e outros ofícios.

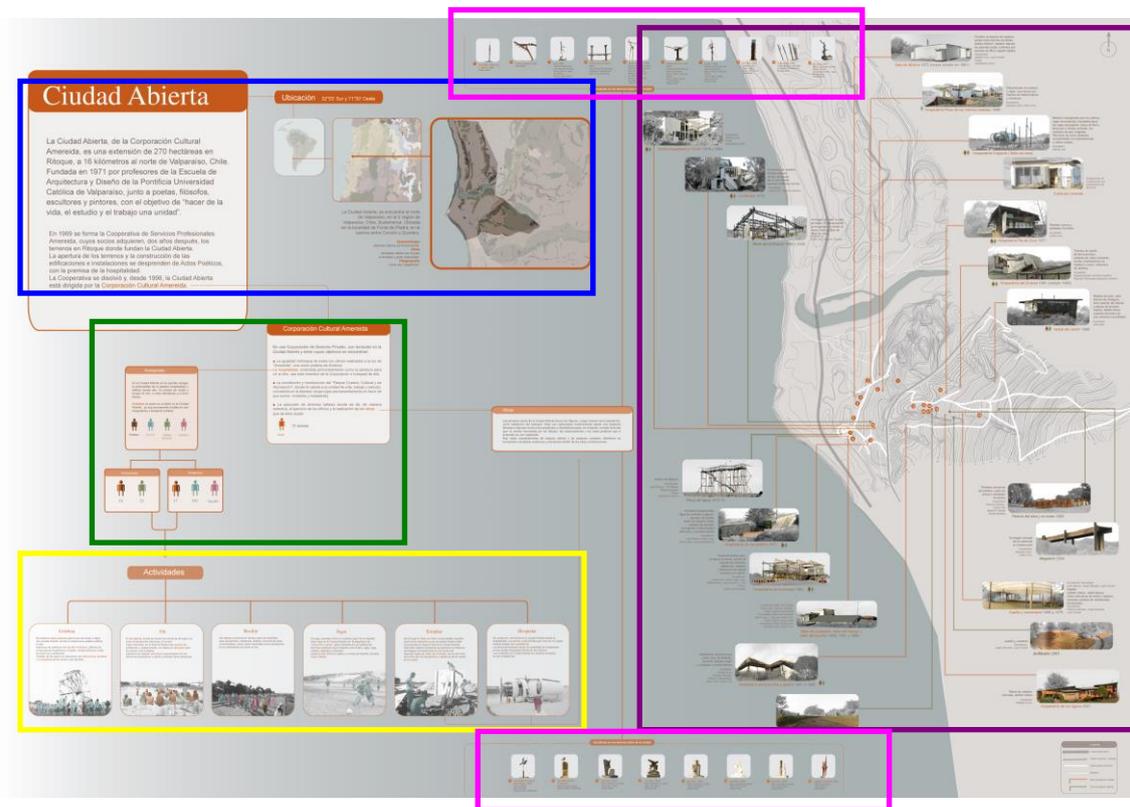


Figura 10. Infográfico da Cidade Aberta. Projeto parque cultural e recreativo Amereida (7ª etapa) (GUERRA 2011)

Para uma melhor visualização das imagens, os quadros coloridos serão ampliados para logo descrever em detalhes o conteúdo.

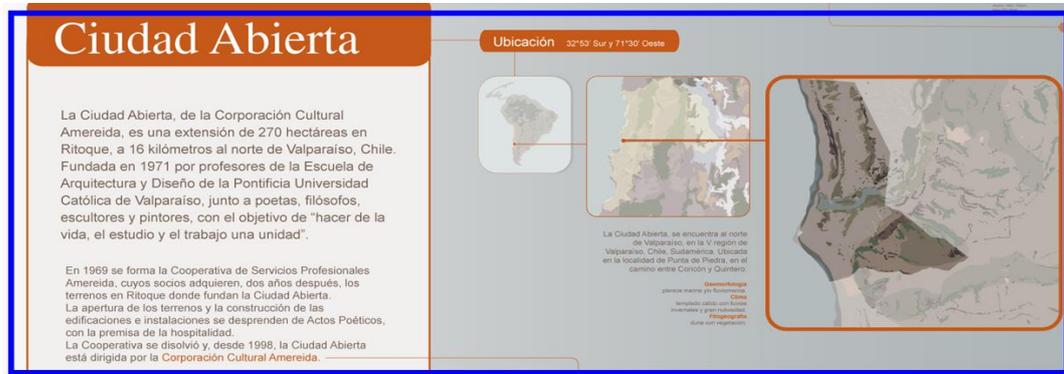


Figura 11. Detalhe 1 de Infográfico. Descrição e localização CA. (GUERRA 2011)

O texto no lado superior esquerdo (figura 11) apresenta um resumo do CA, juntamente com uma breve explicação sobre a sua localização e relação com a EAD, como uma unidade de trabalho. À direita aparece o mapa geral da América, em seguida, uma ampliação da V Região do Chile, onde é localizada a EA e um detalhe de sua topografia no lado direito.

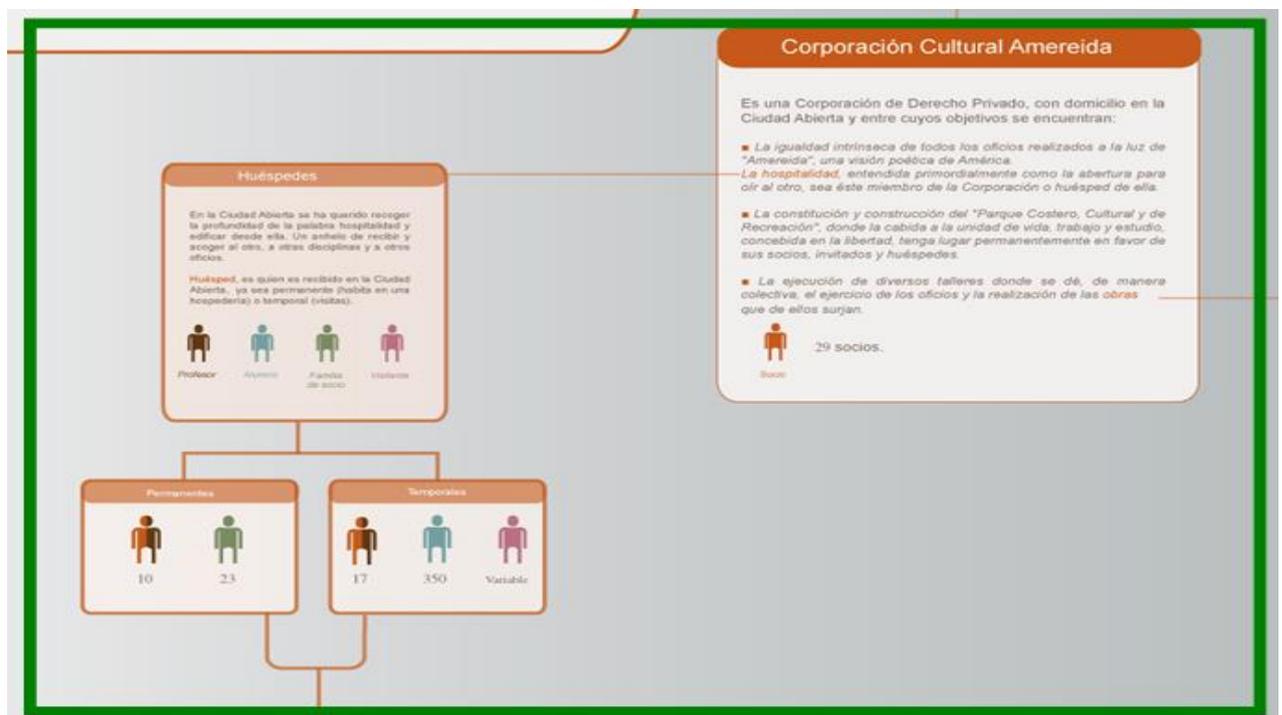


Figura 12. Detalhe 2 de Infográfico. Corporação Cultural Amereida. (GUERRA 2011)

Uma descrição dos objetivos da Corporação Amereida aparece no centro, do lado esquerdo da imagem (figura 12): Hospitalidade como uma abertura aos outros e igualdade dos ofícios, também a contribuição para a construção do Parque Cultural e de Lazer e da implementação de diversas oficinas, onde são exercidos coletivamente os ofícios e a construção das obras que são então apresentadas individualmente no lado esquerdo da figura 11. Até à data (2011), a corporação era constituída por 29 parceiros.

As imagens no lado esquerdo da figura 11 descrevem o status de "hóspede" em quatro grupos: professores, estudantes, famílias dos membros e visitantes. Em suma, em 2011 a CA teve um total de 33 convidados permanentes, 367 convidados temporários e contínuos visitantes que são sempre um número variável.



Figura 13. Detalhe 3 de Infográfico. Atividades CA. (GUERRA 2011)

Na figura 13, no lado esquerdo abaixo uma diferenciação das principais atividades realizadas na CA: Comemorar, ouvir, receber, brincar, estudar e hospedar. Cada uma com uma fotografia que descreve a atividade e uma breve descrição do caso.

Especificamente a descrição da atividade de “Hospedar”, no extremo direito e descrita assim: “Na CA se constrói e se recebe as pessoas desde a hospitalidade. Os sócios e as famílias deles moram em Hospedarias. Os alunos de último ano de carreira têm o direito de morar na Hospedaria da Rosa dos Ventos. Os convidados da CA também são recebidos nas hospedarias”.

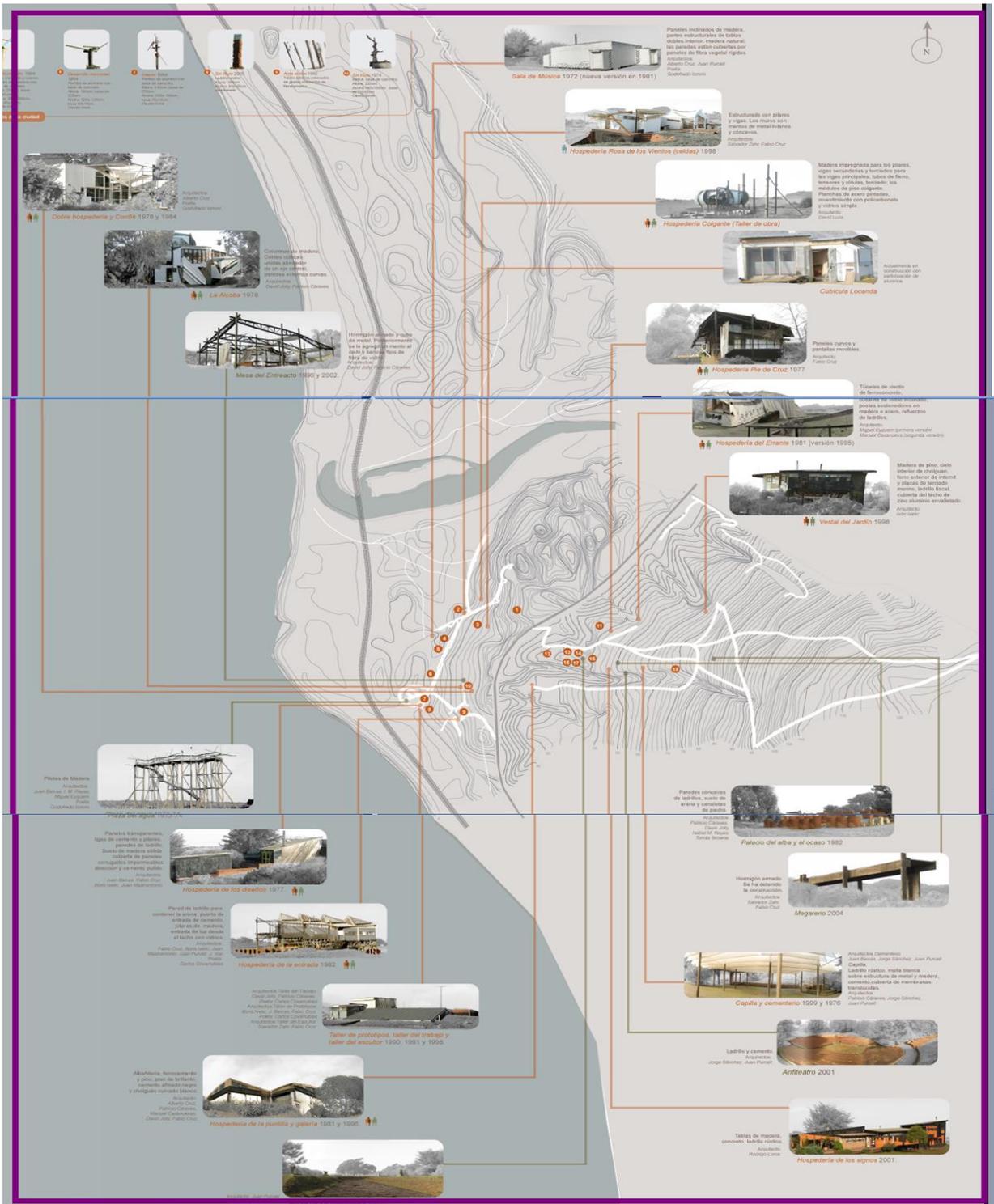


Figura 14. Detalle 4 de Infográfico. Hospedarias CA. (GUERRA 2011)

A figura 14 (lado direito) ilustra as principais obras construídas nos terrenos do CA. A data da sua edificação e uma descrição geral de cada uma delas, juntamente com um símbolo das pessoas associadas a esse edifício.

Por exemplo, uma obra que reúne as pessoas constantemente desde a fundação da CA é a “Praça da Água” e na figura é descrita da seguinte maneira:

“Praça da Água 1973-74 – Pilotes de madeira- Arquitectos: Juan Barcells, M. Reyes, Miguel Eyquem – Poeta: Godofredo Iommi.”

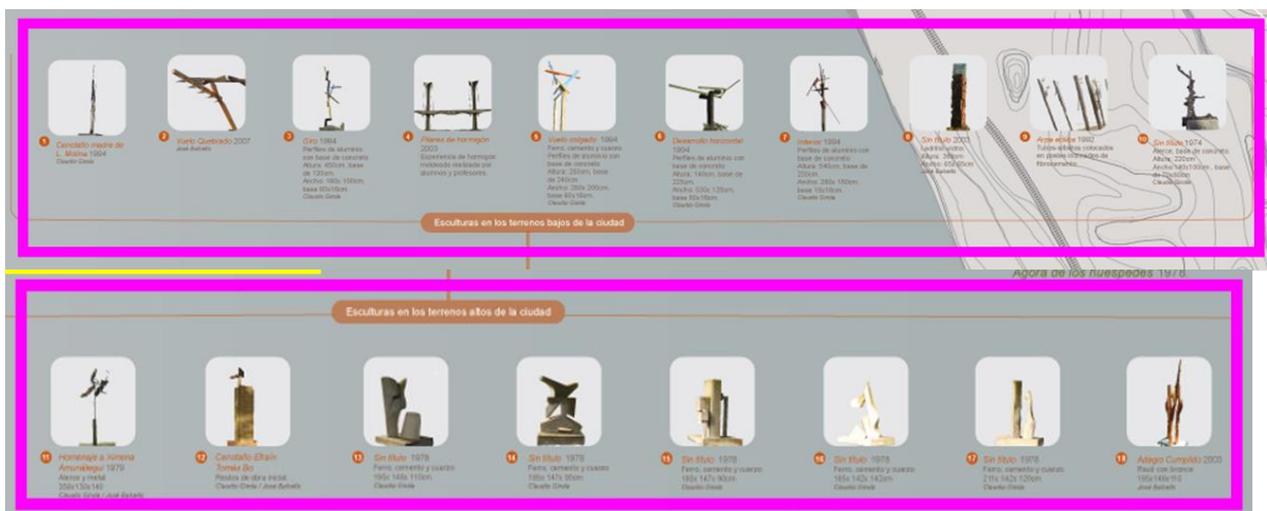


Figura 15. Detalhe 5 de Infográfico. Esculturas CA. (GUERRA 2011)

Finalmente, na figura 15, na parte superior e inferior aparecem as esculturas presentes na CA. Acima aquelas que estão nas planícies do CA e abaixo aquelas localizadas no terreno alto. Ano, autor e título de cada uma.

Por exemplo:

Desarrollo Horizontal, 1994. Perfiles de aluminio con base de concreto. Altura 140 cm, base 225 cm. Autor: Claudio Girola.

5.3. TRANSBORDAMENTO DA EAD PARA A CA

A relação entre a EAD e CA, embora não estejam localizados no mesmo lugar geográfico, é muito próxima. Logo após a fundação da EAD, a CA é criada com o mesmo grupo de pessoas e os mesmos princípios pedagógicos, como um espaço em que o trabalho da EAD é projetado para ter um maior campo físico de ação.

A CA nasce como uma reação a como as coisas se fazem na EAD. É um empreendimento poético que vem da pedagogia. Uma não contém a outra (DL). Desta forma é possível observar um transbordamento, ou seja, as bordas ou limites do que acontece no EAD não são rígidas, em relação à vida que leva a AC, não há limite para fechar o espaço de uma organização à outra, como elas são inspiradas pelas mesmas pessoas promovem iguais valores e comportamentos.

Certamente, a CA, definida por seus fundadores como uma cidade, tem um ritmo e ordem próprios, independentes das coordenadas que regem um espaço de estudo, uma instituição universitária.

Fazendo uma comparação com outras faculdades tradicionais do mundo, muitos deles usando espaços abertos complementares para ampliar as suas atividades extracurriculares e complementares à educação formal de seus alunos, o que normalmente acontece em esportes ou áreas de lazer ou em locais fora da Universidade, o que permite certos tipos de interação. Neste último caso, geralmente organizações que recebem alguns alunos de graduação se beneficiam das atividades desenvolvidas por eles nesta área de estudo complementar.

Na CA ocorre assim mesmo, um complemento ao estudo formal exigido numa instituição tradicional, mas com a liberdade e autonomia de um lugar absolutamente fértil para o ensino da arquitetura e design administrado pela EAD.

Permite aos alunos expandir o trabalho de seu escritório para uma visão geral da cidade como um todo, adquirir uma determinada postura cívica, e de alguma forma, também uma visão política.

As travessias (viagens feitas por alunos e professores ao continente americano desde a origem da comunidade até hoje) e a vivência da CA regularmente permitem uma experiência da hospitalidade que uma aula tradicional não fomenta. (UE)

Os princípios da EAD se transpassam à CA como uma utopia num tempo de utopias. É uma política sem assinalá-las. (CC)

Tanto a EAD como a CA têm sua própria dinâmica, e não todos os envolvidos na EAD se identificam com esse estilo de vida, de fazer cidade.

Os princípios da CA não se aprendem necessariamente como aluno da EAD, mas sim morando lá. São valores muito profundos da CA então o alcance aos alunos é limitado quando essa vivência é inexistente. (OA)

Contudo, ambas as organizações não são divisíveis, porque a história delas desde a origem está intimamente racionada para as mesmas pessoas e as gerações que se seguem e concordaram formalmente e informalmente manter um tempo atual compatível com os princípios estabelecidos desde o início.

5.4. ANÁLISE DA CIDADE ABERTA

Segue, em primeiro lugar, a análise dos princípios de hospitalidade e hostilidade presentes da CA, logo a análise de como a CA desenvolve a sustentabilidade social, tema que conduz a outros sub temas, tais como: A inspiração poética da comunidade da CA, a escala da CA comparativamente com outras escalas (tamanhos) de cidade contemporânea e o processo de tomada de decisão na CA sobre a ótica da SS definida por Mackenzie. Como terceiro ponto é descrito o modelo de SS da cidade de Vancouver, Canadá e da comunidade urbana da CA. Na sequência avança-se para o capítulo da análise multinível da CA.

5.4.1. HOSPITALIDADE, HOSTILIDADE E SOCIO SUSTENTABILIDADE PRESENTES NA CA.

Os princípios estabelecidos na fundação do CA (4.4) são sete (A ausência de lucro, o pluralismo na concepção social, a rejeição do poder como dominação de uns sobre os outros, a hospitalidade, a rejeição da violência agressiva, estudo, criação e paz), no entanto, o princípio da hospitalidade parece de alguma forma garantir a sua coesão e tempo de permanência no tempo. Frase-chave ou número um, de acordo com membros desta comunidade, e eixo de sua vida cotidiana e constante retorno à origem.

Eu diria que até cumprir 50 anos foi um olhar para construir para dentro, como quem constrói as bases para a construção que virá a seguir. Com a fundação aparecem realidades que começam a ter seu próprio decurso. Uma delas, que eu gostaria de citar, é a hospitalidade que não foi dito hoje, mas sim foi dita há 50 anos. A coisa fantástica sobre isso é que, 50 anos demorou em ser construída a hospitalidade, para realmente ouvir a palavra. Porque é uma palavra poética em nós, mas tem muitos outros conteúdos, o conteúdo que queremos ouvir, é este conteúdo poético. E essa dimensão abriu desde a última década.

Esta última década tem sido "indo se encontrar com o outro": o diálogo. E pode-se perguntar: por que demorou tanto tempo? Porque é a partir de algo. Isso de começar alguma coisa depois de 50 anos, é um retorno. E a beleza que temos neste momento é que o nosso caminho é um retorno, porque nós vamos com a origem e que transporta a origem. Isso de voltar mostra muitas realidades, uma das quais é a hospitalidade que é o nosso tingimento estes 60 anos. (CARAVES 2002)

Hospitalidade é a palavra chave da CA. É fácil de definir, mas é complexa de se apresentar como ação. O que temos feito a vida inteira é estar disposto a ouvir ao outro, e ao mesmo tempo ter a vontade de dizer quem somos. Tu não podes exigir ao outro que fale quem ele é, sem ter falado primeiro de ti. Acontece um encontro que permite aparecer os dois. (CC)

Quando Cristo resumiu os 10 mandamentos no “Amar ao próximo como a ti mesmo”, o mandamento do amor... É o mesmo com a hospitalidade. No amor cabe tudo, cabe a natureza, o desconhecido, o outro, cabe você mesmo, é um olhar da totalidade. A hospitalidade tem a ver com o absoluto reconhecimento do outro, que é distinto de mim. Então quando tu esperas e permite ao outro que fale o que o outro é e quer dizer, o reconheces e ofereces tua hospitalidade, teu tempo. Tu provocas aquela opção. Se por alguma razão tu não deres aquela opção, as coisas não aparecem e aparecem como ruins ou feias ou pobres. Tu as diminuis, porque não deixas elas serem. (CC)

A sentença número um é a hospitalidade. Se pudermos botar um letreiro na porta da CA seria aquela palavra, mas as pessoas de fora vão entender isso como hospedarias. Por um tema do plano diretor as casas ou moradias não podem se chamar dessa maneira e por isso chamam-se hospedarias. Ninguém é dono delas. Inclusive tem chegado pessoas a pedir para ficar, então são bem-vindos em virtude dessa hospitalidade. Mas a hospitalidade do poeta não é dar uma barraca e permitir passar a noite, essa é uma ajuda material. E outra hospitalidade, do espírito, é ouvir o que o outro quer dizer. Para eu estar aqui sentado tentando te ajudar com teu problema, essa é a hospitalidade. Ouvir o outro, o mais difícil do ser humano porque sempre nos estamos projetando com o futuro. Esquecendo as coisas mal feitas e perfeição como fazer no futuro. Nossa tarefa no tempo é essa. (ME)

A Hospitalidade, primeiro é uma relação com as Hospedarias, onde ninguém é nem interno nem externo. (Existe uma horizontalidade no modo de viver, ser par.) (UE).

Sempre me senti bem-vinda, com portas abertas, mas sempre me senti como uma visita, em situações esporádicas. (Atos, aulas, eventos...) (UE).

No discurso eles fazem aparecer a hospitalidade, e isso naturalmente impõe valores ou gera uma determinada atitude. (UE).

Então dar hospitalidade e ter a vontade de parar, deter-se. Acreditar que o outro tem um aporte para dar. Para que entre outro mundo que eu não conheço (ME).

Sabes onde começa esta hospitalidade da qual estamos falando? Começa com cada um que deve dar hospitalidade. Sempre que começamos uma travessia, e sabemos que estaremos com estudantes que vivem de outras maneiras e às vezes seres humanos muito imaturos, (os novos) antes de sair lhes falamos que é uma aventura, planejada.

Pretendemos cumprir algo, mas sabemos que o mundo inteiro está contrário de que ela seja cumprida. Essa é a aventura, o que realmente vai acontecer. Uma coisa é o planejado, outra é quanto resultam, mas tentamos (ME).

Assim a aventura significa ir a outro lugar, do continente ou do Chile e nos encontrar com pessoas que não conhecemos, outros costumes. Sabemos que falamos escondendo o pudor da sua própria pessoa, o outro e um desconhecido. Insistimos nisso, por nossa proximidade com a poesia. Se sairmos com uma real consciência de estar aberto a outro ser humano desconhecido, realmente vamos a nos enriquecer, receber um aporte do mundo, de outros mundos. O primeiro desconhecido da viagem serão eles mesmos, cada um. Este é o aporte da CA ao continente (ME).

Hospitalidade na CA é uma filosofia, se localiza por meio de certas indicações, e não é exercitada sem que alguém a requeira. Tem que existir outro para que ela apareça. Estão escritas certas orientações, mas é quem chega que faz ser, quando o outro é recebido sem discriminação. Nossa hospitalidade é ante o que o outro faz, seu ofício. É também uma dimensão poética, que incorpora os ofícios de todos, sem preconceito. (DL)

Penso que vivemos em uma hospitalidade criativa, porque sempre tem workshops, ou experiências criativas com outros grupos de estrangeiros ou artistas, e existe um constante recebimento de outras posturas criativas. Assim, as coisas acontecem com o “consentir”, incluir ao outro. Não é democrático por número, é uma internalização de uma situação que aceita a favor do grupo. E a soma do individual e o coletivo para tomar decisões. (AO)

Além disso, de acordo com o olhar realista da presente pesquisa, que considera as cidades em desenvolvimento da América Latina, tanto em seus aspectos positivos e negativos, é necessário rever o ponto oposto ao construído sobre a hospitalidade, essa hostilidade presente inevitavelmente em todo grupo humano.

Assim, a hostilidade aparece na CA de acordo com seus próprios habitantes e convidados, em ações ordinárias como roubo, desentendimentos, a intolerância, etc... Assim como existem ações para promover a hospitalidade dentro do grupo, o conceito de hostilidade aparece como menos dinâmico ou assumido, uma vez que não parece ser uma ameaça real que possa prejudicar o seu estilo de vida drasticamente.

É relevante conhecer os limites da hospitalidade e a hostilidade, argumenta Carolina Quinteros. Cada um deles tem um escopo específico, e por muito ambiciosa que seja a vontade de fazer da CA um espaço hospitaleiro, isso não iria avançar sem saber os limites impostos pela hostilidade (CQ).

Existem dois tipos de hostilidade, uma interna, produzida por suas próprias divergências naturais e conflitos do grupo e egoísmo individual e uma hostilidade externa, conforme detalhado por Michel Eyquem, que vem de um mundo que ignora as regras da CA e agride o espaço desta comunidade (ME).

Claro, tivemos roubos feitos por pessoas externas à comunidade. Vimos que saem carros com coisas nossas. Por isso o portão novo (porta de segurança ao acesso recentemente instalado). Temos muitos sendeiros que cruzam, cortam caminho. No cemitério não se pode usar uma placa de mármore porque seria roubada. Tivemos experiências horríveis disso. Inclusive áreas que já nunca mais podem ser construídas. Sempre existirão pessoas que não toleram o que não compreendem, então destroem. Esta é a chave da política atual, destruir o que não se compreende. (ME)

Existem palavras muito boas em português que não podem se traduzir. Existe uma palavra “sumir” que significaria algo parecido com fazer desaparecer algo, assim, fazer sumir a um ladrão, por exemplo, é uma coisa que não podemos fazer. Deveríamos construir antes uma prisão. Para defender-nos dos malvados. Não podemos eliminar essa pessoa, só defendermos, nem mesmo pensar em educá-lo. (ME)

Portanto, não há plano de ação específico para defender nem muito menos agredir as pessoas que fizeram danos ao patrimônio físico ou social desta comunidade, inclusive ambientais, quando não há respeito pelo estatuto de Parque e as pessoas inconscientes poluem este espaço público.

Existem diferenças naturais, mas não ações de hostilidade intencionada. Por exemplo, no verão às vezes aparecem visitantes não desejados na forma de invasão e não de visita. (DL)

Não é o mesmo que falar de “seguridade” num espaço aberto quase rural onde fica a CA a que numa cidade normal, são escalas muito diferentes. (UE)

O tema da escala desta comunidade é importante quando se trata de comparações de sistemas de segurança em relação às cidades tradicionais. Por um lado, a sua dimensão

torna vulnerável, por outro lado, a sua austeridade, simplicidade dos materiais utilizados para construir seus espaços, torna menos vulnerável ao roubo.

Quando um bairro se fecha, como acontece no modelo de condomínio fechado hoje, por vezes, a provocação para os cidadãos é maior, ou seja, um "valor" protegido é revelado, e isso aparece como uma luz para os criminosos.

Oscar Andrade pensa a respeito da hostilidade, que é estar fechado para o que as outras pessoas possam trazer, assim que, em geral, tendo em conta os princípios acima descritos, não ocorre neste grupo, portanto, a hostilidade interna é muito pequena.

É difícil generalizar sobre estes comportamentos hostis, porque cada um tem o seu contexto e as suas características particulares, argumenta Carlos Covarrubias, e sempre foi proposto na CA o jogo de "cada vez", ou seja, que cada assunto e problema é considerado como único.

Resumindo as questões a serem analisadas, nessa parte da presente pesquisa recolhem-se primeiro os aspectos mais abstratos nos quais membros do CA se identificam com a SS ao serem entrevistados. A sócio sustentabilidade nunca foi proposta formalmente dentre seus membros, mas existem certas simpatias a respeito e é possível encontrar elementos do conceito em muitas das suas práticas.

Em seguida, é apresentada uma revisão do eixo inspirador da CA, o seu olhar poético, e como ele constitui uma base para comportamentos de Sócio Sustentabilidade Urbana. Depois é analisada a questão da escala (tamanho) da CA em relação a outras cidades, geralmente maiores em número e tamanho físico e como esta variável é relevante para analisar as características da SSU em cada cidade ou comunidade urbana. A seguir é descrito como as decisões são tomadas na comunidade da CA na ótica da definição de SS de Mackenzie (2004) que define o conceito como um processo, com características observáveis no dia a dia da CA, as quais finalmente serão analisadas na lente da Teoria Micro-meso-macro.

5.4.2.1. Inspiração poética da comunidade da CA.

Ivan Ivelick, na tentativa de responder a um alinhamento da CA com a sócio sustentabilidade, principalmente o faz refletir em como esta comunidade tem sido capaz de permanecer no tempo. Normalmente o motor de comunidades urbanas tradicionais é o dinheiro e permanecem no tempo por políticas muito diferentes do CA, que baseia as

suas ações numa inspiração poética. Há comunidades que são inspiradas pela religião ou filosofia e são igualmente sócio sustentáveis, em seguida, abre a pergunta: Qual é a chama que mantém viva uma comunidade?

A dimensão poética tem a ver com a plena liberdade poética de cada um. É pensar em como se habita poeticamente sobre a terra. Não é fácil aprofundar na dimensão poética na qual nos movimentamos. É muito parecido ao que escreveu Rimbaud, de que o poeta vai à frente da ação e não atrás. O poeta é vidente, a poesia ilumina-nos. Permite-nos entrar numa dimensão não linear do pensamento arquitetônico.

Em certa forma este comentário de Ivan Ivelick pode relacionar-se com a teoria da Complexidade, dado o nível de abstração poético que é inspirador dos fazeres desta comunidade e a valoração das partes tanto como do todo, o sentido holístico da teoria.

Poderia se pensar num modelo de SS perfeito, como um mecanismo de sociedade sócio sustentável, mas não teria a luz, a chama, a inspiração, que em nosso caso é poético, mas para outros é a religião, a filosofia, espírito, etc. Um grupo não é sustentável só pela sua estrutura. (II)

Dentro da investigação científica, existem certos parâmetros repetíveis, mas pode ser uma parte substancial, outros aspectos menos tangíveis, próprios de não ser um pensar no coletivo. Isto leva à melhor qualidade de vida, à transcendência, coisas que devem iluminar o grupo para que fique conectado. (II)

Miguel Eyquem explica que a visão poética da CA pode ser interpretada como religiosa, ou filosófica, mas que isto realmente não importa dado que dentro da comunidade todos são cientes de que é uma mesma inspiração a qual, principalmente, de se manifestar no obrar arquitetônico. Construir é viver poeticamente.

5.4.2.2. Escala da CA comparativamente com outras escalas (tamanhos) de cidade contemporânea.

Outro fator importante a considerar em relação SS é o tamanho ou a escala da CA, muito menor em comparação com outras cidades, geralmente maiores (ou com maior número de cidadãos).

Claramente um grupo de 30-40 pessoas (Anexo 3, lista de moradores atuais da CA), tem características similares ao que poderíamos ver em um bairro de uma cidade, mais que a cidade como um todo.

Mas o fato de ter se diferenciado, tanto geograficamente como culturalmente como cidadãos, e validando isto a partir da perspectiva de cidade complexa, então você pode reconhecer certas virtudes que, dado o seu tamanho, não é possível identificar em uma cidade tradicional.

Michel Eyquem dá algumas razões pelas quais CA é comparável e ao mesmo tempo não comparável com outras cidades:

Temos que ter muito cuidado com o entendimento do que se quer dizer dela como cidade. Porque se a compararmos com as cidades nas quais moramos, não tem nada a ver. Não é comparável. Por exemplo, ninguém vive da CA, fora dos funcionários, um vigilante que cuida os limites do sítio, mas a Sra. Olivia que cuida da cozinha e da Sala de Música. Porque fazemos um almoço todas as quartas feiras, preparado para todos, mas que precisa que alguém nos ajude para poder fazer isto para tantas pessoas. Em todo sentido não é comparável com uma cidade, mas chama-se cidade porque nela contém tudo o que pode pensar o ser humano numa cidade, tudo se pode propor. Elementos que faltam para esta convivência podem ser propostos e podem ser estudados, nesse sentido é ABERTA a todas as iniciativas e empreendê-las. Nesse sentido é uma cidade em construção.

As cidades que conhecemos estão sempre em construção, mas num crescimento a partir do que existe construído, ou reconstruindo.

De outra parte, nas palavras de Iván Ivelick, podemos reconhecer as virtudes da escala atual da CA:

Note-se que todas estas questões são ricas em implicações econômicas e ecológicas. Pode-se atribuir um valor para pequenez também e o aumento da produção criativa dos membros da organização, que é a principal razão pela qual as pequenas equipes de trabalho autônomas estão se tornando a base de estruturas organizacionais. Eu tenho percebido na Sustentabilidade o tamanho “discreto” que não é nem grande nem pequeno. Observemos o exemplo das Cooperativas de Vivenda Social que hoje opera na Argentina, dá muitos bons resultados, autoconstrução, cooperação, etc..

Eles operam assim legalmente, em todo o país. Um grupo de pessoas deve se agrupar numa cooperativa para poder gerar subsídios. Assim eles sentem que pertencem a isso, e depende de um determinado tamanho. O mesmo se passa nos países nórdicos, eles são bastante sustentáveis não só pelo dinheiro que têm, mas sim por cidades pequenas,

quase povoados, dispersos num território como uma rede. Cada um dialoga com o contexto do território. Achar aquele tamanho pode ser uma pesquisa interessante.

Desde sua formação nos anos 70 até hoje sempre volta a ter um número de 40 pessoas, e seu equilíbrio natural. Assim o grupo permanece coesivo, participativo em torno das atividades.

Desde a perspectiva teórica, os comentários dos entrevistados enriquecem-se com a ideia de que as operações de pequena escala, não importa quão numerosas elas sejam, sempre serão menos prejudiciais para o ambiente natural. (SCHUMACHER, 2013)

O valor da pequenez baseia-se em concentrar esforços organizacionais sobre questões de escala econômica. Concentrando-se na escala econômica leva à luz a redução de recursos, redução de materiais, eficiência energética, reciclagem, reutilização, e assim por diante. (DALY, 1991).

5.4.2.3. O processo de tomada de decisão na CA sobre a ótica da SS definida por Mackenzie.

É essencial, na operação desta comunidade, o processo de tomada de decisão, em um grupo de tamanho definido como discreto e que é organizado numa hierarquia horizontal, em vez de piramidal como acontece regularmente em comunidades urbanas de na maior tamanho. A seguir, uma análise mais aprofundada desta questão.

Voltando para a definição de sustentabilidade social de Mckenzie (2004) "Uma condição positiva que melhora a vida das comunidades, e um processo dentro das comunidades que podem alcançar essa condição", é possível observar os principais elementos que explicam a complexidade do conceito no desenvolvimento desta comunidade, a qual reúne tanto a comunidade universitária como uma comunidade civil. Os elementos observáveis nessa definição de Mckenzie (2004) serão desdobrados para análise desta comunidade, que são:

- a) *Uma condição positiva dentro das comunidades.* Inspirada nos princípios fundadores de um espaço comum, e mantida no tempo, validada pelas organizações alheias a sua cotidianidade.
- b) *Um processo dentro das comunidades.* É importante entender que o a sócio sustentabilidade não é um processo imposto pelas organizações. Ele surge

endogenamente em um grupo determinado, permitindo a sua originalidade e sua renovação constante, criado livremente por aqueles que pertencem a este grupo.

c) *Um processo em comunidades que podem alcançar esta condição.* Felizmente, existe tanto uma base econômica e social que permite que esta comunidade da CA dê início e continue este desafio. Não há impedimentos políticos que dificultam este processo, apenas aqueles que emergem da dinâmica interna própria. Mas hoje uma nova situação aparece dado o novo plano de regulamentação, exigindo avaliação ambiental e reconhecimento dos valores econômicos e sociais.

Devem existir muitos casos na América Latina que, mesmo tendo todos os elementos inspiradores para um desenvolvimento SS têm sido frustrados por contextos hostis. Seria interessante para uma maior compreensão desses fatores favoráveis fazer uma comparação dos casos, onde os fatores negativos sejam observados.

Além disso, é importante notar, no âmbito da abordagem SS deste autor, certas características que são indicadoras de que esta condição seja alcançada pelas comunidades, em seguida, os passos para a sua criação e implementação são os aspectos do processo.

As características definidas para este processo são descritas em 2.2. da revisão teórica do tema da SSU, e, em seguida, são apresentados alguns pontos que foram observados nesta comunidade.

Primeiro, considerar a SS como um processo é relevante para esta investigação, pois permite entender a origem, a adoção e manutenção de regras da teoria multinível, a ser aprofundada mais adiante.

As características descritas são observáveis todas em maior ou menor medida no estilo de vida analisado na CA, destacando especialmente o sentido de propriedade da comunidade (v). Cada um dos membros sente que a CA é própria, e participam para identificar constantemente e coletivamente seus pontos fortes e necessidades.

Este aspecto aparece na forma em que esta comunidade realiza a tomada de decisões.

Eles conformam uma Corporação, o que não é casual, existe uma planificação. Reúnem-se periodicamente nas Ágoras onde se tomam decisões com todos. Existem os modos de tomada de decisão em “Ronda”, o que não é democrático como usualmente

entendemos porque é uma decisão coletiva. É uma constante criação coletiva. É uma democracia, mas não por voto, e sim por acordo. (UE)

Desta forma manifesta-se esta característica (iv): Ampla participação política dos cidadãos, não apenas nos procedimentos eleitorais, mas, também, em outras áreas da atividade política, sobretudo no nível local.

Existem quatro Ágoras, que são, por ano, uma em cada estação e outras circunstanciais para resolver temas mais específicos.

Também referente ao modo peculiar de tomar decisões nesta comunidade (em coerência com as características (vi) e (vii)), Oscar Andrade considera dois aspectos principais: por um lado considerando o fator quantitativo, poucas pessoas, o que permite conseguir a participação de todos, coordenar e inventar um modo para outra realidade e, por outro lado o qualitativo daquela tomada de decisão que é em plena liberdade. Na CA se tu quiseres fazer faz, não é uma imposição. Eu imagino que a complexidade desta liberdade é fundamentada nas suas bases religiosas ou filosóficas.

Eles operam com a ideia do “consenso” para tomar decisões, esta é a estrutura da Ágora. Vão se expondo os temas um a um, todos vão consentindo ou não com isso.

David Luza sublinha que a sua regulação precisa que as pessoas se conheçam, e que isto seria diferente em grupos maiores.

Finalmente CC, ao refletir a respeito deste tema, reconhece esta comunidade como ainda jovem, da seguinte forma: A CA é tão especial, pequena, e muita criança ainda, muito fresca. Vai permanecer assim com sua alma jovem cheia de deficiências, permanecendo na “gratuidade”.

A gratuidade é uma palavra muito importante, que permite aos membros permanecer unidos, não por comércio nem negócio. Assim ela permanece com a sua beleza e sua juventude.

Existe uma constante nostalgia dos alunos de como a CA era em relação a como funciona hoje, e ele responde a isto como algo positivo, considerando que ela deve sempre mudar, adaptar-se. Ele faz uma comparação com a Igreja Católica, hoje em crise por ter sido sempre tão dogmática. Assim a CA não pode ser dogmática e deve se adaptar sempre, e pergunta-se sempre como fazer cidade. (II)

5.5. ANÁLISE MULTINÍVEL DA CA

5.5.1. Descrição geral do modo de análise

A figura 4, já apresentada anteriormente, apresentada no referencial teórico, Taxonomia das Regras (DOPFER 2004) propõe uma divisão das regras mesoanalíticas, em primeiro lugar em Regras do Agente (no caso do cidadão) e Organizacionais (neste caso a CA) Por sua vez as regras do Agente dividem-se em Cognitivas ou Comportamentais. As Regras da Organização dividem-se em Comportamentais e Técnicas.

A partir destas primeiras subdivisões é possível distinguir os elementos de análise baseado nos entrevistados.

Na sequência é feita uma análise das três etapas da trajetória mesoanalítica: criação, retenção e adoção da regra.

A seguir, cada um dos elementos de análise é descrito conforme a pesquisa realizada. Cada uma dos tipos de regras é seguida por uma pergunta elaborada pela autora, para poder analisar a regra a partir de um questionamento sobre um determinado comportamento.

5.5.2. Regras Cognitivas do Cidadão.

5.5.2.1. Concepção de dispositivos.

A pergunta feita foi: Como elaboram esquemas, mecanismos ou estruturas?

Considerando a cognição como a faculdade dos cidadãos para processar a informação a partir da percepção, é importante considerar uma perspectiva comum desta comunidade que tem a ver com uma percepção poética da vida do trabalho e do estudo. Isto revela uma base subjetiva desde onde eles empreendem sua visão do mundo, abstrata e rica em complexidade. (Também como resposta ao constante, à união da vida o trabalho e o estudo). Ciente com o tempo presente, e sempre revisando as origens da sua formação como comunidade. Assim uma memória coletiva com forte apego aos fundadores e aos princípios iniciais faz com que a cognição deles esteja unida e traduzida por uma linguagem comum e um modo de tomar decisões de acordo com todos os membros do grupo.

A cognição deles está fortemente ligada a uma percepção de espaço físico, co-criado e sempre reinventado, junto com uma constante aceitação de outras posturas criativas dentro de seu território.

Neste sentido seria uma regra de cognição poética criativa em função da arquitetura e o design.

A aprendizagem estaria dada de uma forma pouco tradicional, diferente do método piramidal tradicional, estabelecendo-se uma hierarquia em que a voz de todos é ouvida, como uma democracia de consenso. O argumento permite uma internalização dos temas a serem revisados pelo grupo até chegar a um acordo comum. Por exemplo, cada vez que uma nova pessoa ou família se une à comunidade, é feita uma Ágora (reunião) extraoficial para avaliar, em primeiro lugar, se todos estão de acordo em receber estas pessoas; quando conseguem um consentimento comum, são propostas as diferentes opções para a construção daquela hospedeira onde esta/s pessoa/s morariam. Assim acontece com todos os temas que emergem fora do tempo regular das Ágoras oficiais (uma por cada estação do ano). Isto é um comportamento diferente do que regularmente é observado nas cidades tradicionais.

5.5.2.2. Modelos mentais

A pergunta feita foi: Que modelos surgem nas mentes dos cidadãos abertos?

Os modelos não são dogmáticos nem rígidos. Cada um incorpora as partes que considera valiosas dos princípios comuns estabelecidos e participa da comunidade livremente (Se entra sem honra e se sai sem culpa (II)).

A maneira como este grupo pensa, tanto individual como coletivamente, está fortemente ligada a sua visão poética de construir o dia a dia, tanto no tangível (obras concretas de arquitetura ou design) como no mundo não tangível, dos atos, das ações que permitem o constante encontro entre eles e seus hóspedes.

A hospitalidade como princípio importante também permite que todos eles tenham uma predisposição a olhar o mundo desde este, como ponto de partida, aberto a outros, sem discriminação e em constante renovação.

O fato de organizar por meio de uma propriedade coletiva, permite um sentido de propriedade da comunidade (acorde com as características do processo de SS descrito por McKenzie 2004) assim, o modelo que ele tem do espaço é tanto próprio como dos

outros, assim a responsabilidade e motivação para cuidar dele cresce e se mantém no tempo de maneira muito mais consciente e dedicada.

Resumindo, os principais modelos mentais dos moradores da cidade aberta, e de grande parte dos seus convidados são: A abertura (manifesta com base no princípio da hospitalidade), cooperação, consenso e criatividade.

5.5.2.3. Modelos de aprendizagem

A pergunta feita foi: Como aprendem na base daqueles modelos?

A comunidade da CA vive em um exercício constante dos ofícios da arquitetura e design, assim, quase todas as atividades coletivas e individuais que surgem estão lá fortemente inspiradas pela criatividade que caracteriza estes processos.

Aprender, neste caso, não é um processo rígido nem imposto, as competências, habilidades, conhecimentos, comportamentos e valores, mas são o resultado de uma convivência que é baseada em uma amizade, uma confiança que permite a liberdade de agir e aprender.

O princípio da hospitalidade também constrói uma constante disposição a ouvir e receber o outro, contribuindo a que o processo seja aberto e recíproco. Do professor para o aluno e do aluno para o professor.

Todos os outros princípios que inspiram esta comunidade, traduzidos em valores, constituem uma base sobre a qual o coletivo prevalece sobre o individual, não há propriedade privada (as pessoas não são proprietárias de suas hospedarias, são construídas por todos para determinada pessoa ou família), e o modelo de hierarquia tradicional (pirâmide) é exercida na horizontal, considerando todos os membros de igual para igual no processo de coordenação das tarefas e atividades.

As viagens (travessias) realizadas todos os anos pelos grupos de arquitetura e design conduzem a um reforço de valores não só técnicos ou formais, mas pessoais, experienciais, onde habilidades próprias de cada aluno e professor aparecem e são cruciais para que os processos sejam enriquecidos com a criatividade de cada um.

Nas travessias são construídas obras a partir da criatividade do ofício da Arquitetura e do Design, em algum lugar na América estabelecida através do estudo realizado por cada Ateliê .

Em 1965, os fundadores da Escola decidiram que a partir desta visão: *América tem de ser percorrida em sua extensão; temos de ir para o continente, ir até ele para reconhecer e viver a sua emergência.* Essa primeira travessia abriu o horizonte em processos educativos e de aprendizagem na academia; em 1984 ele se juntou ao currículo de estudantes de Arquitetura e Desenho realizando um cruzamento anual no âmbito de cada Ateliê. Eles já realizaram mais de 100, nas quais alunos e professores realizaram trabalhos específicos de arquitetura e design durante o terceiro trimestre de cada ano e duram aproximadamente um mês (TRAVESIAS. EAD. 2015).

Quando tu pedires para um arquiteto fazer a tua casa, eu devo saber como tu trabalhas, entender todas tuas preocupações, e entender o que se apresenta em cada caso (ME).

Então temos que nos interessar e estudar a cada pessoa, e o ser humano é confundido com a construção, com o jeito de fazer paredes, mas o ser humano tem outro valor além da construção.

Isto o pode saber qualquer pessoa, basta tocar um muro para começar a conhecê-lo. O arquiteto pensa nas dimensões, nas vistas, no sol, nas profundidades. Podemos até desenhar uma casa para observar o céu.

O arquiteto pensa no que não é material, no ar, na luz, na água... Os invisíveis. As forças da terra são invisíveis, mas existem, e por conseguir dominá-las, vivemos. E o principal? O ser humano. Vive e se movimenta. Logo dentro do corpo o espírito que fala a língua só obedece àquele espírito que nos habita, um quarto invisível.

Um estudante pode ficar chateado e sair desta escola por isso, por estudar o que não vemos, por não gostar disso.

Tu te dás conta do quão difícil é falar do fundo das coisas, porque vivemos uma vida simbólica, falando o que não é. (ME).

5.5.2.4. Heurísticas.

A pergunta feita foi: Como criam e descobrem a partir daqueles modelos?

CA é essencialmente uma comunidade criativa, tanto na administração social e no seu exercício no campo da aprendizagem de Arquitetura e Design. É um espaço também aberto para a experimentação, para a tentativa e erro.

Do ponto de vista da gestão do espaço e da comunidade é importante notar que eles surgiram com um forte sentido de pertencimento ao continente americano, assim, a criatividade de suas ações não é limitada a fazer obras e atividades dentro de seu território, mas muitos outros lugares percorridos durante as travessias, como uma contribuição para o continente e uma troca de conhecimento mútuo.

Também a inspiração poética que mobiliza este grupo de pessoas que levantam uma atitude constante de olhar o mundo com novos olhos, e aberta a novas maneiras de interpretar o mundo. As descobertas são cotidianas, e o invento fértil.

Em todo sentido não é comparável com uma cidade, mas chama-se cidade porque nela contém tudo o que pode pensar o ser humano numa cidade, tudo se pode propor.

Elementos que faltam para esta convivência podem ser propostos e podem ser estudados, nesse sentido é ABERTA a todas as iniciativas e consertá-las. Nesse sentido é uma cidade em construção. (ME)

5.5.2.5. Algoritmos.

A pergunta feita foi: Como dão solução aos problemas?

Uma das riquezas que vem de ser uma comunidade pequena, é ser capaz de considerar cada problema como único e relevante, e não como parte de um mecanismo automático que propõe uma solução padrão para o problema, como geralmente vemos em cidades tradicionais.

Além disso, os problemas que surgem são analisados por toda a comunidade e as decisões são tomadas com base no consenso, um processo em que todos internalizam a situação e podem livremente se posicionar contra ou a favor do que está acontecendo.

Neste sentido, o algoritmo, o processo operacional que permite que a solução de um problema é dado pelo modo descrito acima de tomar decisões numa "Ronda" onde todos participam.

Um exemplo que pode ilustrar como um problema pontual e resolvido pela comunidade é quando enfrentam cada vez algum roubo ou agressão inesperada. Cada

caso e discutido e logo é tomada alguma medida para tentar evitar isso acontecer de novo, geralmente são medidas de defesa, que conduzem a ter cada vez espaços mais austeros, que provoquem menos interesse de roubo ou agressão.

Eu sigo aqui na escola porque tenho companheiros que vão me trazer sempre notícias de mundos fantásticos que eu já não vou conhecer mais, estou tentando continuamente fazer minha vocação. Considero-me um Leonardo, estar sempre dentro de uma obra, novas máquinas. Antes de dar aula tenho que estar numa obra. Só podemos ensinar aquilo que podemos fazer e sabemos fazer. (ME).

Existe assim um algoritmo em termos do processo de decisão, mas o conteúdo das decisões é revisto caso a caso.

5.5.3. Regras Comportamentais do Cidadão / Regras Comportamentais Organizacionais.

5.5.3.1. Comportamento individual.

A pergunta feita foi: Como aparece a dupla contingência de relacionamento entre cidadãos e entre cidadãos e objetos?

As pessoas que vivem na CA (cidadãos abertos) têm um comportamento individual diferente do que têm os hóspedes desta cidade.

Os cidadãos abertos têm uma dupla tarefa de conviver com os seus pares e, ao mesmo tempo, participar da criação de um ambiente propício para novas pessoas constantemente. Este ambiente é criado tanto fisicamente como imaterialmente.

Fisicamente há uma estrutura arquitetônica definida para a reunião de pessoas em espaços como uma Capela, um Anfiteatro, uma Mesa de intervalo, uma Sala de música etc.

Há também um vasto espaço livre (dada à condição Parque da CA), onde se realizam as aulas ou atividades poéticas de diferentes tipos.

De maneira não tangível há uma atitude serviçal de aceitação e abertura para aqueles que visitam este lugar, de acordo com originalidade de cada um, mas inspirado por um trabalho coletivo que facilita as pessoas serem ouvidas.

Por outro lado, o hóspede adquire um comportamento individual receptivo e livre, também de gratuidade pelo que lhe é permitido realizar neste espaço, e enriquecida por

ter uma experiência de encontro real com outros hóspedes e aqueles que vivem lá. Assim, os espaços são geralmente respeitados (quando um convidado está consciente e aprecia sua condição).

Existe, no sentido contrário, uma hostilidade presente pelos invasores inesperados a este território.

Claro, temos roubos, já vimos que saem carros com coisas nossas. Por isso construímos uma nova porta de segurança ao acesso. Temos muitos caminhos que se cruzam, pelos quais os vizinhos ou outros desconhecidos cortam caminho.

No cemitério não se pode usar uma placa de mármore porque pode ser roubada. Tivemos experiências horríveis disso. Inclusive áreas que já nunca mais podem ser construídas. Sempre existirão pessoas que não toleram o que não compreendem, então destroem. Esta é a chave da política atual, destruir o que não se compreende (ME)

5.5.3.2. Criação e adoção da regra.

A pergunta feita foi: Como é o processo de criação e adoção de uma regra?

As regras da CA são criadas e adotadas por toda a comunidade nas áreas comuns de exposição e resolução de problemas ou projetos. A adoção da regra por membros da comunidade é natural uma vez que foi aceito como um consenso o que foi proposto.

Eles conformam uma Corporação, o que não é casual, existe uma planificação. Reúnem-se periodicamente nas Ágoras onde se tomam decisões com todos. Existem os modos de tomada de decisão em “Ronda”, o que não é democrático como usualmente entendemos porque é uma decisão coletiva. É uma constante criação coletiva. É uma democracia, mas não por voto, e sim por acordo. (UE)

Desta forma se cumpre a característica: A ampla participação política dos cidadãos, tanto em procedimentos eleitorais como também em outras áreas da atividade política, sobretudo em nível local.

Existem quatro Ágoras por ano, uma em cada estação e outras circunstanciais para resolver temas mais específicos.

Também referente ao modo peculiar de tomar decisões nesta comunidade, Oscar Andrade considera dois aspectos Por um lado considerando o fator quantitativo, poucas pessoas, o que permite conseguir a participação de todos, coordenar e inventar um modo

para outra realidade. Por outro lado o qualitativo, daquela tomada de decisão que é em plena liberdade. Na CA se tu quiseres fazer faz, não é uma imposição. Eu imagino que a complexidade desta liberdade é fundamentada nas suas bases religiosas ou filosóficas.

Eles operam com a ideia do “consenso” para tomar decisões, esta é a estrutura da Ágora. Vão se expondo os temas um a um, todos vão consentindo ou não com isso.

David Luza sublinha que a sua regulação precisa que as pessoas se conheçam, e que isto seria diferente em grupos maiores.

Finalmente CC, ao refletir a respeito deste tema, reconhece esta comunidade como ainda jovem, da seguinte forma: A CA é tão especial, pequena, muito criança ainda, muito fresca. Vai permanecer assim com sua alma jovem cheia de deficiências, permanecendo na “gratuidade”.

Para aqueles envolvidos externamente há um processo de surpresa com a novidade deste sistema democrático e, em seguida, uma aceitação e respeito por esta nova regra.

5.5.3.3. Comportamento coletivo.

A pergunta feita foi: Como se comportam como comunidade urbana frente a diferentes situações?

Há dois princípios importantes, desde a fundação da CA, descritos a seguir por Miguel Eyquem, que permitem a articulação e coerência global sobre como ocorre o comportamento coletivo.

Considerando as dificuldades de qualquer cidade, que tem uma base comum ou uma consciência política comum é fundamental para a coerência deste grupo de pessoas, junto com reconhecer uma forma de exercício do poder.

Estas condições parecem difíceis de realizar em contextos de cidades onde prevalece a diversidade de consciência política, contudo, constituem valores importantes em qualquer modelo de SSU. Isto não significa que todos os membros da comunidade tenham um posicionamento político idêntico, trata-se de uma consciência política, uma base de valores a partir dos quais emerge a liberdade política de cada um.

O segundo ponto importante da fundação da CA é a negação do poder. Nesse sentido, quem tem que governar é escolhido, mas faz isso por serviço, um sacrifício, ele

nega parte da sua individualidade para servir a todos os demais. Governar o que não é dele, nem para ele.

O terceiro ponto seria a negação ao acúmulo de riquezas, se ela vier, será bem vinda, se tivermos aqui um rico que possa ajudar, fantástico. Poderá fazer coisas que hoje não podemos, mas não vamos perseguir a acumulação de riqueza. Na sociedade atual o rico não tem limites de lucro. Não aumentar o que sobra. (ME)

5.5.3.4. Dependência da frequência da regra.

A pergunta feita foi: Existe uma dependência de uma frequência de regras?

Cada regra tem certa frequência da qual depende a harmonia na convivência deste grupo de pessoas. (Mesmo quando elas não são reconhecidas como regras, alguns acordos e princípios encorajam um comportamento regulado nesta base comum de consciência coletiva).

A dependência a frequência destas regras aparece quando uma delas é exercida, ignorada, modificada ou criticada.

Quando isto acontece, e a regra aparece, então é possível determinar um ciclo de vida dela, que é dado pela trajetória mesoanalítica, de origem, adoção e retenção de cada regra.

Neste caso existe uma base inicial, que está se mantendo no tempo, uma base de valores e princípios. Isto constitui uma referência para o comportamento e define o seu destino. Quem não tem origem não tem destino, assim a dependência daquela origem é o que dá a identidade a esta comunidade, e o fato de permanecer nessas regras é o que garante o futuro dela.

5.5.3.5. Parâmetro comportamental.

A pergunta feita foi: Existem variáveis fixas a considerar no estudo das regras desta comunidade?

Há certas variáveis fixas a serem analisadas, por exemplo, o número de pessoas que pertencem à comunidade da CA, desde a sua criação, tem variado entre 20 a 40 membros. Isto determina certa estabilidade para o grupo.

Também existem números (%) determinados pelo plano diretor que impede que o território da CA seja super edificado. As obras construídas não podem superar os 9% do

território edificável que compreende o sítio. Isto determina limites claros, mas que não frustram a liberdade com que cada hospedaria ou escultura é feita, reconhecendo o valor que tem a possibilidade de construir cada metro quadrado.

5.5.4. Regras Técnicas Organizacionais.

5.5.4.1. Artefatos.

A pergunta feita foi: Quais são as regras para objetos ou máquinas?

As obras da CA são o produto de anos de trabalho de vários autores, membros da corporação na sua maioria, mas também na sua maioria estudantes e professores da EAD.

Elas são, em todos os sentidos, reflexo de uma compreensão do território, além das suas dimensões convencionais. A compreensão nasce da palavra poética que engloba todos os ofícios. Manifestam a maneira que se tem de “estar” e “ser” na Cidade Aberta; o efêmero.

Sua construção favorece uma forma única de viver e interagir na cidade, tanto em público como em privado. Hospitalidade, ouvir uns aos outros, como um princípio fundamental.

Esculturas, obras externas e hospedarias compõem esta paisagem onde nada é uniforme nem pretende ser.

Para entender estas obras com maior detalhe, na Figura 13 (5.2.2) aparece uma lista de todas as Hospedarias, e na Figura 14 as esculturas, localizadas em diversas partes do território.

A democracia de consenso já explicada anteriormente, também é aplicada às decisões relacionadas aos objetos, no caso edificações como hospedarias, esculturas e outras obras realizadas pelos professores a alunos nos processos de aprendizagem dos ofícios. Cada obra é feita coletivamente, e habitada por todos.

5.5.4.2. Arquitetura organizacional.

A pergunta feita foi: Como se organizam, qual é a forma da sua organização?

A administração CA é dada principalmente pelos fatores internos e externos.

Os fatores internos têm a ver com lidar com questões relativas à vida diária da comunidade, suas ações e construções.

Os fatores externos são dados pelo novo desafio de reconhecer a CA como Parque, e também a como definir o trato dos constantes hóspedes.

As regras associadas aos aspectos internos são dadas pela "democracia de consenso" ou "Ronda", um espaço construído quatro vezes por ano na Ágora, onde os principais problemas são discutidos exaustivamente e resolvidos junto com outras Ágoras esporádicas para tratar questões específicas.

Especificamente com relação a fatores externos, hoje eles têm criado um novo quadro que regula como as visitas são aceitas, devido a alguns problemas difíceis de controlar.

Estas novas regras são importantes porque constroem um grau de hostilidade que começa a aparecer e tomar forma.

Hoje eles têm uma nova lista de regras da recepção dada aos hóspedes da CA, elas surgiram no ano 2013, a partir de uma soma de vivências hostis (roubos, faltas de respeito com o ambiente e condição de parque, etc.). Também dada à constante procura de instituições e indivíduos por visitar o lugar, foi necessário estabelecer algumas condições de convivência:

Visitas

Cidade Aberta de forma regular é visitada por pessoas e instituições interessadas em conhecer mais sobre a realidade de seu trabalho e atividades.

Horários

As visitas à Cidade Aberta podem se realizar entre os dias segunda e sexta feira, e só nas quartas feiras podem ser solicitadas com um anfitrião.

Estas devem ser agendadas escrevendo a secretaria@amereida.cl, com uma semana de antecipação pelo menos. As datas solicitadas estão sujeitas à confirmação.

Colaboração

Convidamos os visitantes a colaborar com o pagamento de \$1.000 estudantes e \$3.000 público geral (aproximadamente R\$ \$4 estudantes e R\$12 público geral). Esta colaboração permite a manutenção geral do território.

O pagamento deste aporte deve efetuar-se logo de confirmada a visita por

parte da secretaria da corporação. Para isto se deve completar o formulário e esperar a resposta. Prazo máximo de confirmação, três dias hábeis.

Para conhecer mais sobre os detalhes do pagamento deste aporte visite a seção de aportes monetários.

Regras e Recomendações

- i. Respeitar e conservar todos e cada um dos bens naturais e culturais da CA.
- ii. Respeitar o direito à privacidade. Manter uma distância prudente com as Hospedarias ,lembrando que nelas moram pessoas.
- iii. Respeitar as indicações entregues pelos anfitriões.
- iv. Não caçar.
- v. Não acampar.
- vi. Não ingressar com carros à borda costeira. Para ingressar na praia, existem trilhas autorizadas para pessoas.
- vii. As praias deste setor não são aptas para o banho.
- viii. Se vier de carro, estacionar dentro da CA. Existem lugares habilitados, mas não temos cuidadores.
- ix. As delegações que venham em grandes ônibus não podem estacionar dentro da CA. Devem estacionar ao lado da rua perto do acesso. Os caminhos ao interior da cidade não têm as dimensões suficientes como para efetuar de forma segura o acesso de ônibus de grande tamanho.
- x. CA não vende alimentos nem bebidas. É recomendado, portanto, aos visitantes, em especial àqueles que vêm por uma jornada prolongada, trazer seus próprios alimentos.
- xi. Pedimos aos visitantes levar o seu lixo Dentro da CA não existem lixeiras, já que o serviço público de extração de lixo não atende ao setor.

Quadro 1 : Regras e recomendações a visitantes da CA (AMEREIDA VISITAS 2015)

5.5.4.3. Produção de tecnologia, design, máquinas e equipamentos.

a. Criação de espaços arquitetônicos.

O Território torna-se, uma extensão da hospedaria, reforçando a ideia de comunidade. A cidade, seu quadro (ou rede), sua arquitetura e até mesmo seus laços sociais quase familiares, nascem do espaço de leitura das condições dos ecossistemas e do local. Quase como uma obra existencialista, a arquitetura desaparece sob a areia, apaga os traços, no seu ápice de crescimento, envelhecimento, morte e novamente para o nascimento, na busca da criação constante. Como todo ser vivo é único, mas começa

de uma comunidade, todas as casas da cidade aberta são únicas, mas formando uma comunidade.

Nada é imperturbável, nem pretende ser. A ideia de arquitetura como uma expressão do ego do arquiteto, perdido em uma linguagem complexa foi se distanciando da verdadeira vida das pessoas, como a idealização de uma imagem irreal, não tem lugar aqui. A compreensão da arquitetura na CA lida é reconhecida, como sua paisagem, ocupa todos os sentidos dos visitantes. (CIUDAD ABIERTA PAISAJE HABITADO / 40 AÑOS DESPUES, 2013)

b. Criação de design de objetos e design gráfico

O Ateliê dos Protótipos (figura 16) é uma oficina construída por estudantes de design de objetos para a experimentação própria requerida pelo ofício, recebendo protótipos à escala ou maquetes. A modalidade de trabalho é dividida em duas tarefas, cada uma de três semanas por grupos de 16 alunos que, primeiro, pré-fabricam elementos de construção e, em seguida, montam eles nas obras. Isto foi realizado durante uma travessia em 1990, por alunos da escola que pré-fabricaram elementos de construção e, em seguida, montá-los no local que visitaram. Escavação e alvenaria foram feitas por trabalhadores qualificados. O interior do ateliê, semienterrado, tem uma frente principal aberta e de vidro, e outra apoiada. As mesas foram concebidas pelos designers, junto com a iluminação. Os planos superiores ocupados por sistemas estruturais geram uma densidade de quadros por meio de redes, enquanto o horizonte visual inferior está aberto e claro. Aparece nesta obra a ideia de pódio escultural constituído pelo plano inclinado do teto- terraço.



Figura 16. Fotografia ateliê dos protótipos (AMEREIDA OBRAS, Taller de Prototipos).

O ateliê do escultor (figura 17), como o próprio nome diz, é uma oficina construída para o escultor José Balcells. Foi construído em 1997 por o arquiteto Salvador Zarh. Ele é inserido no pátio dos projetos, formando um vazio interior com as outras oficinas. A obra completa o perímetro triangulado de um pátio que mergulha na duna e é seu próprio interior constitui a praça de entrada.



Figura 17. Fotografia Ateliê do Escultor (AMEREIDA OBRAS. Taller del Escultor/).

A Hospedaria dos designs (figura 18) foi criada em 1977, por Fabio Cruz (Arquiteto), Ricardo Lang (Designer) e do Grupo CA. A sua rede de muros que dividem não estão totalmente unidos e as lacunas geram espaços habitáveis: oficina e hospedaria. Levantada dividindo o interior em dois setores: o mais íntimo e o público, através de portas de vidro. Ele está localizado ao lado do Ateliê dos protótipos, como uma extensão do espaço de trabalho.



Figura 18. Fotografia Hospedaria dos Designs (AMEREIDA OBRAS. Hospedaria de los Diseños).

Logo após se ter percorrido as regras observáveis na Comunidade da CA, seguem as análises de como elas desenvolvem - se no tempo. Isto é realizado na lógica da estrutura analítica da mesotrajectoria (figura 3). Isso é explicado com maior detalhe no seguinte subitem.

Tanto as hospedarias ou os ateliês descritos acima são construídos coletivamente, às vezes só por moradores da CA ou em conjunto com grupos de alunos ou até convidados externos à escola, como processo colaborativo. Logo, especificamente nos ateliês acima mencionados acontece o aprendizado de design, protótipos e outros. Professores e alunos reúnem-se periodicamente neles para estudar o ofício.

5.5.5. Mesotrajectoria.

O domínio da mudança em um processo evolutivo não é nem micro nem macro, mas meso. E a trajetória meso afeta tanto a ordem macro como a micro nas organizações (DOPFER, FOSTER, POTTS, 2004).

De acordo com a Figura 3, já apresentada anteriormente, a mesotrajectoria é um processo de três fases. A primeira fase (Origem) está associada com a geração de novas regras. A segunda fase (A adoção) tem a ver com a aprendizagem seletiva e adoção da regra. A terceira fase (de retenção) é caracterizada por a estabilização e retenção na micro e macroescala. O que é necessário analisar, o autor enfatiza, é a forma como a cognição e o comportamento são necessários para executar tarefas específicas para cada fase e como isso pode ser explicado com base em evidências empíricas. (DOPFER 2004)

A trajetória meso também considera a propagação de uma nova regra no domínio da micro - organização, com implicações no domínio da organização macro na medida em que as pessoas interagem com as regras. (DOPFER 2004)

A primeira coisa que acontece no microdomínio é que o agente (neste caso, o cidadão) explora uma nova regra e suas capacidades. Esta é uma fase de aprendizagem e experimentação para um único cidadão, mas como os outros estão adotando a mesma regra, torna-se então um processo de adaptação.

Este processo de evolução reestrutura uma cidade e o ambiente organizacional. No domínio macro, a primeira coisa que acontece é que um novo sistema administrativo é monopolizado por quem primeiro adotou essa regra. Isso, então, muda na medida em que outros cidadãos entram e aprendem sobre este experimento que nasce sobre a regra. O domínio macro tem a ver com a ordem, e como uma nova regra encaixa outra regra já existente, e como a população lida com esta nova regra.

Especialmente no caso da Cidade Aberta, desde a sua criação (1971) até nossos dias, é possível notar uma mesotrajatória relacionada aos pontos e momentos em que as decisões são tomadas (Ágoras), dado que nestas instâncias as regras são estabelecidas (5.5.3), ou seja, cada vez que a comunidade reúne-se tanto nas Ágoras oficiais como as esporádicas, para resolver algum assunto, naturalmente o comportamento deles é redefinido em adaptação a novas coordenadas comportamentais.

Hoje a CA vive um processo de mudança intenso relacionado aos fatores externos que têm influenciado na sua administração (mudanças do pano diretor) o que vai conduzir a um ciclo de trajetória micro meso e macro significativo. Algumas regras que antes promoviam a abertura do território a todos os visitantes sem restrições, hoje são redefinidas num marco mais fechado e conseqüentemente mais hostil (5.5.4.2).

A SSU emerge como um fenômeno recente e novo, experimentando sua primeira fase em todos os sentidos e iniciando um segundo ciclo. De certa forma existe uma trajetória mesoanalítica cotidiana, determinada pela frequência das Ágoras, e por outro lado uma segunda frequência de maior oscilação que define regras mais estruturais, ligadas diretamente aos princípios estabelecidos na origem da CA.

Carlos Cobarrubias (fundador da CA) reconhece que é uma pequena comunidade muito fresca e jovem, que faz com que seja difícil compará-la com outras comunidades de cidades tradicionais.

A chave em toda a análise no microdomínio é ter um ambiente fértil para a aprendizagem de novas regras, e descobrir quais teorias de aprendizagem podem contribuir para esta escala, micro, ser frutífera para o ciclo de renovação. No entanto, como anteriormente revista em cada um dos tipos de regras, a comunidade CA parece viver um modo determinado que permite a plenitude desse processo de aprendizagem.

Isto acontece por fatores humanos, à força de uma comunidade unida e com determinados princípios sociais na base de seu comportamento, bem como por fatores

físicos, pelo fato de contar com um território e obras que favorecem este tipo de participação urbana.

A dinâmica meso é baseada em fases de crescimento de uma regra, e é por isso que os mecanismos evolutivos tais como replicação, variação, seleção e auto-organização só podem ser explicados no nível meso (Dopfer 2004). Na área da economia (onde surge análise multinível) esta informação é muito relevante, e no caso da organização das cidades, como tem sido o caso de análise na presente pesquisa é um passo reflexivo, ainda mais avançado sobre o que pode visto em um primeiro nível meso analítica. Ou seja, é preciso aprofundar ainda mais na análise para poder entender estes processos evolutivos em um tempo muito mais prolongado ao que se observa na dinâmica do mercado. É necessário observar o processo de vida de mais gerações para poder obter estas informações.

É importante distinguir que o mercado tem uma dinâmica diferente a de uma cidade, por isso, é provável que o ciclo de várias décadas de caminho mesoanalítico observado nas regras da CA seja muito extenso em relação à dinâmica do mercado, aberto e constantemente expostos a novas e simultâneas criações de regras.

Além disso, considerando que, neste caso foram analisados os comportamentos que levam a SSU, em seguida, este fator reduz ainda mais o número de regras e comportamentos observados a nível meso. O fato de ter considerado só este grupo de regras é um exercício interessante, onde cada uma das regras é amplamente observada e, onde sempre que possível enfatizar, como diz o autor, nos processos de conhecimento e aprendizagem como fundamentais em todo o processo.

5.6. ANÁLISE COMPLEXO DA CA.

A Teoria da Complexidade (2.3) é apresentada na presente pesquisa como base de análise das cidades contemporâneas, mais especificamente do comportamento da sociedade civil.

Destacando que a teoria, epistemologicamente, permite destacar a influência das partes (cidadãos), sobre o todo (cidade), dada a sua riqueza reflexiva, então para poder entender o processo de desenvolvimento sócio sustentável é no comportamento dos cidadãos que a análise deve ser feita, e onde os princípios descritos pela teoria podem ser desenvolvidos.

A grande cidade é um caos no qual se combinam ordem e desordem. Ela obedece a leis, prescrições e regras, mas reorganiza-se cotidianamente por si mesma, a partir de miríades de deslocamentos e de comportamentos individuais de seus habitantes e usuários. (MORIN 2011).

Morin afirma que a cidade obedece a regras, e que elas emergem do comportamento individual e dos deslocamentos nas cidades. Isto se liga com a análise multinível, e permite sugerir um modelo em que as regras sejam tanto articuladoras de um sistema de SSU como um espaço fértil para que os princípios da complexidade possam ser promovidos.

Segue a tabela 2 apresentada em (5.4.3.1) como tabela 1 (Análise das principais ideias de cada princípio da Teoria da Complexidade no Modelo de Sócio Sustentabilidade de Vancouver) onde são analisados os princípios da teoria da complexidade no modelo de SS de Vancouver, mas agora considerando a análise da presença ou ausência deles na Cidade Aberta. Tomando em consideração a experiência da autora como parte da comunidade, as entrevistas realizadas no dezembro de 2014, e a análise multinível como base da observação dos princípios complexos nesta comunidade.

Tabela 2. Análise das principais ideias de cada princípio da Teoria da Complexidade na comunidade da CA, Valparaíso, Chile.

Princípios da Teoria da Complexidade	Ideias principais.	Reflexo na comunidade da CA
1. Sistêmico ou organizacional	<ul style="list-style-type: none"> • A ligação do conhecimento das partes com o conhecimento do todo; • A noção de circuito tetralógico, que afirma que as partes estão em constante interação que leva tanto à ordem como à desordem; • A organização, por intermédio do circuito tetralógico, conduz a uma ordem, que é mais complexa que a anterior e o sistema pode tolerar e aceitar mais e mais da desordem; • A desordem leva a novas ordens e novas organizações. 	<ul style="list-style-type: none"> • A relação entre as partes (pessoas físicas) e o todo, a cidade, aparece na aceitação dos sete princípios originais da CA (5.2), os quais promovem uma abertura constante a novas regras e novas pessoas, e junto com isso a aceitação ou tolerância do caos, que pode ser criativo, nesse caso, próprio daquela mudança constante.
2. Hologramático	<ul style="list-style-type: none"> • O princípio de holograma em que uma imagem pode ser dividida em duas ou mais partes não transforma o sistema em imagens mutiladas, mas em imagens completas em cada uma das partes; • Os indivíduos formam a sociedade e a sociedade está presente em 	<ul style="list-style-type: none"> • Cada um dos cidadãos abertos sente-se como parte ativa da CA, e em cada um deles é possível apreciar a essência da CA como um todo. Assim o princípio hologramático está presente em cada um deles, tanto como nos hóspedes, talvez parcialmente, que participam excepcionalmente de suas atividades,

	<p>cada indivíduo como um todo, através da língua, cultura e normas.</p>	<p>já que eles internalizam as regras ou parte delas e acolhem elas durante o tempo de permanência nela.</p>
3. Retroativo	<ul style="list-style-type: none"> • Causalidade não linear: Não só a causa atua sobre o efeito, como o efeito também atua sobre a causa; • Isto permite a autonomia de um sistema; • O círculo retroativo, mesmo no crescimento ou estabilização do sistema compreende um fenômeno psicológico, econômico, social e político. 	<ul style="list-style-type: none"> • Na medida em que cada cidadão aberto participa da democracia de consenso em cada Ágora, isto envolve ele de maneira psicológica, econômica social e política com todo o passado, o presente e o futuro da comunidade. Assim a causalidade não linear se nutre das visões de cada um deles permanentemente.
4. Recursivo	<ul style="list-style-type: none"> • O final de processo alimenta o começo, o estado final e também o estado inicial; • Os efeitos e produtos gerados pelo sistema são ao mesmo tempo coprodutores do processo. 	<ul style="list-style-type: none"> • A CA vive um constante processo de morte e nascimento, tanto na forma e que é entendida a sua materialidade (obras) como nas regras comportamentais. Assim, quando uma obra começa a se deteriorar, a ruína é aceita como uma fase natural daquele espaço habitável. Quando uma regra começa a desaparecer isto naturalmente gera um novo modo de comportamento, como é observado, por exemplo, nas novas regras descritas para os convidados na CA em 5.4.1
5. Auto eco organização	<ul style="list-style-type: none"> • A relação antagonista e complementar das partes entre autonomia e dependência dessas partes; • Noção de constante reorganização. 	<ul style="list-style-type: none"> • A CA é consideravelmente auto eco organizada porque nela existem regras que articulam os princípios a objetivos e estes a causas e efeitos. Isto garante a sustentabilidade da comunidade que permanece no tempo em constante reorganização. Isto permite uma autonomia em relação ao ambiente em que ela está inserida.
6. Dialógico	<ul style="list-style-type: none"> • Para aceitar e incorporar paradoxos na análise, ao invés de rejeitar eles, é necessário avançar contra a lógica simplificadora; • O fenômeno pode ser antagonista e ou complementar e/ou concorrente, simultaneamente; • O princípio junta noções que devem se excluir, mas são indissociáveis na mesma realidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Considera paradoxos, ou seja, são observáveis ambos os cursos de ação que se abrem a partir de ideais positivas e negativas observadas na comunidade como é o caso da convivência, ao longo do tempo, entre hospitalidade e hostilidade.
7. Introdução do pesquisador na análise.	<ul style="list-style-type: none"> • Todo conhecimento e a reconstrução ou translação de um cérebro ou espírito em uma cultura a um determinado tempo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Na medida em que o sujeito é considerado no modelo, em seguida, entende-se que o pesquisador também faz parte do mesmo. O pensamento da comunidade da universidade fez parte da concepção da CA.
8. Auto ética	<ul style="list-style-type: none"> • Incluir uma autoanálise, autocrítica, honra, tolerância, responsabilidade, ética da compreensão, cordialidade e 	<ul style="list-style-type: none"> • A CA revisa constantemente o comportamento singular de cada cidadão, mesmo em falta de indicadores que organizem esta

	amizade na ré construção do homem para criar uma sociedade mais plural.	informação com clareza. Seria interessante identificar indicadores que permitam avaliar como e quais são as características que particularmente esta comunidade apresenta relacionada à autoética.
--	-------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A tabela 2 resume que a comunidade da CA tem um comportamento alinhado com todos os oito princípios da teoria da complexidade, em maior ou menor medida as pessoas que moram e visitam o território da CA são cientes do valor reflexivo dos indivíduos, e os princípios que inspiram esses comportamentos os distanciam do modelo reducionista recorrente que se observa no modo de habitar as cidades de hoje.

Na sequência, a proposta de um modelo de SSU complexa, em primeiro lugar, considerando os assuntos descritos neste capítulo, e também multinível, considerando a análise desenvolvida no capítulo anterior.

5.7. MODELO DE EMERGÊNCIA DIALÓGICA DE REGRAS MESOANALÍTICAS, BASEADAS NOS PRINCÍPIOS DE HOSPITALIDADE E HOSTILIDADE.

A partir da taxonomia das regras de Dopfer (Figura 3) é proposta uma nova taxonomia de regras mesoanalíticas da sociedade civil, que incorpora por um lado, os tipos de regras e também as fases da evolução das regras para considerar no cenário das cidades contemporâneas.

As principais características desta nova taxonomia são:

- a. Regras emergentes da sociedade civil (criadas e utilizadas pelos cidadãos);
- b. Regras diferentes para os cidadãos e organizações;
- c. Regras cognitivas, comportamentais e para objetos;
- d. Regras articuladoras dos níveis micro, meso e macro.

A figura 19 está enquadrada em cor vermelha, a cor aparece logo na figura 20 representando as ideias da figura 19 no modelo de SSU complexo e mesoanalítico. Desta forma, no modelo, as regras como um todo (tipos e fases) são mostradas em linhas vermelhas articulando diferentes conceitos ou ideias.

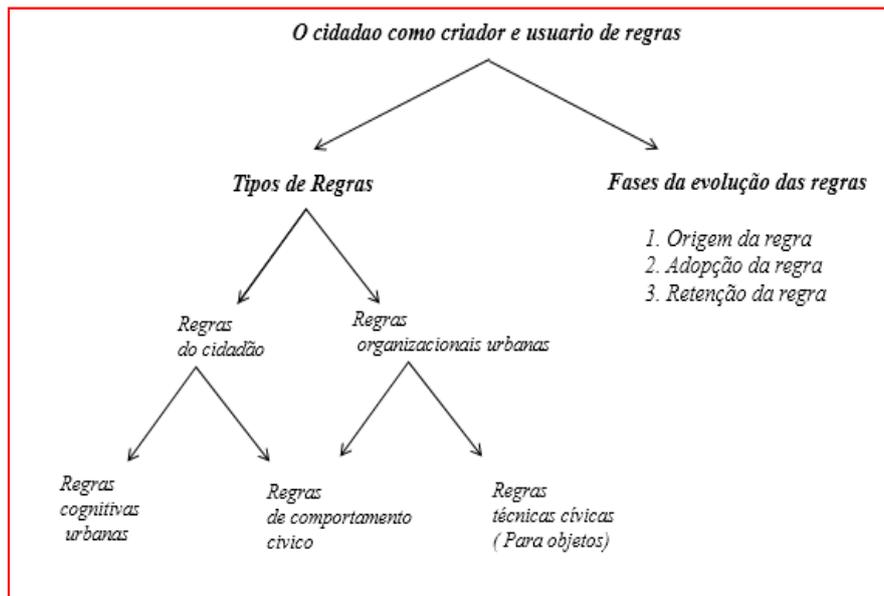


Figura 19. Regras meso analíticas da sociedade civil – Adaptado da taxonomia de regras de Dopfer (Elaborado pela autora).

O modelo de emergência dialogica de regras mesoanalíticas, baseadas nos princípios de hospitalidade e hostilidade (figura 21) reconhece certos pontos importantes da análise teórica apresentada no início deste artigo. Ele é criado a partir de uma crítica ao modelo de Socio Sustentabilidade hoje presente na cidade de Vancouver, Canadá, com o desafio de incorporar tanto os princípios da teoria da complexidade e novas regras mesoanálise multinível analítica emergente da sociedade civil.

Precisamente neste ponto emerge a crítica a respeito do modelo, posicionado sobre a abordagem reducionista que atenda a necessidade de avaliar o caso pela primeira vez, tendo sido capaz de trazer a questão da sócio sustentabilidade para a prática.

O Modelo reducionista, em seguida, desconhece a complexidade exigida pelo tema, como proposto pela Teoria da Complexidade de Edgar Morin, apropriado para problemas deste nível.

O caso de desenvolvimento SSU da cidade de Vancouver só é comparável com o analisado na CA pelas características intrínsecas ao modelo e por ser o primeiro de seu tipo, mas é relevante considerar a diferença de tamanho entre ambas as cidades. A CA, do lado da cidade de Vancouver seria considerada só como uma comunidade urbana, mas igualmente fértil como cenário de um desenvolvimento SSU.

O modelo emergente a partir da presente pesquisa propõe cenários mais flexíveis para cidades em países desenvolvidos e em desenvolvimento, e isso é explicado tendo

em conta dois princípios fundamentais, hostilidade e hospitalidade. O modelo de Vancouver (figura 2) considera apenas um eixo de ação nascida de um grande princípio de hospitalidade (que reúne os valores de equidade, inclusão, adaptabilidade e segurança), mas exclui os valores do eixo oposto da hostilidade: a injustiça, a exclusão, inadequação e seguro.

Isso representa o maior problema acusado por Mckenzie na definição de SS, sendo um estado de melhora na qualidade de vida que só pode ser conquistado em algumas comunidades que podem se mover em direção a isso. Este modelo tem como objetivo abordar os problemas que impedem as comunidades para promover a sustentabilidade através da promoção de normas sociais de ambos os princípios de hostilidade e hospitalidade.

Sob a ótica da teoria da sócio sustentabilidade de Mckenzie (2.2) os valores acima mencionados são estruturais na base do desenvolvimento sócio sustentável, mas estão ligados a uma realidade que observamos atualmente nas cidades e que também pode mudar no tempo, o que Mckenzie descreve como um processo, determinado por passos para a criação e implementação do processo. Assim, o valor da equidade é descrito no ponto (ii) pelo autor (2.2), reconhece que as gerações futuras não serão prejudicadas pelas atividades da geração atual (equidade intergeracional). O valor da inclusão, descrito nos pontos (iii) (iv) e (v) como um sistema de relações culturais, valorizado e protegido, junto com uma ampla participação da cidadania e sentido de propriedade da comunidade. O valor da adaptabilidade está especialmente ligado ao princípio da hospitalidade ao promover o verdadeiro encontro entre pessoas e também a duas das características principais da SS definidas por Colantonio (2009), o apelo a uma análise de múltiplos critérios e a participação de todos os grupos de interesse na própria avaliação. Isto relaciona-se com o valor da adaptabilidade no sentido pluralista do conceito, feito por todos e para todos. Por último, o valor da segurança nasce de um espírito inicial de sentido de propriedade da comunidade, ponto (v) da síntese de SS descrita por Mackenzie, já que quando cada um sente apego e, porém responsabilidade frente a sua cidade, naturalmente a segurança aumenta e os riscos de toda ordem diminuem.

A figura 20, a seguir, apresenta uma primeira aproximação de um modelo de SSU complexa, onde é possível visualizar o complemento fundamental ao modelo de Vancouver, o eixo que nasce do princípio de hostilidade (em cores cinza) contrário às cores vivas que apresentam os objetivos, indicadores e temas relacionados ao princípio

de hospitalidade. Este modelo destaca o princípio dialógico da teoria de Morin, considerando a hospitalidade- hostilidade como fenômeno, pode ser antagonista e ou complementar e/ou concorrente, simultaneamente.

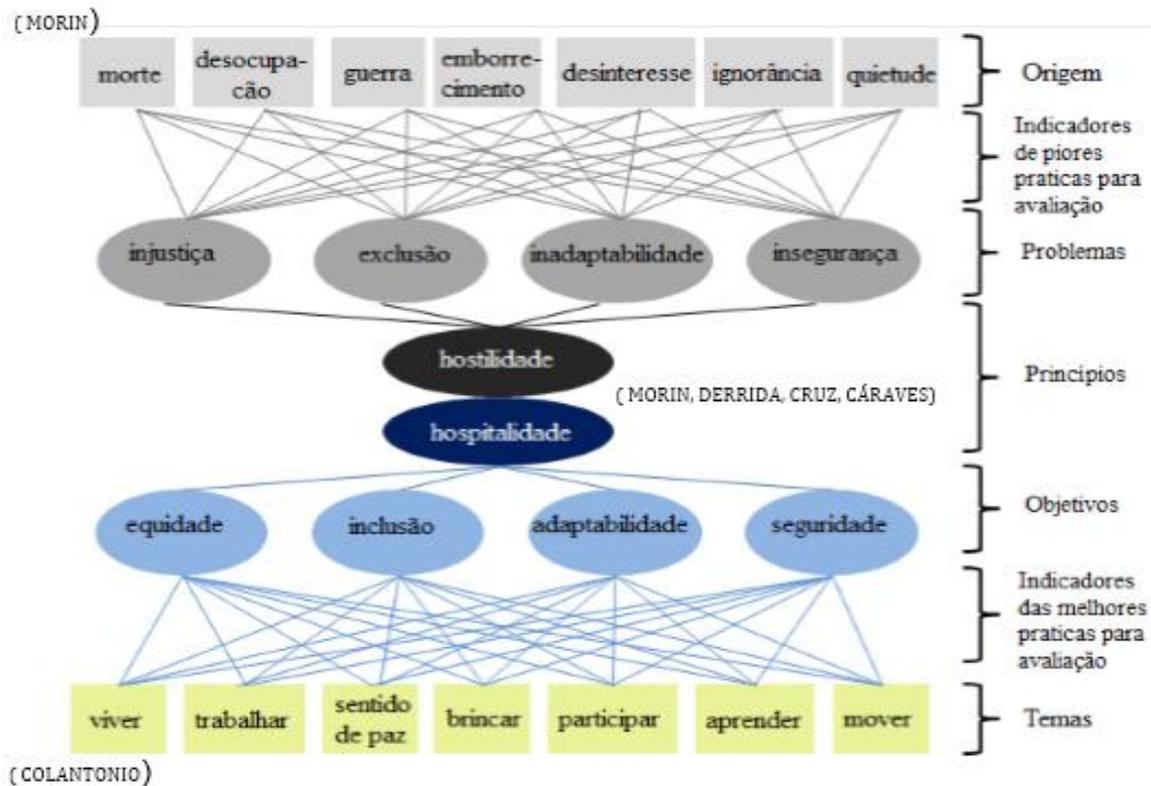


Figura 20. Adaptação do modelo de sustentabilidade social da cidade de Vancouver na dialógica dos princípios de hospitalidade e hostilidade contemporânea. (Autor)

O modelo (figura 21) começa por definir os dois principais princípios da hostilidade e hospitalidade, diferente do modelo Vancouver, que somente assume o eixo emergente do princípio da hospitalidade do qual derivam quatro princípios: equidade, inclusão, de adaptabilidade e de segurança. Neste modelo esses princípios são considerados valores, e aparecem na extrema direita em amarelo. Os temas da vida, trabalho, paz, brincar, participar, aprendizagem, próprios da dinâmica da cidade de Vancouver, estão sugeridos como exemplos no novo modelo, por serem eles representativos de cada comunidade urbana. Eles estão localizados no centro do modelo como causas e efeitos do sistema.

Especificamente no contexto urbano, o cidadão como criador e usuário dessas regras. Os tipos de regras separadas na lógica inclusiva do processo de conhecimento, as regras para os cidadãos (regras de comportamento cognitivo e cívico) e regras de organizações

urbanas (de comportamento cívico e técnico). As fases de evolução das regras são: origem, adoção e retenção da regra.

O eixo esquerdo do modelo é um reflexo do eixo direito de hospitalidade (cores verdes), mas considerando os elementos que se elevam a partir do princípio da hostilidade (cores cinza).

Como explicado acima, as linhas vermelhas aparecem princípios de ligação para valores (ou problemas do eixo esquerdo) e para estes efeitos e as suas causas, existem as linhas de articulação de regras mesoanalíticas.

O modelo apresenta dois tipos de regras mesoanalíticas, umas de trajetória longa e outras de trajetória curta, de acordo com o que foi apresentado no item 5.5.5.

Quando as regras aparecem articulando princípios a critérios-valores ou princípios a problemas, trata-se de regras de trajetória longa (a), é dizer, elas têm um ciclo de criação adoção e retenção da regra muito longo no tempo, dado que para refletir, entender e finalmente operacionalizar princípios o tempo é necessário.

Quando as regras aparecem articulando critérios-valores a causas-efeitos e problemas a causas-efeitos, então são regras de trajetória curta (b), porque elas são alteradas frequentemente. Isto é observado na comunidade da CA quando surgem Ágoras esporádicas para resolver problemas do dia a dia, a diferença das regras da trajetória longa, que são debatidas por mais tempo nas ágoras fixas de inverno, outono, verão e primavera.

Em seguida, os círculos azuis numerados de 1 a 8 correspondem aos oito princípios da Teoria da Complexidade: 1. Sistêmico ou organizacional 2. Hologramático 3. Retroativo 4. Recursivo 5. Auto eco organização 6. Dialógico 7. Introdução do pesquisador na análise 8. Autoética.

Cada um deles está localizado no local do modelo onde as suas características são desenvolvidas. O princípio sistêmico situa-se no centro do modelo, pois é observável em ambos os lados e também no conjunto. O princípio hologramático também aparece no centro ao expressar como cada parte reflete o todo. O princípio retroativo localizado na reunião das causas e efeitos produzidos a partir dos dois eixos. O princípio recursivo é posicionado perto do retroativo demonstrando que o princípio do modelo é também o final do mesmo e assim por diante. O princípio de autoeco - organização aparece em

todos os pontos de articulação do modelo e juntamente com regras mesoanalíticas mostrando a autonomia do modelo. O sexto princípio dialógico é fundamental no modelo e ele aparece na parte superior, argumentando que é um sistema em que os conceitos de hospitalidade e hostilidade ambos são antagônicos, complementares e competitivos, como acontece nas cidades contemporâneas. O princípio da introdução ao pesquisador a análise está presente tanto neste modelo e do Vancouver ao considerar todos os assuntos como elementos-chave de mudança e, por isso, o pesquisador como um ator influente no processo.

As causas-efeitos, localizadas no centro do modelo, articulando os problemas (do eixo esquerdo) com os valores (do eixo direito) são próprios de cada comunidade onde o modelo possa ser implementado. Eles são diferentes tanto na cidade de Vancouver como na Cidade Aberta e mudam através do tempo de acordo as mudanças próprias de da trajetória mesoanalítica. Na figura 21 são apresentados alguns exemplos presentes no modelo da cidade de Vancouver como referência.

Finalmente, o princípio da autoética está localizado no lado direito junto com os valores promovidos pelo princípios da hospitalidade, dada a sua semelhança por valores éticos propostos por Morin.

Desta forma, a figura 21 incorpora todos os temas desenvolvidos durante a análise da presente pesquisa. Reúne as teorias revisadas, dos princípios de hospitalidade e hostilidade presentes nas cidades contemporâneas junto com o conceito emergente da sócio sustentabilidade urbana (2.1), a teoria da Complexidade (2.3) e a teoria Multinível (2.4).

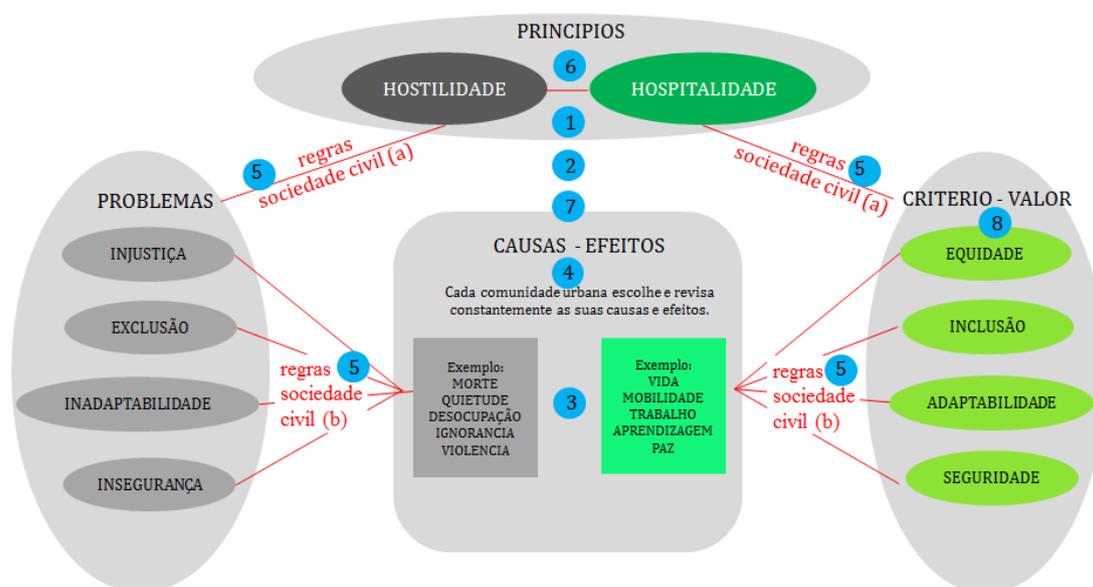


Figura 21. Modelo da emergência dialógica de regras mesoanalíticas, baseadas nos princípios de hospitalidade e hostilidade. (Elaborado pela autora)

A aplicação do modelo pode contribuir a uma nova estratégia de SSU. Junto com isso, procura-se uma representação mais realista do cenário para as cidades latino-americanas, que levam um processo muito diferente ao europeu ou norte americano em vias da SS.

O modelo pode servir como quadro de referência para políticas públicas ou privadas e os princípios e valores escolhidos para este modelo respondem ao observado especificamente na CA, portanto, cada comunidade deve formular e constantemente revisar estes valores de acordo a sua própria base de pensamento comunitário. Quanto menor for o tamanho da comunidade que tome em consideração o modelo, pelo observado, a fluidez de uma trajetória mesoanalítica é melhor, ou seja, existe um espaço social e físico fértil que liga ao grupo a favor dos objetivos da SSU.

Todas as alterações que podem ser feitas ao modelo respondem à sua natureza sistêmica ou organizacional, adequando-se ao próprio caos da cena urbana contemporânea. Além disso, o modelo é um ponto de partida para uma sustentabilidade social urbana complexa que deve ser constantemente revista à luz das teorias escolhidas, e implementado como um passo fundamental no processo criativo de cada comunidade urbana onde ele for desenvolvido.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1. A importância de reconhecer um modelo de emergência dialógica de regras mesoanalíticas baseadas nos princípios de hospitalidade e hostilidade nas comunidades urbanas.

Há um reconhecimento SSU em políticas públicas e privadas de vários países, e um crescente interesse em clarificar primeiro o conceito, e depois passar para estratégias de gestão sobre este assunto, e uma avaliação mais aprofundada de certas medidas. Assim, considerar o SSU como um processo complexo e mesoanalítico, como proposto nesta pesquisa pode contribuir em primeiro lugar para ter uma leitura mais flexível do conceito, e aceitar isso como um desafio positivo que enriquece cada cidade ou comunidade urbana particularmente. Os valores reconhecidos por cada um deles não podem ser replicados em cidades de diferentes escalas e níveis de desenvolvimento, e devem ser constantemente revisados por todos os cidadãos.

Além disso, as regras do mesonível articulam os pontos chave de uma estratégia de SSU, considerando o valor dos novos atos ou nível de interação entre as pessoas como o processo mais importante. Observar isto exige um olhar aberto às novas dinâmicas das cidades de hoje e uma adaptação incessante dessas regras de interação expressa em uma trajetória meso, de acordo com a apresentada no caso da CA.

6.2. As regras de como uma fonte de administração clara é aplicável a comunidades urbanas de países latino-americanos tanto como em contextos urbanos mais desenvolvidos.

De observar as regras mesoanalíticas da CA emergiram cinco questões chave que permitem uma abordagem para a SSU a partir da prática, e revelam uma nova avaliação dos aspectos teóricos do assunto.

6.2.1. A escala da SSU.

Esta pesquisa deixa em aberto uma questão que, em termos de sustentabilidade é sempre relevante, que diz respeito à escala que é mais apropriada para desenvolver um plano de ação específico. No estudo da comunidade do CA é possível concluir que o fato de uma comunidade que nunca ultrapassou o número de 40 pessoas, contribui para um desenvolvimento mais legível, articulado, eficiente e eficaz de SSU. De qualquer

forma uma grande cidade pode e deve propor um modelo inspirado por seus próprios princípios e valores, que, provavelmente, considerando um número maior de pessoas vai exigir um nível maior de abstração na consideração deles, juntamente com uma observação e análise muito mais consistente e dinâmica das regras mesoanalíticas.

6.2.2. Um modelo diferente de democracia de consenso.

Este ponto é explicado na parte da análise (5.5.4.1), como descrição da regra de arquitetura organizacional. Na atualidade, a maioria das cidades são governadas por pessoas que foram escolhidas por votação geral, secreta e individual. Neste caso a validação de uma pessoa que vai se fazer responsável pela comunidade ou qualquer projeto a ser aprovado ou reprovado por eles é feita de maneira pública e dialogada.

Num tempo em que todos estes processos são reduzidos a operações mecânicas e impessoais, a SSU promove um encontro e diálogo que considere a escala humana. A análise aberta do futuro das comunidades deve considerar um espaço de diálogo e as decisões como fruto daquela análise.

6.2.3. A importância do processo de aprendizagem.

O processo de aprendizagem abre um campo além dos objetivos que a presente pesquisa se propôs conquistar. Particularmente, quando na análise das regras do comportamento dos cidadãos emerge a pergunta sobre o processo de aprendizagem resulta inevitável a revisão das principais teorias de aprendizagem. Para não perder o foco da pesquisa foi considerada uma das teorias mais relevantes e atinentes com o tema para poder aprofundar nas regras de aprendizagem em particular, mas a análise completa do tema, na base das teorias mais importantes, pode contribuir enormemente ao tema desenvolvido.

6.2.4. O que mantém uma comunidade unida no tempo (filosofia, religião, princípios, etc.).

No caso da CA, o fato de ter definido princípios na hora da sua fundação, constitui um pilar do seu desenvolvimento SSU. Para outras comunidades, a inspiração pode ser religiosa ou filosófica, ou outra (Analisado em 5.4.2.2). Entender que este fator é relevante no processo do desenvolvimento SSU é um diferencial que da mesma forma que o tema da aprendizagem, requer ser revisado em maior profundidade.

Principalmente porque responde à originalidade própria de cada comunidade a ser pesquisada.

6.2.5. Espaços públicos e privados adequados à nova dinâmica de cidade contemporânea que acolhe fisicamente e socialmente novos atos urbanos.

As obras de arquitetura e design da CA são relevantes nesta análise, permitindo a verdadeira expressão de novos atos urbanos, flexibilidade de uso, a participação consistente de todos na construção de obras. Isto não é observado em cidades tradicionais, onde espaços públicos estão estruturados e planejados de maneira rígida e inflexível para novas possibilidades de interação urbana. Isso pode ser um fator relevante em relação ao SSU especificamente, a ser considerado nas políticas públicas de gestão urbana, dada a singularidade de cada cidade.

7. REFERÊNCIAS

- AMEREIDA OBRAS, Hospederia de los Diseños. Disponível em: < <http://www.amereida.cl/obras/hospederia-de-los-disenos/> > Acesso em: 22 dec. 2014.
- AMEREIDA OBRAS, Taller de Prototipos. Disponível em: < <http://www.amereida.cl/obras/taller-de-prototipos/> > Acesso em: 22 dec. 2014.
- AMEREIDA OBRAS, Taller del Escultor. Disponível em: < <http://www.amereida.cl/obras/taller-del-escultor/> > Acesso em: 22 dec. 2014.
- AMEREIDA VISITAS. Disponível em: < <http://www.amereida.cl/visitas/> > Acesso em: 15 jan. 2015.
- ANGEN, Maureen Jane. Evaluating interpretive inquiry: Reviewing the validity debate and opening the dialogue. *Qualitative health research*, v. 10, n. 3, p. 378-395, 2000.
- ASSEFA, Getachew; FROSTELL, Björn. Social sustainability and social acceptance in technology assessment: A case study of energy technologies. *Technology in Society*, v. 29, n. 1, p. 63-78, 2007.
- BARIN-CRUZ, L.; PEDROZO, E. A.; ESTIVALETE, V. F. Towards sustainable development strategies: A complex view following the contribution of Edgar Morin. *Management Decision*, v.44, n.7, p.871-891, 2006.
- BARNETT, Clive. Ways of relating: hospitality and the acknowledgement of otherness. *Progress in Human Geography*, v. 29, n. 1, p. 5-21, 2005.
- BURTON, Elizabeth; JENKS, Mike; WILLIAMS, Katie (Ed.). *Achieving sustainable urban form*. Routledge, 2013.
- CÁRAVES, Patricio. *La Ciudad Abierta de Amereida Arquitectura desde la Hospitalidad* Editorial Académica Española.2012.
- CÁRAVES. Patricio. *La Hospitalidad, Palabra Poética que Caracteriza estos 60 Años*.
- CIUDAD ABIERTA PAISAJE HABITADO / 40 AÑOS DESPUES, 2013. Disponível em: < <http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-257144/ciudad-abierta-de-ritoque-paisaje-habitado-44-anos-despues> > Acesso em: 20 dec. 2014.
- COLANTONIO, A., & DIXON, T. *Urban regeneration and social sustainability: best practice from European cities* (Vol. 32). Wiley-Blackwell.2011.
- COLANTONIO, Andrea, *Governance for socially sustainable urban development in the Mediterranean*, *Mediterranean Cities Sustainable Development: Challenges & Opportunities*, Rome, 19-22, 2011

- COLANTONIO, Andrea. Urban social sustainability themes and assessment methods. *Proceedings of the ICE-Urban Design and Planning*, v. 163, n. 2, p. 79-88, 2010.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. *Relatório Nosso Futuro Comum*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.
- CRUZ, Alberto. *El Acto Arquitectónico - 1ª edición - Valparaíso*. Ediciones Universitarias de Valparaíso 2005
- CRUZ, Alberto. *Estudio acerca de la observación en la arquitectura*. Documento Universidad Católica de Valparaíso, 1982.
- CRUZ, Alberto. *Instante Segundo. 50 años Escuela de Arquitectura y Diseño*. Universidad Católica de Valparaíso.2002.
- DALY, Herman E.; COBB JR, John B. For the common good. *Journal of Business Administration and Policy Analysis*, p. 65, 1999.
- DAVIDSON, Mark. Social sustainability and the city. *Geography Compass*, v. 4, n. 7, p. 872-880, 2010.
- DAVIDSON, Mark. Social sustainability: a potential for politics?. *Local Environment*, v. 14, n. 7, p. 607-619, 2009.
- DEETZ, Stanley. Crossroads-describing differences in approaches to organization science: Rethinking Burrell and Morgan and their legacy. *Organization science*, v. 7, n. 2, p. 191-207, 1996.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1, São Paulo: Ed. 34, 96 p., 1995
- DEMPSEY, Nicola et al. The social dimension of sustainable development: Defining urban social sustainability. *Sustainable Development*, v. 19, n. 5, p. 289-300, 2011.
- DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. *Of hospitality*. Stanford University Press, 2000.
- DIAS, Marcelo Fernandes Pacheco; PEDROZO, Eugenio Avila; DA SILVA, Tania Nunes. The innovation process as a complex structure with multilevel rules. *Journal of Evolutionary Economics*, v. 24, n. 5, p. 1067-1084, 2014.
- DIAS, Valéria da Veiga et al. A Influência dos Estilos de Aprendizagem e dos Valores Organizacionais na Gestão de Uma Rede Horizontal: Um Estudo à Luz do Comportamento Organizacional. *Gestão & Regionalidade*, v. 28, n. 82, 2012.
- DIXON, Tim. *Sustainable Urban Development to 2050: Complex Transitions in the Built Environment of Cities*. WP2011/5 October 2011.
- DOPFER K. FOSTER. J. POTTS. J. Micro-meso-macro. *Journal of Evolutionary Economics* 14, 263-279, 2004

- DOPFER, Kurt. The economic agent as rule maker and rule user: Homo Sapiens Oeconomicus. *Journal of Evolutionary Economics*, v. 14, n. 2, p. 177-195, 2004.
- FORREST, Ray; KEARNS, Ade. Social cohesion, social capital and the neighbourhood. *Urban studies*, v. 38, n. 12, p. 2125-2143, 2001.
- FOTH, Marcus; ODENDAAL, Nancy; HEARN, Gregory N. The view from everywhere: towards an epistemology for urbanites. In: *Academic Conferences Limited*. 2007.
- GANDY, M. Cyborg Urbanization: Complexity and Monstrosity in the Contemporary City. *International Journal of Urban and Regional Research*. V 29.1. 26–49 .2005.
- GHAHRAMANPOURI, Amir; LAMIT, Hasanuddin; SEDAGHATNIA, Sepideh. Urban Social Sustainability Trends in Research Literature. *Asian Social Science*, v. 9, n. 4, 2013.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. In: *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas, 1989.
- GUERRA Romina. Infografía. Mapa de la Ciudad Abierta. Proyecto final de Taller de Construcción, realizado durante 4º año de Diseño Gráfico PUCV.2011. Disponível em: <[http://wiki.ead.pucv.cl/index.php/Proyecto_parque_cultural_y_recreativo_Amereida_\(7%C2%AA_etapa\)](http://wiki.ead.pucv.cl/index.php/Proyecto_parque_cultural_y_recreativo_Amereida_(7%C2%AA_etapa))> Acesso em: 15 fev. 2015.
- HODSON, Mike; MARVIN, Simon. Urbanism in the anthropocene: Ecological urbanism or premium ecological enclaves?. *City*, v. 14, n. 3, p. 298-313, 2010.
- KLEIN, Heinz K.; MYERS, Michael D. A set of principles for conducting and evaluating interpretive field studies in information systems. *MIS quarterly*, p. 67-93, 1999.
- KOLB, David A. & FRY, Ronald E. Toward an applied theory of experiential learning. In: COOPER, Cary L. (ed.). *Theories of group process*. London: John Wiley, 1975.
- KOLB, David A. A gestão e o processo de aprendizagem. In: STARKEY, Ken (org.). *Como as organizações aprendem: relatos do sucesso das grandes empresas*. Tradução de Lenke Peres. São Paulo: Futura, 1997. p. 321-341.
- KONING, Juliette. Social sustainability in a globalizing world: context, theory and methodology explored. *More on MOST*, v. 63, 2001.
- LEVINAS, Emmanuel. *Totality and infinity*. The Hague: Nijhoff, 1960.
- MACLEOD, G, WARD, K. Spaces of utopia and dystopia; landscaping the contemporary city. *Geografiska Annaler*. 84B. 153-170. 2002
- MALOUTAS, Thomas. Promoting social sustainability The case of Athens. *City*, v. 7, n. 2, p. 167-181, 2003.

MCKENZIE, Stephen. Social sustainability: towards some definitions. Hawke Research Institute, University of South Australia, 2004

MORGAN, Gareth; GREGORY, Fred; ROACH, Cameron. Images of organization. 1997.

MORIN Edgar, O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro. Editora Garamond.1999

MORIN, Edgar. From the concept of system to the paradigm of complexity. Journal of Social and Evolutionary Systems, v. 15, n. 4, p. 371-385, 1992.

MORIN, Edgar. La vía: para el futuro de la humanidad. Grupo Planeta Spain, 2011.

MORIN, Edgar .Towards sustainable development strategies: A complex view following the contribution of Edgar Morin. Management Decision, Londres, v. 44, n. 7, p. 871-891, 2006.

MORIN, Edgar. O Método 6: Ética. 3ª Ed. Porto Alegre: Sulina,2007.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. As duas globalizações: comunicação e complexidade. As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente, 2001, vol. 2, p. 39-59.

MORIN, Edgar; TERENA, Marcos. Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar. Editora Garamond, 2000
MORIN, Edgar. A via, para o futuro da humanidade. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2013.
SALINGAROS, Nikos A. Theory of the urban web. Journal of Urban Design, v. 3, n. 1, p. 53-71, 1998.

SPANGENBERG, Joachim H.; OMANN, Ines; HINTERBERGER, Friedrich. Sustainable growth criteria: Minimum benchmarks and scenarios for employment and the environment. Ecological Economics, v. 42, n. 3, p. 429-443, 2002

PENDLETON-JULLIAN, Ann M.; DE CARLO, Giancarlo. The road that is not a road and the open city, Ritoque, Chile. Cambridge, MA: MIT Press, 1996.

PETERS, Thomas J.; WATERMAN, Robert H. In search of excellence. Nursing Administration Quarterly, v. 8, n. 3, p. 85-86, 1984.

PINNEGAR, S., MARCEAU, J., AND RANDOLPH, B. Innovation and the City: Challenges for the Built Environment Industry. City Future Research Centre, University of New South Wales.2008

QUASTEL, Noah; MOOS, Markus; LYNCH, Nicholas. Sustainability-as-density and the return of the social: The case of Vancouver, British Columbia. Urban Geography, v. 33, n. 7, p. 1055-1084, 2012.

ROGERS, Richard; GUMUCHDJIAN, Philip. *Ciudades para un pequeño planeta*. Barcelona: Gustavo Gili, 2000.

- RODRIGO PÉREZ DE ARCE. FERNANDO PÉREZ OYARZUN. Escuela de Valparaíso, Ciudad Abierta. Editado por Raul Rispa. Editorial Contrapunto.2003.
- SALIMI, Niloufar; NASTARAN, Mahin; ABADI, Ali. Social Sustainability, an Analysis of International Approache. Journal of Social Issues & Humanities, Volume 1, Issue 3, August 2013
- SALINGAROS, Nikos A. Complexity and urban coherence. Journal of Urban Design, v. 5, n. 3, p. 291-316, 2000.
- SALINGAROS, Nikos A. The Derrida Virus. telos, v. 2003, n. 126, p. 66-82, 2003.
- SATTERTHWAITE, David. The transition to a predominantly urban world and its underpinnings. Iied, 2007.
- SCHUMACHER, Ernst Freidrich. Small is beautiful. Crane Memorial Library., 2013.
- SEA. GOB. (SERVIÇO DE AVALIAÇÃO AMBIENTAL GOBERNO DO CHILE), Informação linea de base. Disponível em: < <http://www.sea.gob.cl/> > Acesso em: 13 fev. 2015.
- SECCHI, Bernardo. Primeira Lição de Urbanismo. São Paulo: Perspectiva, 2006
- SENGE, Peter M. The fifth discipline: The art and practice of the learning organization. Broadway Business, 2006.
- SNEDDON, Chris; HOWARTH, Richard B.; NORGAARD, Richard B. Sustainable development in a post-Brundtland world. Ecological economics, v. 57, n. 2, p. 253-268, 2006.
- STEAD, Jean Garner; STEAD, Edward. Eco-enterprise strategy: standing for sustainability. Journal of Business Ethics, v. 24, n. 4, p. 313-329, 2000.
- TURCATO, Carolina. O desenvolvimento sustentável na construção do coletivo através das interações em redes: o caso da cadeia rede justa trama. Dissertação de Mestrado UFRGS. 2011.
- TRAVESIAS EAD. Disponível em: < <http://travesias.ead.pucv.cl/>> Acesso em: 06 ago. 2015.
- VANWYNSBERGHE, Robert. The Olympic Games Impact (OGI) study for the 2010 Winter Olympic Games: strategies for evaluating sport mega-events' contribution to sustainability. International Journal of Sport Policy and Politics, n. ahead-of-print, p. 1-18, 2014.
- VARIOS AUTORES. Ha-Lugar de un encuentro. En Torno al Libro "El Acto Arquitectónico - 1ª edición - Valparaíso. Ediciones Universitarias de Valparaíso 2012.
- WEBER, Max. The theory of social and economic organization. New York. Free Press. 1969.

WILKOMIRSKY, Michelle; SARAIVA, Alison. PROJETO PARQUE CULTURAL E RECREATIVO AMEREIDA (SETIMA ETAPA). Disponível em: <
[http://wiki.ead.pucv.cl/index.php/Proyecto_parque_cultural_y_recreativo_Amereida_\(7%C2%AA_etapa\)](http://wiki.ead.pucv.cl/index.php/Proyecto_parque_cultural_y_recreativo_Amereida_(7%C2%AA_etapa))> Acesso em: 15 fev. 2015.

WILLIAMS, Katie; JENKS, Michael; BURTON, Elizabeth (Ed.). Achieving sustainable urban form. Taylor & Francis, 2000.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 3ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2005

YUNG, Esther Hiu Kwan; CHAN, Edwin Hon Wan; XU, Ying. Sustainable development and the rehabilitation of a historic urban district–Social sustainability in the case of Tianzifang in Shanghai. Sustainable Development, 2011.

8. ANEXOS

ANEXO 1: ROTEIRO ENTREVISTAS

Tipos de questionários:

TIPO A. Moradores CA.

TIPO B. Hóspedes CA.

ROTEIRO QUESTIONARIO TIPO A/B (só A) (só B)

Perguntas gerais dos **princípios de hospitalidade e hostilidade** presentes na Cidade Aberta.

- Qual é a sua relação com a Cidade Aberta? Por quanto tempo?
- **Como o princípio de hospitalidade emerge na Cidade Aberta?**
- Reconhece na comunidade da Cidade Aberta a presença do princípio de hospitalidade?
- **Como é a sua experiência como hospede da Cidade Aberta?**
- Pode reconhecer o princípio oposto à hospitalidade, de **hostilidade** na Cidade Aberta?
- Como o princípio de **hospitalidade** se reflete na cotidianidade da Cidade?
- Pode distinguir como a **hospitalidade** se manifesta em termos de equidade, inclusão, adaptabilidade e seguridade na Cidade?
- Como o princípio de **hostilidade** se reflete na cotidianidade da Cidade?
- Pode distinguir como a **hostilidade** se manifesta em termos de injustiça, exclusão, inadaptabilidade e inseguridade na Cidade?
- Considera a hospitalidade um princípio diferenciador da Cidade Aberta em relação a outras comunidades urbanas?
- **Tem um compromisso pessoal com o princípio da hospitalidade na sua vida cotidiana como hospede da Cidade Aberta?**
- **Tem um compromisso pessoal com o princípio da hospitalidade na sua vida cotidiana como morador da Cidade Aberta?**
- Considera a hospitalidade como princípio aplicável a administração de cidades maiores a Cidade Aberta?

Perguntas mais específicas relacionadas as regras de hospitalidade ou hostilidade presentes na Cidade Aberta.

Explicação de Regra: Esquema dedutivo que permite operações

- Observa **regras de hospitalidade** emergentes na comunidade? Como elas nascem? Como elas se mantêm no tempo?
- Observa **regras de hostilidade** emergentes na comunidade? Como elas nascem? Como elas se mantêm no tempo?
- Já teve dificuldades em observar e ou respeitar estas regras?
- Pode distinguir regras de hospitalidade ou hostilidade no **nível macro** (Cidade Aberta como um todo)?
- Consegue distinguir regras de hospitalidade ou hostilidade no **nível micro** (indivíduo)
- Consegue identificar regras de hostilidade ou hospitalidade no **nível meso**?
 - Relacionamento entre a Cidade Aberta como um todo.
 - Relacionamento entre a Cidade Aberta e as pessoas
 - Relações entre as pessoas.

Perguntas articuladoras do conceito de **Socio Sustentabilidade** com os princípios de hospitalidade e hostilidade.

Descrição do conceito de **Socio Sustentabilidade**:

Sustentabilidade: Relatório Brundtland é o documento elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, publicado em 1987. Neste documento o desenvolvimento sustentável é concebido como:

“O desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”.

Socio Sustentabilidade:

Uma condição de melhoria de vida nas comunidades, e um processo dentro das comunidades que podem alcançar essa condição. Mackenzie (2004)

Valores: Equidade, inclusão, adaptabilidade, seguridade.

Objetivos: Vida, trabalho, sentido de paz, brincar, aprender, participar, mobilizar.

- Considera que o fato de distinguir os princípios de hospitalidade e hostilidade pode contribuir para que uma comunidade se aproxime mais a sócio sustentabilidade?
- Quais das regras que se apresentam na comunidade levam a um desenvolvimento sócio sustentável?
- **Como morador da Cidade Aberta. Considera importante conduzir as ações de administração da comunidade a um caminho alinhado com a socio sustentabilidade?**

Perguntas que relacionam todos os aspetos do **modelo de Socio Sustentabilidade Urbana Complexa**.

- Consegue observar algum dos princípios da Teoria da Complexidade na dinâmica da Cidade Aberta?
- Considera que algum destes princípios é especialmente relevante dentro da temática de sócio sustentabilidade anteriormente descrita?
- Viveu experiências na Cidade Aberta relacionadas aos temas: Vida, trabalho, paz, jogo, participação, aprendizagem e mobilidade?
- Viveu experiências na Cidade Aberta relacionadas aos temas: Morte, desocupação, violência, aborrecimento, desinteiros, ignorância, quietude?

Perguntas relacionadas às semelhanças ou diferenças entre os temas analisados na Cidade Aberta e a vida da Escola de Arquitetura e Desenho da PUCV.

- Que relação existe entre a lógica de hospitalidade e hostilidade da Cidade Aberta e a Escola de Arquitetura e Desenho da PUCV?
- Poderia dizer que as regras que contribuem para a hospitalidade da Cidade Aberta também se aplicam na Escola?
- Observa algum tipo de projeto ou prática relacionada com a Sustentabilidade na Escola?
- Tem algum tipo de impedimento que leve a que o tema da Sustentabilidade seja adotado pela Escola?

Total: 30 perguntas.

ANEXO 2: LISTA COMPLETA DE MORADORES ATUAIS DA CA

1. Família Luza-Fernández (4 p)
2. Celdas dos solteiros (4 p)
3. Família Larraechea-Jolly (4 p)
4. Família Ivelic-Yanes (2 p)
5. Família Elortegui-Silva (2 p)
6. Família Caraves-Heimpell (3 p)

7. Familia Jolly-Parker (5 p)
8. Familia Lang-Ruz (2 p)
9. Hospede Johannes Hasse (Cubículo do poeta) (1 p)
10. Familia Santis-Wilkomirsky (3 p)
11. Familia Lorca-Cabezas (4 p)
12. Familia Chicano (4 p)
13. Familia Ivelic- Porcio (3 p)
14. Familia Balcells-Aguirre (3 p)
15. Carlos Covarrubias (Hospedaria da puntilla) (1 p)

Total: 45 pessoas.

ANEXO 3. ENTREVISTAS

1. Carolina Quinteros

NOTAS

- Vínculo com a CA? Ex-aluna, sete anos.
 - A hospitalidade e um processo de “formação” dos alunos da escola, e que se distingue quando não e cotidiano.
 - A hospitalidade e um conceito diferenciador da CA respeito a outras comunidades.
 - Receber a hospitalidade e subjetivo, tem a ver com permanecer. Não é o mesmo a hospitalidade que a bondade.
 - Caso experiência funeral Manuel Casanueva
 - Hospitalidade_ matizes, LIMITES (línea, a outra pessoa)
 - Não e suficiente pensar em hostilidade ou hospitalidade, o importante são os acordos em disso (Normativos) Passa a ser um ato político.função
- REGRAS
- Existe uma nova regra de hostilidade na CA, só e possível entrar com um guia da CA, só podes ser convidado a morar lá, ainda podendo ser rechaçado.

- SS. A H e H não são suficientes para SS, falta considerar outros valores mais normativos, porque o conceito é muito amplo.
- Qualidade de vida, é diferente para cada um, no caso a CA e SS porque permanece no tempo a mesma ideia de qualidade de vida para o grupo. Isso é algo que podem responder melhor as pessoas que moram ali.
- Eles têm construído regras gerais que superam as tensões.
- Primeiro a CA ou a EAD? Os princípios da EAD se transpassam a CA como uma utopia num tempo de utopias. É uma política sem sinala-lo.
Tal vez um anarquismo? Sim, tal vez.
- O conceito de SS é muito amplo, abstrato. É difícil entender o seu processo, a vida e dinâmica, tratasse de constante adaptação às novas regras.

Relevante conhecer os limites da hospitalidade e a hostilidade.

2. Ursula Exx.

- Vínculo CA? Ex Aluna. Visita semanal quartas para aula de Cultura do Corpo.

Depois professora ajudante de Taller de Amereida, participação em almoços, reuniões, etc...

- A Hospitalidade, primeiro é uma relação com as Hospedarias, onde ninguém é nem interno nem externo. Existe uma horizontalidade no modo de viver, ser par.

Sempre me senti bem-vinda, portas abertas, mas sempre foi como uma visita, em situações esporádicas. (Atos, aulas, eventos...)

- No discurso eles fazem aparecer a hospitalidade, e isso naturalmente impõe valores ou gera uma determinada atitude.
- Respeito à Hostilidade vejo críticas que surgem do mundo do prático, mais nada que eu tenha vivido.
- Não é o mesmo falar de “seguridade” num espaço aberto quase rural onde fica a CA a que numa cidade normal, são escalas muito diferentes.
- A hospitalidade é uma característica diferencial da CA respeito a outras comunidades?
Posso responder a isso falando de uma experiência. Existe uma vez por ano uma janta que é preparada pelos professores para os alunos de primeiro ano (70 mais ou menos) onde eles servem aos alunos. Isto mostra uma horizontalidade, que não é

comum nos ambientes tradicionais de ensino. Normalmente a pirâmide seria o natural.

Isto se repete quarta a quarta quando tem um encarregado na CA de receber aos estudantes que participam de Taller de Amereida e da aula de Cultura do Corpo.

- Estes tipos de ações são aplicáveis em outros contextos ou escalas? O relacionado a sala de aula sim, porque essa escala é parecida, e abordável. Mas numa cidade maior acho muito difícil.
- REGRAS. Eles conformam uma Corporação, o que não é casual, existe uma planificação. Também nas Ágoras onde se tomam decisões de todos. Existem os modos de tomada de decisão em “Ronda”, o que não é democrático como usualmente entendemos por que é uma decisão coletiva. É uma constante criação coletiva. É uma democracia, mais não por voto, mas por acordo.
- ESCLALA. A escala desta comunidade permite enfrentar melhor certas decisões, permite o debate.
- SS. Penso que é um tema de deveria ser pensado desde o prático, tudo o que for alinhado com a SS. Desde o tema do lixo para acima.
- CA e EAD. Não são separáveis porque são as mesmas pessoas. É uma coisa só.

As travessias e a vivência da CA regularmente permitem uma experiência da hospitalidade que uma aula tradicional não fomenta.

3. Oscar Andrade

- Relação com a CA? Eu moro na CA há um ano mas como hospede. Não sou cidadão aberto. Minha participação nesta comunidade é muito simples.
- HOSPITALIDADE.

Desde dois perspectivas 1. O doméstico. Moro nas Celdas dos solteiros, no meio da CA, muito visíveis. Manter a ordem sempre para qualquer um que possa passar. Mas também é cansativo estar sempre preparado mesmo domingo de manhã.

2. Atos. Momentos muito construídos, desde grandes eventos até cuidar quando tu voltas de uma viagem para te convidar a jantar e te receber. Em eles existe um sentido da ação junto com o discurso, uma coerência. Não sei como isto surgiu no começo.

- HOSTILIDAD

Penso que é como estar fechado a o que o outro possa trazer.

Isto não é assim na CA, porque sempre tem Workshops, ou experiências criativas com outros grupos de estrangeiros ou artistas, e existe um constante recebimento a outras posturas criativas. Penso que vivemos em uma hospitalidade criativa.

Assim, as coisas acontecem com o “consentir”, incluir ao outro. Não é democrático por número, é uma internalização de uma situação que aceitas por sobre a tua individualização. É a soma do individual e o coletivo para tomar decisões.

- Hospitalidade um princípio diferenciador da CA respeito a outras comunidades?

Sim, porque está presente, latente, algo coletivo, e sempre algo ou alguém o lembra.

Não é uma coisa protagonista das cátedras, e um disser e fazer.

- Tem um compromisso pessoal com o princípio da hospitalidade?

É uma comunidade complexa, pessoas diferentes, distintas idades, crianças e velhos, todos juntos. Assim eu fui compreendendo a consideração de todos, observando como eles o fazem.

- Pensas que é possível desenvolver este princípio em uma comunidade de maior escala? Considero dois aspetos 1. Número, conseguir a participação de todo, coordenar e inventar um modo para outra realidade. 2. Liberdade. Na CA se tu quiser fazer faz, não é uma imposição, imagino que a complexidade de esta liberdade é fundada nas suas bases religiosas ou filosóficas.

- Percebes regras de hospitalidade ou hostilidade na CA?

Eles operam com a ideia de “consentir” para tomar decisões, e isto opera toda a estrutura da *Ágora*. Vão se expondo os temas um a um, todos vão consentindo ou não com isso. Existem quatro *Ágoras* ao ano, uma por cada estação e outras circunstanciares para resolver temas mais específicos.

- Podes identificar escalas micro, meso ou macro dentro de estas dinâmicas? Bom, o fato de tomar decisões com o modo do consentimento permite a mudança entre escalas ou a interação de elas, de um querer pessoal a um querer da comunidade, assim e a matéria coletiva. A *Ágora* é o espaço que funde os níveis
- SS.

Pelo que eu compreendo a Sustentabilidade tem a ver com atuar hoje a consciência com o futuro. Nesse sentido na CA se vive ligado à poesia, a um presente poético. Não se pensa no futuro como um número. Pensa-se nas obras de hoje para as pessoas que hoje habitam elas.

Lembro-me de ter participado num congresso na Cuba onde souberam que no começo da revolução enviaram uns cubanos a conhecer o sistema da CA, para entender

como eles conseguiam permanecer em aquela ideia. Mas se encontraram com uma resposta poética que não fez muito sentido para a realidade deles.

- CA v/s EAD. Os princípios da CA não se aprendem necessariamente como aluno da escola, mas sim morando lá. São valores muito profundos da CA então o alcance aos alunos é limitado.

4. David Luza.

-Vínculo com a CA. 1994 parte. 1998 socio.

- HOSPITALIDADE. É uma filosofia, se localiza por meio de certas indicações, e não é exercitada sem que alguém a requer. Tem que existir outro para que ela apareça. Estão escritas certas orientações, mas é quem chega que faz ser, quando o outro é recebido sem discriminação. Nossa hospitalidade é ante o que o outro faz, seu ofício. É também uma dimensão poética, que incorpora os ofícios de todos, sem preconceito.
- HOSTILIDADE. Existem diferenças naturais, mas não ações de hostilidade intencionada. Por exemplo, no verão às vezes aparecem visitantes não desejados na forma de invasão e não de visita.
- REGRAS. Orientações só. Escutar a todos, orientações particulares e gerais.
- ESCALA. Nossa regulação precisa que as pessoas se conheçam isto diminuiria em grupos maiores.
- SS. Hoje na CA vive um biólogo com a sua mulher bailarina que tem ajudado a entender temas ambientais, reconhecemos como uma área “silvestre urbana”.
- EAD v/s CA. A CA nasce como uma reação à como as coisas se fazem na EAD. É uma empresa poética que vem da pedagogia. Uma não contém a outra.

5. Carlos Cobarruvias.

- Vínculo CA? Fundador, dos primeiros em viver lá. Primeiro 22 anos com a família, logo voltei agora há pouco.
- HOSPITALIDADE
- É a palavra chave da CA. É fácil de definir mais e complexa de levar a ação. O que temos feito a vida inteira é estar disposto a ouvir ao outro, e ao mesmo tempo ter a vontade de dizer quem somos. Tu não podes exigir ao outro que fale quem ele é, sem ter falado primeiro por ti. Acontece um encontro que permite aparecer aos dois.

- Vínculo pessoal com a HOSPITALIDADE? Por suposto, não e uma norma nem uma lei, e algo muito íntimo.
- Existe um escrito que deixe estabelecido isto como algo comum? Por muito tempo nos quisemos ser oral, cuidar o presente, e não estar sujeitos a regras escritas, mas hoje temos muitos escritos. Eu penso que no fundo os membros da CA levam isto no coração, como se tivessem se empapado o coração de isto desde o princípio.
- HOSTILIDADE. Como em todo da condição humana existem muitos momentos assim, mas a CA se joga no “cada vez”. Mostra-se ela mesma sempre além da academia ou discurso.
- Os princípios observados na CA poderiam se introduzir a comunidades urbanas maiores? E o mesmo que passa com os 10 mandamentos católicos, todo e não... Mas a hospitalidade neste caso e o único “SIM”, além de todos nossos outros “não” ter domínio de um frente aos outros, não ter riqueza, etc...
- Poderíamos dizer que a hospitalidade fosse como um guarda-chuva? Em ela se agrupam mais valores? Claro, em ela pode resumir-se todo, porque na minha ideia, conclusão, quando Cristo resume também os 10 mandamentos no “Amar ao próximo como a ti mesmo”, o mandamento do amor... E isso mesmo com a hospitalidade. No amor cabe todo, cabe à natureza, o desconhecido, o outro, e cabe tu mesmo, é um olhar ao total. A hospitalidade tem a ver com o absoluto reconhecimento do outro, que é distinto a mim. Então quando tu esperas e permite ao outro que fale o que o outro é e quer disser, o reconheces e ofereces tu hospitalidade, teu tempo. Tu provocas aquela opção. Se por alguma razão tu não deres aquela opção, as coisas não aparecem e aparecem como ruins ou feias ou pobres. Tu as diminuis, porque não deixas elas ser.
- Isto de ouvir ao outro e traspasado da CA a EAD ou ao invés?

Somos os mesmos, a CA nasce deste grupo original “dos velhos” que vem de Stgo, e começam a reformular a Escola de Arq. que já existia, logo aparece o projeto da CA. Também surge Amereida, a primeira travessia. A Faculdade de Arquitetura e uma instituição e a CA uma Corporação com todas suas obrigações.

- Existe alguma simpatia da CA com o conceito de SS. E existe um modo em que os valores da CA possam aparecer em cidades maiores? Sim e não. A CA é tão especial, pequena, tratar de levar uma experiência assim a comunidades com outros costumes... A CA é muita criança ainda, muito fresca. Vai permanecer assim com sua alma jovem cheia de carezas, permanecendo na “gratuidade”.

Uma palavra muito importante, que permite aos membros permanecerem unidos, não por comércio nem negócio. Assim ela permanece com a sua beleza e sua juventude.

6. Iván Ivelic

□ Algumas das coisas que são os princípios que sustentam a CA, esta a não acumulação de bens, não violência, etc.. Todo isso tem uma figura legal na Corporação Cultural que antes era a Cooperativa. Agora para manter aquilo princípios, que emergem de uma dimensão poética, a que devemos definir e afinar. Muitas vezes o poético que se declama na CA se entende como muito lírica, mas a pergunta de como fazer a CA e muito mais profunda que ouvir um trovador. É pensar em como se habita poeticamente sobre a terra.

Não e fácil aprofundar na dimensão poética na qual nos movimentamos. E muito pero a o que escreveu Rimbaud, de que o poeta vai diante da ação e não atrás. O poeta e vidente, a poesia ilumina-nos. Permite-nos entrar numa dimensão não linear do pensamento arquitetônico. E um grande capítulo.

- Como isto pode aparecer na originalidade de outras comunidades? Existem muitas comunidades que surgiram antes ou depois da CA em vários lugares do mundo, que por distintos motivos não permaneceram no tempo. Falar de utopia (u-topos , sem lugar) mais a CA e justamente o oposto, e aqui e agora, neste lugar. Más tem uma dimensão de utopia dado que a sociedade atual vá à outra direção, acumulando bens, propriedade privada, o individual por sobre o coletivo. Nesse sentido a CA não e repetível como CA, mas alguns desses aspetos podem iluminar outro modelo.
- Tem construído alguma regra? Um acordo? Que permita permanecer no tempo?
Quase todo o que nos constitui não tem se delimitado nem caído no chão porque temos regras, princípios, essenciais da origem mais com algo chave, tem a ver com “sempre o mesmo mais nunca igual” na sua forma isso pode mudar, todo muda, mas a essência deles permanece. Então a chave e manter aqueles princípios com outra forma.

Na CA tem entrado e saído muitos por diferentes razões.

- Eles saem por HOSTILIDADE? Não porque também um dos princípios e “Se entra sem mérito e se sai sem culpa”
- Onde isso esta escrito? Não sai se este escrito. Existem muitos princípios orais.

A dimensão poética tem a ver com a plena liberdade poética de cada um.

Se poderia pensar num modelo muito perfeito, como um mecanismo de sociedade sócio sustentável, mas não teria a luz, a chama, a inspiração, que em nosso caso e poético, mas para outros e a religião, a filosofia, espírito, etc..

Um grupo SS não e sustentável só pela sua estrutura.

- Dentro da investigação científica claro existem certos parâmetros repetíveis, más pode ser uma parte substancial outros aspetos menos tangíveis, próprios de não ser

um, pensar no coletivo. Isto leva a melhor qualidade de vida, a transcendência, coisas que devem iluminar ao grupo para que fique conexas.

- Assim podemos pensar na SS num formato pequeno de pessoas? E tenho percebido na Sustentabilidade o tamanho “discreto” que não é nem grande nem pequeno. Exemplo das Cooperativas de Vivenda Social que estrutura Argentina, da muitos bons resultados, autoconstrução, cooperativas, etc..
- Eles operam assim legalmente, todo o país. Um grupo de pessoas devem se agrupar na orgânica de uma cooperativa para poder gerar subsídios. Assim eles sentem que pertencem a isso, e depende de um determinado tamanho. O mesmo passa nos países nórdicos, eles são bastante sustentáveis não só pelo dinheiro que tem, mas sim por cidades pequenas quase povos, dispersos num território como uma red. Cada um dialoga com o contexto do território. Achar aquele tamanho pode ser uma pesquisa interessante.
- Qual é o tamanho adequado para a SS? Tem a ver com o discreto.

A CA perderia sua potencia ao carecer? Depende que significa discreto para a CA. Desde sua formação nos anos 70 até hoje sempre volta a ter um número de 40 pessoas, e seu equilíbrio natural. Assim o grupo permanece coesivo, participativo em torno a atividades.

- É importante que uma tese não feche a pergunta. Podem se definir um modelo SS mais seria interessante deixar aberta uma segunda hipótese: Qual é a chama que mantém unida uma sociedade? Ferramentas, dinheiro, forma sempre funciona, mas o chamado além é o que permite resistir.
- Seria interessante observar um modelo que tenha se sustentado pela religião, outro pela filosofia e outro como a CA, e analisar suas operações. Tal vez isto trará luzes para um modelo possível, mas depois fica a segunda pergunta aberta...
- Nos interessa muito a tua investigação porque são perguntas que nos obrigam a revisar nossos supostos, que devemos manter vivos, e sair dos dogmas que quando são fixos, não abrem as mudanças necessárias.
- A Igreja Católica está trambaleando hoje por ter entendido aqueles dogmas rigidamente, e não se adaptarem a cada ser humano. É a pergunta fundamental de pessoas frente ao grande mistério da existência, do incompreensível.
- Todas as expressões religiosas, são relações humanas frente ao desconhecido, sair do ego. E hoje sempre se interpõe o ego ante todo.

- Os ex-alunos têm saudades da escola como ela era, mas ela não pode ser igual, ela deve se adaptar a todos os tempos. Manter ela da melhor forma hoje.
- Segue sendo a CA, aberta realmente? Ela é aberta porque se pergunta sempre como e onde existe cidade, ela e cidade porque sua principal dimensão é desde a hospitalidade, de receber ao outro, no dialogo, na mesa, nos passeios.
- Desde o 2013 estamos na área urbana realmente, antes pertencíamos a área rural do plano regulador.
- Agora devemos adaptar a isto.
- A EAD dá alguma aula de Sustentabilidade hoje? Não de forma explícita, são temas produtos de nosso particular modo de ser. Por exemplo, o fato de pensar a arquitetura desde o lugar, o contexto, as pessoas, isso e o mais sustentavelmente adequado, lindo as necessidades deles. Cultura local, expressões, geografia, etc.. E gestão de todos estes aspetos.
- Há pouco tempo vem se desenvolvendo uma equipe multidisciplinar que faz uma avaliação geral da CA frente às possíveis ameaças do crescimento urbano vizinho. Hoje ela se define como Parque Humedal, mas pelo fato de ser propriedade privada deve argumentar muito bem como isto opera.

Agora e chamado um Parque Costeiro y de Recriação Cultura, reconhecendo mais valores de nossa comunidade.

- Estudos de Linha de Base, um levantamento de valores de este seccional. Também se poderia argumentar o fato de ser Reserva da Biosfera, mas nesse caso não poderia funcionar como uma propriedade privada.

Assim uma consultora reúne especialistas para fazer um Estudo de Impacto Ambiental (SEIA, Estadual)

Por outro lado estamos tentando recorrer a uma lei de doações culturais, mas isto também restringe muito as atividades que possam acontecer dentro dela.

7. Miguel Eiquem

J: Interessa-me o tema da Sustentabilidade Social, a qualidade de vida de uma comunidade urbana. Um processo de melhora constante nessa qualidade de vida

M: Existem certos limites para julgá-la?

J: Justamente de isso trata a minha pesquisa, entre outras coisas, nasce de uma crítica ao modelo de SS de Vancouver, e pretende avançar em distinguir um novo modelo. Tal vez a CA sem propõe-se ser SS consegue ter aqueles valores.

M: Temos que ter muito cuidado com entender o que tem querido se dizer dela como cidade. Porque se comparamos ela com as cidades nas quais moramos, não tem nada a ver. Não é comparável. Por exemplo, ninguém vive da CA, fora de dos funcionários, um vigilante que cuida os limites do sítio, mas a Sra. Olivia que cuida da cozinha e da Sala de Música. Porque fazemos um almoço todas as quartas feiras preparado para todos, mas que precisa que alguém nos ajude para poder fazer isto para tantas pessoas. Em todo sentido não é comparável com uma cidade, mas chama-se cidade porque em ela contém todo o que pode pensar o ser humano numa cidade, todo se pode propor. Elementos que faltam para a esta convivência podem ser propostos e podem ser estudados, nesse sentido é ABERTA a todas as iniciativas e empreende-las. Nesse sentido é uma cidade em construção.

As cidades que conhecemos estão sempre em construção mais num crescimento a partir do que já tem construído, ou re-construindo. Melhoras das instalações, a quantidade de habitantes. Surgem assim problemáticas maiores como a circulação, numa cidade grande como Santiago a circulação deve ser pensada em vários níveis pela sua densidade atual, por isso surgem níveis além do eu próprio solo.

No tema habitacional também a densidade exigiu prédios torres, repetições do céu para acima, cada vez que sobe um a cidade em certa forma se duplica. O solo não é capaz de conter todo. O que se faz para acima se faz para abaixo. É mais caro o que existe hoje baixo do solo das cidades que acima, por isso não é visível e os prefeitos sofrem. Eles estão forçados a melhorar as praças só para que o investimento seja visível. É tão grande aquele gasto técnico que as pessoas não compreendem por que é tão difícil fazer redes baixo o chão. As pessoas normais não compreendem isso, parece exagerado.

J: Mesmo nesta diferença de escalas, da CA em comparação a uma cidade normal, o valor da HOSPITALIDADE poderia acontecer numa cidade maior.

M: Não, por nenhum motivo. A CA não pretende ser um modelo, nós a entendemos com sua poesia que admite, compreende, admite e recebe a toda a humanidade, a todos os seres humanos, sem importar raça, educação, preparação.

Uma cidade deve sustentar todas as condições humanas. Assim então se tivermos um acidente na CA tem que correr a cidade mais próxima. Já tem acontecido isto, por isso ninguém deve estar trabalhando sozinho ali.

Então é uma cidade incompleta, ou outro nome.

J: Uma comunidade urbana?

M: Tampouco, não trabalha como comunidade, não é nem religiosa, nem social, nem de nenhum tipo de seta. Eu acho que no exterior nos confundem muito e somos um exemplo de uma comunidade, uma forma social, e por isso se interessam, mas não pela arquitetura, que é a nossa experiência. Mas é justo isso o que não compreendem. Por exemplo, o Cimenteiro tem se transformado numa coisa muito importante, no Cristianismo ele tem muito sentido, e simbólico. Sabemos que o corpo desaparece pelos bichos, os corpos deixam de servir, as coisas orgânicas se desnaturalizam. Nada pode se recuperar de um cadáver. Os novos corpos que vamos a ter ao outro lado é um corpo glorioso, distinto, com outra física. Como o corpo de Cristo que nenhum objeto material o denteia, ele tinha outra velocidade do pensamento. Se podia conversar e comer com ele, tinha nossa temperatura, todo parecido, mas ele estava imerso em outras leis físicas, podia aparecer e desaparecer. Esta é uma propriedade física da matéria que não temos.

Assim existe um mundo físico que não sentimos nem vemos, mas devemos aceitar que existe. Como os fantasmas para as crianças. Existem outros mundos com os que convivemos sem perceber.

Mas no que estamos falando as pessoas se negam a aceitar algumas coisas, mesmo com as nossas leis físicas. É muito mais importante o que nossos sentidos não podem nem ver nem existir.

Em dimensões um científico falaria o seguinte, o corpo humano estando no centro do universo, e tanto o caminho para fora como para dentro, em relações matemáticas.

J: (Penso na micro e macro física de Bachelard)

M: Por exemplo, qualquer parte nossa, pele, corpo, sangue o som, o que tu quiseres, é feito de moléculas, que são diferentes para todos os materiais, finalmente temos todos os mesmos átomos. Nada se perde depois da morte tudo muda.

Que são os átomos? Um problema elétrico. Isto se aceita porque a matemática explica todo isto, porque são coerentes com as formas matemáticas. Não podemos comprovar isto pela escala mais assumimos incluso o cruzamento das ondas, radiações, etc... É fantástico. De onde vêm todos estes mistérios? Este caminho ao interior é tão dilatado como ir até as estrelas. É um caminho que não temos como ver com telescópio, mas sim com microscópios.

A radiação luminosa que captamos com os olhos são tão pequenos que não podemos ver.

J: Assim então a CA vive num mistério de temas que não podemos explicar como a SS?

M: Entre nós podemos falar dela mas para outros teríamos que pensar em uma forma mais lógica de explicá-lo, porque não a conhecem. É uma visão poética sobre o mundo. Queremos ver o mundo com essa visão poética. Alguns podem pensar que é uma visão religiosa, mas todo bem como pensem os demais. Se tu vêes ela assim então fica com isso. Pra ti é religiosa.

Porque fazem tais e tais coisas? Cada olho mira diferente. Por exemplo, o poeta que propôs a CA não queria um cemitério, ele surgiu de um acidente porque morreu o filho de Ignácio, afogado no esteiro, então o que todos queremos era poder conviver com ele, ter ele presente. Mas foi algo acidental. Assim é então é uma cidade acidental, como as outras cidades também.

É complicado pensar nesta vida e a outra, e que devemos guardar e não guardar. Sabemos que o cemitério é simbólico.

Nossa origem nunca perdemos.

J: Também eu gostaria de saber como tu vives outro conceito da CA. A hospitalidade.

M: O poeta definiu regras para que pudermos viver.

J: Elas estão escritas em algum lugar?

M: Deveria ter a Vitoria que neste momento é a Presidenta da Corporação. Entre os papéis deve ter guardados os fundamentais.

A sentença número um é a HOSPITALIDADE. Se pudermos botar um letreiro na porta da CA seria aquela palavra, mas as pessoas de fora vão entender isso como

hospedarias. Por um tema do pano regulador as casas não podem se chamar assim e por isso chamam-se hospedarias. Ninguém é dono delas. Incluso tem chegado pessoas a pedir para ficar, então são bem-vindos em virtude dessa hospitalidade. Mas a hospitalidade do poeta não é dar uma barraca e permitir passar a noite, essa é uma ajuda material. É outra hospitalidade do espírito, e ouvir o que o outro que disser. Para eu estar aqui sentado tentando te ajudar com teu problema, essa é a hospitalidade. Ouvir do outro, o mais difícil do ser humano porque sempre nos estamos projetando com o futuro. Olvidando as coisas mal feitas e perfeccionando como fazer no futuro. Nossa tarefa no tempo é essa.

Então dar hospitalidade e parar, deter-se. Acreditar que o outro tem um aporte para algo. Para que entre outro mundo que eu não conheço.

O segundo ponto importante da fundação da CA é não a poder, quem tem que governar é escolhido mas faz por serviço, um sacrifício, ele nega parte da sua individualidade para servir a todos os demais. Governar aquilo que não é dele. Nem é para ele. Assim é não querer politicamente governar, sem poder.

O terceiro ponto seria o não acumular riquezas, se ela vier bem-vinda, se tivermos aqui um rico que possa ajudar, fantástico. Poderá fazer coisas que hoje não podemos mais não vamos perseguir a acumulação de riqueza. Na sociedade atual o rico não tem limites de lucro. Não aumentar o que sobra.

J: esta seria também uma regra? São regras?

M: Claro, são regras que permitem conviver.

J: tem mais?

M: Estas são as principais.

J: Estas regras mudam no tempo?

M: Do futuro não posso dizer, podem se dizer de melhores maneiras. A hospitalidade poderia ter palavras que a acompanhem para ampliar aquela palavra. Por exemplo, negar ao poder, deveria seguir com distinguir que tipo de poder...

J: Vancouver usou as palavras de inclusão, adaptabilidade, equidade e seguridade para explicar estes valores, os quais para mim têm muito a ver com a hospitalidade.

M. A CA deveria ter um seminário sobre a HOSPITALIDAD a partir do significado latino, e todas as possibilidades que surgem dela.

J: E que passa com o oposto da HOSTILIDAD?

Claro, temos robôs, já vimos que saem carros com coisas nossas. Por isso o portão novo. Temos muitos sendeiros que cruzam, cortam caminho.

No cemitério não se pode usar uma placa de mármore porque seria roubada. Tivemos experiências horríveis disso. Inclusive áreas que já nunca mais podem ser construídas. Sempre existirão pessoas que não toleram o que não compreendem, então destroem. Esta é a chave da política atual, destruir o que não se compreende.

J: Derrida disse que a palavra tolerância não devia existir ao compreender a hospitalidade absoluta. Não tem porque ser tolerado algo aceito como diferente...

M: A propósito existem palavras muito boas em francês que não podem se traduzir. Existe uma palavra "some" que é se fazer desaparecer um ladrão, por exemplo, e uma coisa que não podemos fazer. Deveríamos construir antes uma prisão. Para

defender-nos dos malvados. Más não podemos eliminar essa pessoa, só defendermos, nem mesmo pensar em educa-lo.

J: Existe um alheio de que a CA crescer?

M: No sentido que foi criada não podemos desejar nenhuma coisa. Desde o início quisemos que estivessem representados todos os ofícios. A arquitetura é um ofício complicado, porque ela deve dar lar a todos os ofícios, deve conhecê-los todos.

Quando tu pedir para um arquiteto fazer a tua casa, eu devo saber como tu trabalhas, entender todas tuas preocupações, devido a que se apresenta aquele caso.

Então temos que interessar-nos e estudar a cada pessoa, e para o ser humano, e confundida com a construção, com o jeito de fazer paredes.

Isso pode saber qualquer um, basta tocar um muro para começar a conhece-lo. O arquiteto pensa nas dimensões, nas vistas, no sol, nas profundidades. Podemos até desenhar uma casa para observar o céu.

O arquiteto pensa no que não e material, no ar, a luz, a agua... Os invisíveis. As forças da terra são invisíveis, mas existem, e por poder dominar elas, vivemos. E o principal? O ser humano. Vive e se movimenta. Logo dentro do corpo o espírito que fala, a língua só obedece aquele espírito que nos habita, um quarto invisível.

Um estudante pode ficar chateado e sair desta escola por isso, por estudar o que não vemos, por não gostar disso.

Tu te dá conta o difícil que e falar do fundo das coisas, porque vivemos uma vida simbólica falando o que não é.

J: Tenho que ter muito cuidado em falar da CA de um jeito que não seja mal interpretada.

M: Verdadeiro sentido, CA: cidade do aberto. Que vá até o aberto. Podemos seguir conjugando aquela abertura. É aberta porque não segue os regulamentos fechados da cidade de fora. Aqui se detém os regulamentos da cidade de fora porque se adquire uma liberdade de vida e relações entre pessoas. Não e preciso estar se defendendo do que o outro quer fazer para seus interesses. O mundo gira na base dos interesses dos outros, a desconfiança. A CA é com o trato da confiança, deve existir uma amizade real, na qual não e preciso explicar nada. Se vive na confiança do outro, o que está no conceito da hospitalidade.

Sabes onde começa esta hospitalidade da qual estamos falando? Começa com cada um que deve dar-se hospitalidade. Sempre que começamos uma travessia, e sabemos que estaremos com estudantes que vivem de outras maneiras e as vezes seres humanos muito imaturos, (os novos) antes de sair lhes falamos que e uma aventura, planificada, pretendemos cumprir algo mas sabemos que o mundo inteiro está contrário de que seja cumprida. Essa e a aventura, o que realmente vai acontecer. Uma coisa e o panejado, outra e quanto resulta, más tentamos.

Assim a aventura significa ir a outro lugar, do continente ou do Chile a nos encontrar com pessoas que não conhecemos outros costumes. Sabemos que falam escondendo o pudor da sua própria pessoa, o outro e um desconhecido. Insistimos nisso, por nossa proximidade com a poesia. Se sairmos com uma real consciência de estar aberto a outro ser humano desconhecido, realmente vamos a nos enriquecer, receber um aporte do mundo, de outros mundos. O primeiro desconhecido da viagem serão eles mesmos, cada um. Este e o aporte da CA ao continente.

A universidade consiste nisso, uma vez saído do colégio, em que os professores eram a prolongação dos pais, ser como eles. O colégio faz isso, mas a universidade é para se encontrar com o universal e se conhecer a um mesmo, entender qual é o teu rol no mundo, tua vocação. Eu fiquei feliz porque em segundo ano um aluno me falou que realmente queria ser músico, eu tinha entrado aqui para comprazer a meus pais. Eu dei meus parabéns para ele e mostrei-o aos demais como um exemplo, muito bem! A vida toda é uma universidade, porque vamos ajustando a nossa missão na vida.

Eu sigo aqui na escola porque tenho companheiros que vão me trazer sempre notícias de mundos fantásticos que eu já não vou conhecer mais, estou tentando continuamente fazer minha vocação. Considero-me um Leonardo, estar sempre dentro de uma obra, novas máquinas. Antes de dar aula tenho que estar numa obra. Só podemos ensinar aquilo que podemos fazer y sabemos fazer.